



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Linguística – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NO ESPAÇO MARANHENSE

CIBELLE CORRÊA BÉLICHE ALVES

Brasília – DF
2015



Universidade de Brasília – UNB
Instituto de Linguística – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

CIBELLE CORRÊA BÉLICHE ALVES

PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NO ESPAÇO MARANHENSE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de Concentração: Linguagem e Sociedade
Linha de Pesquisa: Língua, Interação Sociocultural e Letramento
Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Marta Pereira Scherre

Brasília – DF
2015

PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NO ESPAÇO MARANHENSE

CIBELLE CORRÊA BÉLICHE ALVES

Banca Examinadora

Membros titulares

Prof^a. Dr^a. Maria Marta Pereira Scherre
Orientadora/Presidente
Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Dr^a. Conceição de Maria de Araujo Ramos
Membro efetivo externo
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof^a. Dr^a. Loremi Loregian-Penkal
Membro efetivo externo
Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro-PR

Prof^a. Dr^a. Cibele Brandão de Oliveira Borges
Membro efetivo interno
Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Dr^a. Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles
Membro efetivo interno
Universidade de Brasília - UnB

Membro Suplente

Prof^a. Dr^a. Ulidete Rodrigues de Souza Rodrigues
Membro efetivo interno
Universidade de Brasília - UnB

Para *Marina* e *Stela*,
por me fazerem entender o sentido de “ser mãe” e de “ter mãe”.

“Pedras no caminho?
Guardo todas, um dia vou construir um castelo...”
Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

“Onde um lúcido menino
propõe uma nova infância.
Ali repousa o poeta.
Ali um voo termina,
outro voo se inicia.”

José Paulo Paes

As palavras que me saltam do coração e repousam nesta página são, no mínimo, breves para expressar todo o sentimento de gratidão que tenho pelas pessoas (presentes ou não) que ajudaram para que “este voo” terminasse. Assim, sou grata:

À Deus, fonte de vida e de força, pela oportunidade de “voar” por esses caminhos e, aos guias de luz, por me conduzirem sempre.

À minha mãe Stela, que não “poupa” esforços diários para me mostrar que os estudos são a herança que ela nos pode deixar; a meu irmão Raphael, pelo cuidado e incentivo constantes e, a minha pequena Marina, que chegou sem avisar e agora caminha, junto a mim, em novos voos.

Aos meus avós, Almerinda e Penha, que, enquanto vida tiveram, me mostraram que “o caminho da escola” é o melhor a ser seguido.

À minha tia Pretinha, por dispensar seus afazeres domésticos para cuidar da minha filha.

À minha orientadora Marta Scherre, que aceitou ser minha parceira nesse voo e contribuiu, com entusiasmo e profissionalismo contantes, para o meu amadurecimento profissional. Obrigada por acreditar no meu potencial e, sobretudo, por amar meu trabalho tanto quanto eu. Parafraseando *Bachelard*, essa é a prova de que os sonhos acadêmicos são compartilhados por inúmeras almas.

À professora, amiga e “mãe científica” Conceição, pelo incentivo desde o primeiro voo com a iniciação científica, pela busca incessante dos textos que ajudaram a compor este e tantos outros trabalhos e, sobretudo, por acreditar mais em mim do que eu mesma.

Ao amigo Alfredo, codinome “criatura”, por ter me acolhido em Brasília e por me permitir ter uma morada onde pudesse repousar a saudade dos que deixei quando parti em busca de um sonho acadêmico. Sem essa ajuda inicial, nada disso seria possível.

Aos amigos de “plantão”: amie Alana, pela companhia de vida e pela ajuda na codificação; Wendel, amigo de “muitos cafés” e companheiro incansável de análises linguísticas. A Arthur, Juju e Zuleica, por vibrarem com mais essa conquista.

Aos professores do Projeto ALiMA: Mendes, por também me iniciar no fascinante mundo da pesquisa, e Fátima, pela delicadeza no trato e incentivo constante, e aos auxiliares de pesquisa, pela oportunidade de fazer parte dessa equipe.

Aos amigos da UnB, Carolina, Cíntia, Carina, Carlucio e Juliana e, em especial, à Ana e sua família (João, Nagib e Edi) por tornarem os dias na Capital mais alegres e “menos frios”.

Às professoras Heloisa Salles e Cibele Brandão, pelos valiosos ensinamentos durante as aulas e pelas contribuições dadas durante o exame de qualificação, o que muito contribuiu para a conclusão desta tese.

Ao departamento do PPGL-UnB, pela cordialidade, e, às secretárias Renata e Ângela, pelo carinho com que sempre me trataram.

Aos meus informantes, por compartilharem comigo parte de suas vidas e de seu modo de falar.

À Capes-Reuni, pelo auxílio financeiro durante três anos da pesquisa.

Enfim, a todos aqueles que, diretamente ou indiretamente, acreditaram em mim, me dando força para (re)fazer planos e (re)direcionar novos voos.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de doutorado, intitulada “**PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NO ESPAÇO MARANHENSE**”, que tem como objetivo geral analisar a variação da segunda pessoa em uma dimensão entre e intrafalante. Configurando-se como um tema de pesquisa de interesse para os maranhenses – a saber, as peculiaridades do seu sistema pronominal de segunda pessoa, em que se destaca o uso do pronome *tu* –, a pesquisa tem como foco principal a configuração do sistema de tratamento mais próximo da realidade linguística do Estado, identificando, a partir da fala de ludovicenses escolarizados, os contextos e as variáveis linguísticas e sociais que estão regulando o uso daquela que, para muitos, é a marca linguística do falar maranhense: o *tu* seguido da concordância. O *corpus* selecionado para este trabalho é composto de dados de fala de um grupo de falantes que tinham como centro dois colaboradores alvo, um homem e uma mulher, gravados em situações de interação, a partir de observações participantes, uma das alternativas metodológicas de fugirmos da fala formal da entrevista, ou seja, observando “a pessoa em seu contexto social natural – interagindo com a família ou com seus pares” (LABOV, 2008 [1972], p. 63). O aparato teórico-metodológico utilizado é o da Teoria da Variação, proposta por Labov (2001, 2008 [1972], 2010). As discussões teórico-metodológicas, do ponto de vista da variação intrafalante, vão ainda ao encontro de Bell (1984, 2001) e Irvine (2001). A análise quantitativa dos dados foi feita através dos programas *Varbrul* 1988 e *GoldvarbX* 2001, e complementada com uma análise qualitativa sobre a variação estilística dos dois colaboradores alvo investigados. Os resultados da análise conjunta indicam que, de um modo geral, o *tu sem concordância* é a forma mais utilizada pelos falantes indicando, a nosso ver, que essa forma se trata de um uso comum à comunidade de fala ludovicense, isto é, é essa a forma que traduz sua identidade linguística ludovicense, ainda que sem a marca verbal de segunda pessoa. Por outro lado, o *tu com concordância* quando utilizado, é condicionado, dentre outros fatores, pelo contexto de interação e pelo papel do indivíduo na interação ratificando que nosso fenômeno é, sobremaneira, motivado por fatores interacionais. Isto é, observamos que, ao mudar seu estilo, de um menos formal para um mais formal, o falante mais escolarizado tenderá a substituir o *tu sem concordância* pela forma *tu com concordância* ou pelo *você* forma inovadora que, nesse mesmo espaço funcional, vem pouco a pouco ganhando espaço de forma prestigiada. A análise por indivíduo foi fundamental para observar que o efeito do sexo do falante pode ser decisivo na escolha de uma ou de outra forma de tratamento. Por fim, esperamos contribuir com as pesquisas que buscam a identificação do uso social da segunda pessoa no português falado no Brasil e, notadamente, em São Luís-MA, que apresenta, conforme aqui observado, um comportamento linguístico diversificado composto por pelo menos três formas pronominais para tratar seu interlocutor.

Palavras-chaves: Pronomes de segunda pessoa. Variação entre e intrafalante. Maranhão.

RÉSUMÉ

C'est une recherche de doctorat, intitulée "PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA NO ESPAÇO MARANHENSE" qui a pour but principal d'analyser la variation de la deuxième personne dans une dimension entre et intrafalante. En configurant comme un sujet de recherche d'intérêt pour l'état du Maranhão – à savoir, les particularités de leur système pronominal de la deuxième personne, qui met en évidence l'usage du pronom *tu* – la recherche a comme objectif parler sur la configuration du système de traitement le plus près de la réalité linguistique de l'État, en identifiant, à partir du discours des ludovicenses scolarisés, les contextes et les variables linguistique et sociales qui sont à régler l'usage de ce qui est, pour beaucoup des gens, la marque linguistique du parler du Maranhão: *tu com concordância* (le *tu* suivi par l'accord). Le corpus sélectionné pour ce travail est constitué de données de parole d'un groupe de parlants qui avaient des deux individus cible, un homme et une femme, enregistrée dans des situations d'interaction, à partir d'observations des participants, l'un des alternatives méthodologique qui on avons de sortir du discours formel de l'entrevue sociolinguistique, c'est-à-dire, en observant "la personne dans leur contexte social naturel – interagissant avec la famille ou avec des pairs"(Labov, 2008 [1972], p. 63). L'appareil théorique-méthodologique utilisée suit le cadre théorique de la sociolinguistique quantitative. Les discussions théoriques et méthodologiques, du point de vue de la variation intrafalante, suit aussi les propositions théorique de Bell (1984, 2001) et Irvine (2001). Les résultats de l'analyse conjointe indiquent que, en général, *tu* sans accord (*tu sem concordância*) est la forme la plus utilisée par les parlants indiquant, à notre avis, que cette forme s'agit d'une usage très courante dans la communauté de parole ludovicense, c'est-à-dire, elle s'est présent comme une variante qui reflète l'identité linguistique ludovicense, même sans la marque verbale de la deuxième personne. Par ailleurs, *tu* suivi par l'accord (*tu com concordância*) quand il est utilisé, est conditionnée, entre autres facteurs, par le contexte de l'interaction et par le rôle de l'individu au sein de l'interaction em confirmant que notre phénomène d'étude est, surtout, motivée par des facteurs interactionnelles. C'est-à-dire, nous avons observé que, en changeant son style, moins formelle pour une plus formelle, les parlants plus scolarisés auront tendance à remplacer *tu* sans l'accord (*tu sem concordância*) par *tu* suivi par l'accord (*tu com concordância*) ou par *você* variante innovante que, dans ce même espace fonctionnel, petit à petit vient en avoir du lieu au l'espace des variantes prestigieux. L'analyse par individu était très important de noter que l'effet du sexe des sujets peut être décisif dans le choix de l'une ou l'autre forme d'adresse. Enfin, nous espérons contribuer avec les recherches qui travaillent en cherchant à identifier l'usage social de la deuxième personne dans les portugais parlé au Brésil et, surtout, à São Luís, qui dispose, comme on l'observe ici, d'un comportement linguistique diversifié composé, d'au moins, des trois pronoms pour s'adresser à ses locuteurs.

Mots-clés: Pronoms de la deuxième personne. Variation entre et intrafalante. Maranhão.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Árvore da decisão para análise estilística da fala espontânea na entrevista sociolinguística	32
QUADRO 1 –	Configuração da amostra geral	53
QUADRO 2 –	Perfil dos interlocutores	54
QUADRO 3 –	Ordenação dos grupos em função da diferença entre os fatores de maior e menor efeito (range), nas rodadas binárias	81
QUADRO 4 –	Proposta de paradigma pronominal em diversos contextos sintáticos com base na realidade linguístico-cultural ludovicense	86
QUADRO 5 –	Explicitação do sujeito pronominal de segunda pessoa.....	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Totais de referências concernentes à segunda pessoa na amostra conjunta	77
Tabela 2	– Percentual da variável dependente para análise eneária	80
Tabela 3a	– Total de dados para as análises binárias: <i>tu sem concordância vs você</i>	80
Tabela 3b	– Total de dados para as análises binárias: <i>tu sem concordância vs tu com concordância</i>	80
Tabela 3c	– Total de dados para as análises binárias: <i>tu com concordância vs você</i>	80
Tabela 4	– Função sintática dos pronomes	83
Tabela 5	– Variação <i>tu</i> e <i>você</i> em função da explicitação do sujeito.....	88
Tabela 6	– Fator paralelismo linguístico em percentuais com todas as variantes da amostra	90
Tabela 7	– Efeito do fator paralelismo linguístico nas rodadas binárias	91
Tabela 8	– Efeito do fator paralelismo linguístico em rodada eneária.....	92
Tabela 9	– A saliência fônica e os resultados dela com o tempo verbal, em rodadas binárias em separado.....	94
Tabela 10	– <i>Tu com concordância</i> em função do tempo verbal	95
Tabela 11	– Variação <i>tu sem concordância</i> , <i>tu com concordância</i> e <i>você</i> em relação ao tipo de referência, em percentuais e em pesos relativos	97
Tabela 12	– Variação <i>tu sem concordância</i> e <i>você</i> no cruzamento entre tipo de referência e tipo de relação entre os interlocutores	99
Tabela 13	– Efeito do fator tipo de discurso em rodada eneária.....	100
Tabela 14	– Efeito do fator tipo de discurso nas rodadas binárias.....	101
Tabela 15	– Efeito do fator sexo em rodada eneária.....	104
Tabela 16	– Efeito do fator sexo em rodadas binárias	105
Tabela 17	– Cruzamento das variáveis sexo do falante e sexo do interlocutor	106
Tabela 18	– Efeito do fator rede social em rodada eneária	109
Tabela 19	– Efeito do fator rede social em rodadas binárias	110
Tabela 20	– Variação <i>tu com concordância</i> e <i>você</i> de acordo com a rede social em rodada binária.....	111
Tabela 21	– Efeito do fator tipo relação entre os interlocutores em rodada eneária	113
Tabela 22	– Distribuição da variável dependente no eixo da assimetria em percentuais.....	115
Tabela 23	– Tipos de vínculos encontrados na amostra em percentuais	117
Tabela 24	– Variação <i>tu sem concordância</i> , <i>tu com concordância</i> e <i>você</i> de acordo com o <i>locus</i> físico em percentuais	120
Tabela 25	– Total de referência concernente à segunda pessoa: percentuais por colaborador alvo João e seus interlocutores.....	123
Tabela 26	– Formas utilizadas pelo colaborador alvo João quando do tratamento direto ao seu interlocutor.....	123
Tabela 27	– Total de referência concernente à segunda pessoa: percentuais por colaborador alvo Ana e seus interlocutores	129
Tabela 28	– Formas utilizadas pela colaboradora alvo Ana quando do tratamento direto ao seu interlocutor.....	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – A COMUNIDADE DE FALA LUDOVICENSE	18
1.1 Entre mitos e fatos da “Atenas Brasileira”	18
CAPÍTULO 2 – ESTILO EM DIMENSÕES: A TENDÊNCIA VARIACIONISTA E A INTERACIONAL	27
2.1 Sobre a variação e mudança linguística	27
2.2 Sobre a variação estilística.....	29
2.2.1 O estilo em Labov.....	30
2.2.2 O estilo Bell	34
2.2.3 O estilo em Irvine	37
2.3 Sobre o papel do indivíduo para os estudos sociolinguísticos.....	39
2.4 Conclusão	43
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	46
3.1 Contextualizando os passos metodológicos.....	46
3.2 A metodologia das gravações	51
3.3 Perfil dos informantes.....	53
3.3.1 Colaborador alvo (A).....	55
3.3.2 Colaborada alvo (B).....	55
3.4 As variáveis independentes analisadas	56
3.4.1 Variáveis independentes – linguísticas.....	56
3.4.2 Variáveis independentes – extralinguísticas.....	68
3.5 Conclusão	74
CAPÍTULO 4 – A SEGUNDA PESSOA EM UMA PERSPECTIVA ENTRE E INTRAFALANTE	75
4.1 Visão de conjunto	75
4.2 Variáveis linguísticas.....	82
4.2.1 Função sintática	82
4.2.2 Explicitação do sujeito.....	86
4.2.3 Paralelismo linguístico.....	89
4.2.4 Tempo verbal	93
4.2.5 Tipo de referência	97
4.2.6 Tipo de discurso.....	100
4.3 Variáveis sociais	102
4.3.1 Sexo	103
4.3.2 Rede social.....	109
4.3.3 Tipo de relação entre os interlocutores	112
4.3.4 <i>Locus</i> físico da situação comunicativa	119

4.4	A variação no indivíduo.....	122
4.4.1	Colaborador alvo João	122
4.4.2	Colaboradora alvo Ana	128
5	CONSIDERAÇÕES	138
	REFERÊNCIAS	142
	ANEXO A – Parecer CEP	150

INTRODUÇÃO

São Luís é uma terra onde se amam os versos, os recitativos, a oratória, as tertúlias literárias e onde existe verdadeiro culto pela arte de dizer e de escrever. Discute-se gramática com a mesma paixão com que se discute política. Por uma discussão em torno do vernáculo dá-se ali a vida; e até ferrenhas inimizades surgem, muitas vezes, por causa de uma simples colocação de pronome, ou por uma regrazinha de sintaxe...

Esse gôsto pelas cousas do espírito é uma das marcas acentuadas do maranhense.

[...]

O que surpreende a quem nos visita é o modo acurado de falar de nossa gente. Não há gírias em uso, corrompendo a língua. Há, sim, muito apuro no dizer. É comum, muito comum, surpreender-se o que nos visita quando, perguntando, por exemplo a um homem do povo: “as águas de S. Luís são boas?” A resposta é inevitável: “são decantadas.

Astolfo Serra (1965, p. 17-18), em Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão.

Parto dessa declaração apaixonada sobre São Luís do Maranhão para explicar as motivações mais gerais desta tese, pois falar do português maranhense, mais especificamente, do português ludovicense é não deixar de falar do que se apresenta como um testemunho valioso da variedade que hoje observamos em nossa língua: a escolha dos pronomes e tratamentos usados para a segunda pessoa. Parto, ainda, da minha percepção, enquanto falante, de que o português falado em São Luís-MA ainda conserva a presença viva e marcante do *tu*, sobretudo seguido da concordância, forma que até hoje se apresenta como uma das “marcas mais acentuadas” do falar maranhense.

Em termos gerais, os resultados de pesquisas sobre a variação entre as formas pronominais do português do Brasil (PB) demonstram que há, pelo menos, duas formas alternativas – *tu* e *você* – quando um falante quer se dirigir a seu interlocutor. Estudos como o de Monteiro (1990, 1994), por exemplo, afirmam que o sistema pronominal do PB seria binário, representado pelas formas – *você* e *o senhor* –, já que o *tu* acabou sendo substituído pelo *você* em todas as capitais que compõem o acervo do Projeto NURC, a exceção do Rio Grande do Sul, onde *tu* apresenta um “emprego restrito a certas situações”.

No Maranhão, *locus* de nossa pesquisa, temos apenas os trabalhos de Ramos (1996), Herênio (2006) e, mais recentemente, a minha dissertação de mestrado (doravante Alves (2010)) enfocando os pronomes e indicando que ainda há muito por pesquisar para que possamos ter um conhecimento mais amplo e detalhado da realidade linguística do Estado.

Ramos, em 1996, já frisava essa necessidade ao afirmar que “é preciso investigar atentamente [...] para que um quadro mais adequado à realidade da língua, no que diz respeito ao pronome de segunda pessoa, possa ser traçado” (cf. RAMOS, 1996, p. 12). Herênio (2006), por sua vez, afirma que o *tu* acompanhado da forma verbal de segunda pessoa representa “uma marca linguística de Imperatriz-MA”, embora as referências à segunda pessoa, registradas naquele município maranhense, apontem para um percentual de 7,6% de *tu com a concordância*. Mas são os dados de Alves (2010) que nos chamam a atenção ao apontarem São Luís com um percentual de 39% de *tu* – sendo 11% *com concordância* e 28% *sem concordância* –, 53% de *você* e 8% de *cê*.

Com esse resultado, Alves (2010) contraria a hipótese inicial levantada para aquele estudo: a de que os falantes maranhenses tendem ao uso do *tu* seguido da forma verbal típica de segunda pessoa. Ao mesmo tempo, os resultados indicaram que, no português falado no Maranhão, essas formas apresentam uma configuração peculiar podendo variar de acordo com a localidade e a faixa etária e, sobretudo, de acordo com a escolaridade do falante.

Partindo agora da reflexão iniciada por Alves (2010), surge a ideia de propor um trabalho sobre a variação pronominal que se volte para uma perspectiva sociolinguística que leve em consideração as circunstâncias em que ocorrem as interações verbais. Propomos, portanto, um trabalho que analisa a variação da segunda pessoa em uma dimensão entre e intrafalante.

Acreditamos que esta pesquisa poderá nos dar uma visão mais aprofundada dos fatores (linguísticos e sociais) que condicionam os falantes ludovicenses mais escolarizados quanto ao uso das formas pronominais disponíveis em sua comunidade de fala. Assim, esperamos conseguir refinar a discussão acerca do que nos propusemos realizar na fase inicial desta pesquisa, acrescentando novos e possíveis direcionamentos, mas tendo sempre em vista o fio condutor da pesquisa: delinear o “espectro da fotografia sociolinguística” do português falado no Maranhão, no que concerne ao uso do *tu com e sem concordância*, do *você*, *cê*, *senhor/a*, tendo em vista que, até então, não estão suficientemente delimitadas as localidades que apresentam em sua fala a alternância entre essas formas.

Definidos os aspectos fundamentais que orientaram a escolha do nosso tema, alguns questionamentos orientam esse trabalho:

- i) o que leva o ludovicense escolarizado a escolher uma ou outra forma pronominal em um sistema aparentemente composto por, pelo menos, três formas para tratar o seu interlocutor?
- ii) o que tem levado o ludovicense a não usar com regularidade o *tu com concordância*, forma por muitos considerada como uma marca linguística do Estado?

Partindo da ideia de que o falante ludovicense adequa suas escolhas linguísticas de maneira a apresentar na interação, uma relação “distante ou próxima”, “íntima ou não íntima, “a vontade” ou mais tensa” com seu interlocutor, acreditamos que:

- i) A forma *tu sem concordância* é frequentemente usada pelos falantes, sobretudo em contextos regidos por relações simétricas, entre pessoas próximas, dando indícios de que essa forma é motivada pelo grau de intimidade entre o falante e o seu interlocutor. Em contrapartida, as *formas tu com concordância* e o *você* seriam restritas a contextos regidos por relações assimétricas, entre pessoas mais distantes e/ou para marcar a situação formal.
- ii) O não uso do *tu com concordância* se explica pelo cada vez mais frequente uso do *você*, forma que vem alargando seu uso em interações que exigem maior formalidade. A sutil diferença entre elas é revelada pela configuração da audiência, em que os interlocutores bem como o ambiente e o tópico discursivo serão decisivos na escolha de uma ou de outra forma.

Para verificar se, de fato, as hipóteses aqui levantadas nos ajudam a esclarecer a variação observada no que se refere à escolha dos tratamentos usados para a segunda pessoa na capital maranhense, esta pesquisa tem como *objetivos específicos*: i) fazer um levantamento de todas as formas possíveis de serem utilizadas por um grupo de ludovicense para tratar seu interlocutor; ii) a analisar o efeito de variáveis linguísticas e sociais sobre a alternância dos usos de segunda pessoa; e, por fim, iii) analisar o que leva dois falantes ludovicenses escolarizados a escolher uma ou outra forma variável em diferentes situações interacionais.

Para tanto, a tese ora apresentada está organizada em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

No primeiro capítulo, intitulado “A COMUNIDADE DE FALA LUDOVICENSE”, trazemos no bojo da pesquisa o viés histórico-social da capital maranhense. A forte presença açoriana (e não dos franceses) desde o início da colonização e títulos como o de “Atenas Brasileira” podem nos ajudar a melhor entender as questões linguísticas que giram em torno do mito de que São Luís é o exemplo do ‘bem falar’.

No segundo capítulo, intitulado “ESTILO EM DIMENSÕES: A TENDÊNCIA VARIACIONISTA E A INTERACIONAL”, situamos a variação estilística no quadro teórico e metodológico da sociolinguística variacionista e interacional. Nesse capítulo, também situamos o papel do indivíduo nos estudos sociolinguísticos além de expandir nosso método de análise com a adoção de conceitos sociolinguísticos que nos ajudaram a interpretar, numa perspectiva multidimensional, os dados levantados.

No terceiro capítulo, intitulado “PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS”, apresentamos a justificativa que nos levou a selecionar a regra variável, os procedimentos adotados para a definição da amostra, os critérios na seleção dos informantes e as hipóteses que norteiam as variáveis linguísticas e sociais.

No quarto capítulo, “A SEGUNDA PESSOA EM UMA PERSPECTIVA ENTRE E INTRA FALANTES”, apresentamos a análise dos resultados percentuais e dos pesos relativos gerados pelo programa estatístico, bem como as considerações sobre os dados analisados à luz de uma abordagem macro, que contempla o grupo de falantes que compõe a amostra geral, e de uma abordagem micro, a fim de melhor entender o desempenho individual frente à diversidade de usos para a segunda pessoa no português ludovicense.

Por fim, apresentamos também as CONSIDERAÇÕES FINAIS da tese que são a nosso ver, por ora um pouso ‘transitório’ de chegada, visto que numa interação “tudo muda e tudo flutua e seus equilíbrios são apenas provisórios” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 141). Está exposto também o ANEXO que traz a aprovação desta pesquisa pelo Comitê de Ética.

CAPÍTULO 1

A COMUNIDADE DE FALA LUDOVICENSE¹

Até hoje, o estilo do maranhense é oratório, é coimbrão. A velha cidade portuguesa enchia a cabeça dos jovens, que de lá voltavam com suas capas romanescas, suas cabeleiras empoadas, saturados de ideias revolucionárias. Toda essa geração de boêmios intelectuais deu a nossa gente “êsse” espírito de grande apego às letras e às artes. Essa tradição é o maior orgulho da terra. O maranhense sempre incha o papo quando diz: isto aqui é “Atenas Brasileira”. Existe até no homem do povo, êsse orgulhozinho cabloco.

Astolfo Serra (1965, p. 17-18), em Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão.

Fazer um paralelo entre homem e história se faz necessário uma vez que o fato linguístico caminha lado a lado da história social da comunidade e dos falantes que a compõem. É do ponto de vista histórico que este capítulo busca o entendimento da realidade linguística ludovicense, no âmbito do seu sistema pronominal, que tem, na chamada “Atenas Brasileira”, a cristalização do “mito” de que em “São Luís se fala bem”².

1.1 Entre mitos e fatos da “Atenas Brasileira”

A colonização e o povoamento do Maranhão dão início à primeira ocupação das terras amazônicas brasileiras pelos europeus. É assim que, na primeira metade do século XVII, a capital maranhense se configura como a raiz fundante da civilização amazônica que se alastrou pelo Grão-Pará e ultrapassou as fronteiras imaginárias do Tratado de Tordesilhas (cf. MARTINS, 2002).

Fundada em 8 de setembro de 1612, na ilha de Upaon-Açu, a capital maranhense tem seu o primeiro núcleo urbano formado após a expulsão dos franceses a quem coube a

¹ O termo ludovicense é associado à Ludovico que, em francês, se refere ao antropônimo Louis. Tendo sido fundada pelos franceses, a capital maranhense adota tal termo como gentílico oficial sendo mais usada que a forma são-luisense. (cf. HOUAISS, VILLAR, 2001, p. 1789)

² Vale a pena destacar que a noção de mito aqui empregada corresponde à noção de mito de base antropológica defendida por Lévi-Strauss. Para os antropólogos, o mito tem uma estreita relação com a linguagem e, portanto, carrega consigo uma mensagem capaz de revelar o pensamento da sociedade (cf. SILVA e SILVA, 2014). Sendo, pois, uma “categoria linguística” capaz de corporificar significados e pensamentos de uma sociedade, o “mito maranhense”, conforme veremos no decorrer deste capítulo, nasce do imaginário “europeu” da sociedade ludovicense e hoje extrapola os limites da Ilha. A percepção acerca do falar maranhense ganha corpo, inclusive, entre autores como Hildo Honório do Couto (1986), Travaglia (1996) e Bagno (1999). Couto (1986, p. 50), por exemplo, chama atenção para o fato que se ouve “frequentemente, no seio do povo [...] que o lugar do Brasil onde melhor se fala o português é em São Luís, Maranhão. Alguns até acrescentam uma justificativa. Seria porque lá se fala mais de acordo com o português lusitano.”

construção do Forte São Luís, marco fundador da capital, com o objetivo frustrado de estabelecer a tão sonhada Franca Equinocial.

Até então, aqui se encontrava uma “ilha com cerca de sessenta quilômetros de uma ponta a outra e trinta e cinco de largura” organizada em vinte e sete aldeias habitadas por cerca de “10 mil a 12 mil almas” que pouco a pouco foram partindo, umas para o Amazonas em companhia dos franceses, outras para interior da Ilha por não se adaptarem ao trabalho agrícola que lhes foi imposto (cf. PIANZOLA, 1992, p. 96-98).

“Achando-se a Ilha sem índios e franceses”, a ocupação da capital toma novo rumo com a consolidação da colônia portuguesa que passa a receber “gente das ilhas açorianas” ou “casais das ilhas”³ (cf. D’EVREUX, 2002, p. 89). É dessa forma que chegam, em solo maranhense, 95 casais e alguns solteiros totalizando 561 almas transportadas dos Açores, no ano de 1615. Aliás, os “casais das ilhas” se destacam por sua contribuição efetiva nos territórios de povoamento e colonização portuguesa, pois, além de colonizadores e militares, eram “agentes de difusão da fé cristã” e “exímios lavradores”.

Desde então, o Maranhão chegou a receber cerca de 5000 a 6000 mil indivíduos no decorrer dos séculos XVII e XVIII. Convém ressaltar que a região maranhense é considerada a primeira a receber os colonos ilhéus de forma organizada devido, em grande parte, a sua importância estratégica e econômica na região amazônica (cf. RODRIGUES, 2008).

Ao processo de povoamento, se junta o braço africano que aqui foi introduzido pela Companhia de Comércio do Maranhão, em 1682, com a intenção de fornecer por vinte anos escravos negros destinados à lavoura que, até então, contava com a mão de obra escrava indígena. Temos, pois, já no início da colonização maranhense, uma sociedade mista e altamente estratificada composta por

portugueses e seus imediatos, descendentes de brancos que se dividiam em nobres e cidadãos, peões ou mercadores, mecânicos, operários e trabalhadores de qualquer espécie e os de segundo plano, [composta] de infames pela raça ou crime, como cristãos-novos ou degredados, ao que somavam índios escravos ou não e uma pequena quantidade de escravos provenientes de Angola, Guiné e Cabo Verde. (MARTINS, 2002, p. 20)

³ Termo adotado pela Coroa Portuguesa para caracterizar emigrantes/colonos ilhéus, entendido não como marido e mulher, e sim como todo o grupo familiar – pai, mãe, filhos, sogros – e mais a criadagem e agregados. Segundo Martins (2002, p. 21), um termo apropriado para designar “uma pequena tribo, algo em torno de 1000 colonos, o suficiente para iniciar uma povoação.”

Essa configuração social vai se acentuar com a criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, estimulada por Marques de Pombal, em 1756. Uma vez dinamizada e incentivada a produção agrícola maranhense, São Luís passou a receber, em grande escala, a mão de obra escrava do negro africano em atividades que iam do desmatamento e colheita dos gêneros até atividades domésticas, comércio ambulante, dentre outras.

A implantação de uma economia de base agroexportadora – que tem o algodão como matéria prima – faz surgir no espaço social maranhense a figura dos grandes fazendeiros, senhores de escravos, acentuando o preconceito racial e as desigualdades econômicas e causando, segundo Ribeiro (1990, p. 31), “profundas modificações na fisionomia étnica na região”. É assim que, ao final do século XVIII, o Maranhão chega a registrar uma população de 78.860 habitantes dos quais 40,28% eram negros, 36,19% eram brancos e 23,53% eram identificados como mestiços (*cf.* MEIRELES, 2001).

Contudo, nas primeiras décadas do século XIX, a economia maranhense começa a sofrer oscilações, em grande parte, ligadas à decadência do sistema escravista e do comércio algodoeiro. Apesar de o comércio maranhense se encontrar em depressão, não há como negar que São Luís desempenhou, em meados dos séculos XVIII e XIX, um grande papel na economia do Brasil-Colônia, tendo sido considerado o quarto centro exportador de algodão e arroz, depois de Salvador, Recife e Rio de Janeiro.

Muito herdamos com a diversidade de povos e culturas que contribuíram para a formação sócio-histórica e linguístico-cultural da capital maranhense. Uma das heranças mais representativas é o rico traçado urbano e arquitetônico deixado pela colonização portuguesa, rendendo-lhe o título de Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade.

Herdamos, ainda, singularidades que até hoje fazem parte da história e do senso comum maranhense – o de “Atenas Brasileira” e a tradição de ser a “única capital brasileira fundada por franceses”. Representações como estas repousam no imaginário do maranhense que atribui ao uso do pronome *tu com concordância* o também já cristalizado discurso de que a capital maranhense “é o lugar onde melhor se fala o português”.

Recuaremos, mais uma vez, ao passado em busca de registros que expliquem o porquê de o português falado no Maranhão ser considerado, em relação ao resto do país, como “o melhor português do Brasil”, pois, para Ramos (1996), frases como essas estão

fundadas em uma tradição histórica embutida no conceito de norma culta ou padrão [...] que refletem, na realidade, uma dentre as várias distorções feitas por uma sociedade elitista e centralizadora que transveste o verdadeiro caráter social da questão em caráter regional. (RAMOS, 1996, p. 4)

Como vimos, coube aos franceses a fundação de São Luís e, a eles, também cabem as primeiras impressões sobre o “gênio e temperamento do maranhense”. O capuchinho Claude D’Abbeville assim descreveu:

São tão serenos e calmos que escutam atentamente tudo o que lhes dizem, sem jamais interromper os discursos. Nunca perturbam o discursador, nem procuram falar quando alguém está com a palavra. Escutam-se uns aos outros e jamais discorrem confusamente ou ao mesmo tempo que os outros. São grandes discursadores e mostram prazer em falar. (D’ABBEVILLE, 2008, p. 328-330)

Muitos atribuem à influência francesa o fato de o maranhense conservar o pronome *tu* com as conjunções verbais. No entanto, historicamente o que se sabe é que a presença francesa em território maranhense não durou mais que três anos (1612-1615), limitando-se apenas à construção do marco fundador da capital que, segundo Lacroix (2004), “não passou de um forte de madeira com modestas palhoças, localizadas no alto do morro. Quando da expulsão dos franceses, os portugueses construíram no local um complexo militar denominado de fortaleza de São Felipe.”

Assim, há fundamento maior em afirmar que o “*tu* maranhense” tem raízes lusitanas sobretudo se considerarmos a intensa migração açoriana no decorrer dos séculos XVII e XVIII. É a partir do domínio português que São Luís é elevada a sede do governo com a organização do Estado do Maranhão e Grão Pará e que vê, em 1626, a criação da sua primeira escola com o objetivo de ensinar lições de catecismo aos filhos dos portugueses. A capital passa, portanto, a ser um dos oito focos irradiadores da língua portuguesa⁴.

Segundo Silva Neto (1963, p. 62), os meninos luso-descendentes deram muita esperança em difundir a língua portuguesa no Maranhão e “nem podia deixar de ser assim, numa terra de tão profunda tradição portuguesa – um dos lugares onde é voz corrente que melhor se fala o português.” Tãmanha “tradição” é atribuída aos açorianos que, segundo o autor, tinham “virtudes especiais” e “verdadeira nobreza”, logo, falar o português mais próximo daquele falado na metrópole dava a seus descentes motivos de orgulho.

⁴ Sobre a implantação da língua portuguesa no Brasil, Castilho (2013) apresenta oito focos irradiadores que formaram o tecido linguístico do Brasil. São eles: a) quatro do século XVI: Olinda e Recife (1535), Salvador (1549), São Paulo e São Vicente (1554), Rio de Janeiro (1557); b) dois do século XVII: São Luís do Maranhão (1612) e Belém (1616) e c) dois do século XVIII: Florianópolis (1738) e Porto Alegre (1752).

De acordo com Faria (2012), o critério étnico sempre teve uma importância fundamental na forma como a elite explicava a sociedade maranhense. É dessa minoria – os “filhos do reino”, os açorianos e/ou seus descendentes europeus – que tentava, a todo custo, dar ao Maranhão um “tom de civilidade e de corte”, que São Luís recebe o título de Atenas Brasileira. Segundo a autora, a “Atenas Brasileira” era revestida por uma

imagem de um mundo de luxo, hábitos refinados e erudição que as elites do Maranhão construíram para si, sempre voltadas para a Europa e de costas para a miséria em que viviam escravos, índios e livres pobres, deixados à margem do refinamento cultural ou ilusório. (FARIA, 2012, p. 92)

Vemos, portanto, que esse primor cultural não era acessível a todos, pois, era com olhos voltados para a Europa, em particular para Portugal e para a França, que a elite maranhense demarcava a distância existente entre ela e o “grosso da população”, formada por três “classes inferiores” – escravos, negros e “geração misturada”. Faria (2012) ressalta, ainda, que essa tal “singularidade maranhense” repousa num imaginário coletivo que, há muito, via o Maranhão como uma “terra especial”. Recorremos, mais uma vez, às impressões do capuchinho Claude D’Abbeville e lá encontramos registradas essa “visão de paraíso” e “as excepcionalidades do homem” maranhense:

Ensina-nos o filósofo, e a experiência comprova, que o clima temperado é saudável não somente ao corpo, mas ainda ao intelecto e à natureza humana.

[...]

Isso explica por que os maranhenses, que vivem em clima tão temperado, tenham excelente gênio e tão viva inteligência.

[...]

Em verdade, imaginava que iria encontrar verdadeiros animais ferozes, selvagens e rudes; enganei-me, porém, totalmente. No que diz respeito aos sentidos naturais, tanto internos quanto externos, jamais achei ninguém, indivíduo ou nação que os superasse. (D’ABBEVILLE, 2008, p. 328)

Singularidades à parte, uma coisa é certa: as intensas atividades literárias de um Grupo de Escritores Maranhenses formado por Gonçalves Dias, João Lisboa, Odorico Mendes, Sousândrade, dentre outros representantes do movimento romântico brasileiro, muito contribuíram para situar a literatura maranhense em cenário nacional e, conseqüentemente, para construção simbólica da Atenas Brasileira.

A essa representação, somam-se as apresentações de óperas e espetáculos circenses no Teatro União, atualmente denominado Teatro Arthur Azevedo, a disponibilidade de livros e revistas oferecida pela Biblioteca Pública e, ainda, a circulação regular de jornais noticiosos ou literários, impressos com a qualidade encontrada em centros como Rio de Janeiro e Pernambuco. Tudo isso alicerça o sentimento que levou o maranhense a “construir uma imagem culta de si mesmo” (cf. FARIA, 2012, p. 89-92).

Na obra *Poranduba Maranhense*, o testemunho de Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão, em 1891, ratifica o perfil diastrático da realidade linguística do maranhense. É na boca dos “**rusticos**”, na fala coloquial daqueles que não tinham um “bom português”, que Prazeres Maranhão (1946 [1891]) afirma estar o *tu*, curiosamente, já utilizado naquela época, com o verbo na terceira pessoa:

Prezentemente a língua corrente no paiz é a portugueza, os instruidos a falam muito bem; porém **entre os rusticos ainda corre um certo dialecto (1)**, que emquanto a mim, é o resultado da mistura de linguas das diversas nações, que tem abitado no Maranhão: elles a falam com um certo metal de voz, que o faz muito agradável ao ouvido.

(1) A seguinte carta dá uma ideia d’elle:

“Meu Fio: estimarei que **tu já esteja** mió das tua cezão ...” [...]

Em bom portuguez se diz assim. – Meu filho, Estimarei que **tu já estejas** melhor de tuas sezões...”

(PRAZERES MARANHÃO, 1946 [1891], p. 148). (grifo nosso)

Relacionando o que Prazeres Maranhão (1946 [1891]) chamou de “certo dialecto” à declaração de Serra (1965), podemos afirmar, sem dúvida, que o critério étnico⁵ contribuiu para que o *tu com concordância* fosse (e ainda esteja) associado ao comportamento linguístico daquele grupo social de maior *status*. Segundo Serra,

Esse gosto pelas cousas do espírito [“**simples colocação de pronome, ou por uma regrazinha de syntaxe**”] é **uma das marcas mais acentuadas do maranhense**. [...] Essa “**influência**” vem de longe, tem suas raízes na velha Coimbra, onde **estudaram gerações e gerações de maranhenses**, que foram seus filósofos, seus poetas, seus polígrafos de renome. Até hoje, **o estilo do maranhense é oratório, é coimbrão**. A velha cidade portuguesa enchia a cabeça dos jovens, que de lá voltavam com suas capas romanescas. (SERRA, 1965, p. 17) (grifo nosso)

⁵ Semelhante perfil linguístico encontramos em Florianópolis, comunidade igualmente conhecida pela forte influência dos falares açorianos. Pesquisas revelam que alta frequência de *tu* é um vestígio da vinda de “casais da ilha”, embora os mesmos dados já indiquem uma maior probabilidade de ocorrência de *tu* seguido da não-concordância (cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004). Furlan (1995) chega a concluir que, se não fosse a presença açoriana e o isolamento que ali viveram, é bem provável que o “*tu* açoriano-catarinense”, com verbo na segunda pessoa do singular, tivesse sido substituído pelo *você*.

Declaração apaixonada à parte, encontramos no trabalho de Ramiro Azevedo – intitulado *O falar são-luisense* (1973), um dos pioneiros estudos sistemáticos sobre a realidade linguística maranhense – a representação de São Luís enquanto uma comunidade de fala que tem mantido, há décadas, uma “notável força centrípeta [por ser] uma comunidade pequena e fortemente lusitana [e por seu] isolamento ‘sui-generis’ com alto padrão literário” (cf. AZEVEDO, 1973, p. 276). Hildo Honório do Couto, em 1986, também afirma que “em São Luís se fala ‘bom português’ porque a linguagem de lá é mais parecida com a de Portugal, a qual foi levada para lá no passado” (cf. COUTO, 1986, p. 50).

Todavia, o isolamento “*sui-generis*” de São Luís não foi suficiente para que a capital mantivesse o comportamento linguístico que muitos esperam: o de que o maranhense sempre usa o *tu com concordância*. Pesquisas recentes como a de Alves (2010) revelaram que 71,1% das ocorrências de segunda pessoa estão acompanhadas da forma verbal de terceira pessoa sendo a concordância regulada, dentre outros fatores, pela escolaridade. Contudo, ainda encontramos viva a ideia de que a “falta de sotaques” do português maranhense é caracterizada pelo uso “correto” da conjugação verbal e dos “pronomes”. Vejamos o relato de dois falantes sobre o falar ludovicense:

(1)

INQ: E você acredita que há gente que fala diferente aqui? Aqui em São Luís?

INF: O maranhense de um modo geral, principalmente em São Luís, né? [...]

INQ: E por exemplo?

INF: A aplicação, por exemplo, de um modo geral. Assim, **eu digo na camada das pessoas que... têm curso superior ou mesmo curso médio, né? Da aplicação do tempo dos verbos com uma certa, com um certo cuidado, com a aplicação do plural, do singular, os pronomes.**

INQ: Eu ia perguntar para você se podia dar um exemplo de como essas pessoas que você considera que falam diferente, falam, que você tem observado, aqui dentro mesmo, do Maranhão. O que chamou mais atenção para você?

INF: Você fala eh... um determinado grupo?

INQ: Ahn, rã, em termo de, de grupo que você identifica né, que alguém fala?

INF: Eu diria que as pessoas normalmente **classe média, curso superiô**, na faixa etária aí de... de trinta e cinco anos pra cima, **ainda mantêm** né, uma... **Uma certa, vamô dizê assim, pureza** eh... na, na, porque **nós não temos um sotaque forte**, pelo menos acho que não, alguém me disse: “Não, vocês têm. Vocês têm o sotaque forte”. Eu até tava discutindo isso com alguém há pouco tempo, não lembro com quem. “**Não, maranhense não tem um sotaque**”.

corpus Projeto ALiMA – informante (masculino, segunda faixa etária, nível superior) (grifo nosso), INQ (inquiridor) /INF (informante)

(2)

D1: como que é o modo de falar ludovicense?

INF: rapaz eu acho que **o ludovicense é o que fala mais normal**, sem sotaque

D1: do Brasil inteiro?

INF: do Brasil

D1: é?

INF: eu acho que **a gente não tem um sotaque**INF: **a gente não tem uma maneira de falar ou cantando ou correndo**

D1: uhum

INF: ou lentamente eu acho que **a gente fala normal**

D1: tá

INF: não sei uma pesquisa diz que a gente fala/ quem melhor conjuga o verbo somos nós

INF: **eu já ouvi isso mas não sei se é verdade**

D1: como assim um exemplo

INF: que **a gente bota sempre pra segunda pessoa quando a gente fala, a gente fala tu**INF: **e eles falam você e você tá errado você tem que falar tu que é eu tu**

D1: ah

INF: não é eu você

D1: é?

INF: é.

D1: ah entendi

INF: **“tu foste” a gente fala isso o maranhense fala isso**INF: **“tu és” o maranhense... os mais velhos falam mais**

D1: aham

INF: T. fala assim **“tu fostes?” “tu vais ali?” a gente sempre fala isso**

D1: tá tu usas assim também?

INF: **não não uso porque não fui educado, educado não**INF: **nunca fui criado pra falar ... mas... não falo**

D1: uhum

INF: **eu falo “tu” mas não falo “tu vais” eu falo “tu” só**

D1: tá entendi

corpus Santos (2015) – informante (masculino, primeira faixa etária, nível médio) (grifo nosso), D1 (documentador) /INF (informante)

Apesar de avaliações como estas atribuírem ao português maranhense a expressão de “melhor” sob a ótica da norma culta, elas deixam claro o papel atribuído a uma das variantes por nos pesquisada: o uso da forma pronominal *tu com concordância* é, de fato, favorecida entre aqueles falantes mais escolarizados, confirmando o registro histórico dos autores aqui citados e ratificando os dados linguísticos analisados por Alves, em 2010.

Parece então provável que a colocação do pronome – que segue a “uma regrazinha de sintaxe”, uma das “marcas acentuadas do falar maranhense” – sempre esteve relacionada aos traços etno-linguísticos e ao papel social dos falantes, fato esse que leva essa variante a desfrutar, até hoje, de certo prestígio na comunidade de fala ludovicense. Resta-nos saber em

que momentos os falantes mais escolarizados da comunidade ludovicense ainda mantêm seu “estilo coimbrão”, objetivo maior desta tese.

CAPÍTULO 2

ESTILO EM DIMENSÕES: A TENDÊNCIA VARIACIONISTA E A INTERACIONAL

Neste capítulo abordamos os pressupostos teóricos que fundamentam a base desta pesquisa. Primeiramente, apresentamos alguns aspectos que norteiam a teoria da variação e da mudança. Em seguida, apresentamos as propostas de Labov (2008 [1972]; 2001), Bell (1984; 2001) e de Irvine (2001) sobre a variação estilística. Por fim, situamos o papel do indivíduo nos estudos sociolinguísticos e mostramos como a adoção de novos conceitos pode ajudar na compreensão dessa que tem se mostrado uma ‘contínua tensão’ nas abordagens sociolinguísticas, a variação estilística.

2.1 Sobre a variação e mudança linguística

Não há dúvida que um dos marcos da teoria linguística está no estabelecimento de uma concepção de língua que leva em consideração o componente social e o individual. Em reação à falta desses componentes nos estudos linguísticos, as discussões surgidas a partir da década de sessenta abriram o caminho para a compreensão da língua enquanto um sistema heterogêneo passível de descrição sistemática, controlado por fatores de natureza estrutural e social.

Sob o ponto de vista da heterogeneidade ordenada, Weinreich, Labov e Herzog (WLH) (2006 [1968], p. 99) afirmam que as escolhas linguísticas são fruto não apenas de fatores linguísticos, mas de funções sociais e estilísticas, ou seja, “um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social”. Ao proporem que o estudo da língua deve levar em consideração a língua enquanto ‘realidade inerentemente invariável’ e ‘realidade inerentemente ordenada’, os autores associam o domínio de estruturas heterogêneas à competência linguística dos falantes na tentativa de responder a uma questão central da teoria: como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda?

Partindo dessa questão, WLH propõem cinco problemas que devem ser arrolados quando do estudo da mudança linguística. São eles: a) o *dos fatores condicionantes*, que remete às condições que favorecem ou não a ocorrência da mudança em dada estrutura; b) o

da *transição*, que permite observar o percurso pelo qual a mudança se realiza, ou seja, a análise de estágios intermediários permite observar como determinada variante passa a ser utilizada nos mais diversos segmentos sociais; c) o do *encaixamento*, que observa o entrelaçar da mudança com outras tanto na estrutura linguística quanto na social; d) o da *avaliação*, que indica a atitude do falante sobre a mudança e o efeito desta no nível social e estrutural da língua; e) e o da *implementação*, que indica quais fatores de causa e efeito são responsáveis pela implementação da mudança em uma língua e não em outra.

A proposta de WLH (2006 [1968]) ajuda a explicitar os mecanismos envolvidos nesse processo de variação e mudança de uma língua, já que esses problemas são tidos como condicionamentos universais para o estudo da mudança linguística, consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais. Segundo Labov (2006 [1994], p. 399), para que se chegue à compreensão plena da mudança linguística, é necessário tirar o máximo proveito desses condicionamentos já que nem todos estão relacionados ao quadro social da mudança. É o caso, por exemplo, dos *fatores condicionantes* e da *transição*, mecanismos relacionados predominantemente a fatores internos ao sistema linguístico. Vale destacar, contudo, que a *transição*, um problema linguístico interno observado entre dois estágios da mudança linguística, permite que se verifique a influência da variável idade, fator social de grande importância para estudos de mudança em progresso. Para WLH,

[...] fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidade que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.” (WEINREINCH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 126)

Como podemos observar, mergulhar na rede dos fatos sociais é fundamental, mas não é uma tarefa fácil. Prova disso é a referência periférica dada ao papel do contexto social no estudo da mudança linguística, mas o que não se deve é propor qualquer separação entre o linguístico e o social sob o risco de incorrer em resultados meramente descritivos. A esse respeito, Labov (2008 [1972], p. 327) frisa que um dos primeiros problemas de estudos como este é o de determinar quais os aspectos do contexto social da língua que se vinculam mais estreitamente com a mudança linguística. Para o autor, o ideal é considerar “todas as relações sociais vigentes entre falantes, interlocutores, audiências e habitantes dos domínios sociais do evento de fala (escola, igreja, trabalho, família)” e “indagar se as mudanças na língua refletem mudanças nas relações entre esses participantes e contextos”.

Um estudo realizado pelo pesquisador demonstrou, com base nas técnicas desenvolvidas em Martha's Vineyard, que a identidade local era o fator que 'mais estreitamente se correlacionava com a mudança linguística em progresso', sendo mais importante, inclusive, que outros fatores sociais como profissão, área geográfica, educação e sexo, concluindo o linguista que há uma forte relação entre os fatores sociais e a mudança linguística, sendo impossível estudar a direção e o desenvolvimento desta "sem vinculá-la às categorias básicas da identidade local" (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 343).

Em uma teoria em que a concepção de língua pode ser resumida como um reflexo do comportamento social, utilizada por falantes em um contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros, como bem definiu Labov em estudo realizado em Nova York na década de 60, a variação estilística se traduz como um dos grandes desafios da vertente sociolinguística, já que passou, desde então, a representar o elo fundamental entre o indivíduo (*variação intrafalante*) e a comunidade (*variação entre falantes*). Nos itens a seguir, discorreremos sobre as bases teóricas que recobrem as noções de *estilo e indivíduo*.

2.2 Sobre a variação estilística

Ampliar o espectro da variação tendo como foco o estilo do falante não é uma tarefa fácil para os linguistas. Foi o que relatou Labov ao observar que a comunidade de fala de Nova York indicava uma variação regular em estilos e contextos diferentes. Assim, na tentativa de dar conta da variação estilística – não menos importante que a social, por exemplo, – as pesquisas labovianas se configuram como as primeiras bases metodológicas que nos permitem observar a influência do comportamento estilístico sobre o linguístico (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 91). Na sequência, apresentamos a proposta de Bell (1984, 2001) que também se configura, como frisou Meyerhoff (2006), em um estudo de grande importância ao colocar, em primeiro plano, a importância dos falantes e dos destinatários e suas relações e atitudes uns com os outros. Por último, apresentamos a noção de estilo sob a ótica interacional de Irvine (2001).

2.2.1 O estilo em Labov

Partindo da premissa de que não existe um falante de estilo único, ou seja, que o espectro da alternância estilística do falante exhibe variáveis que mudam a partir do contexto social e/ou do tópico, Labov (2008 [1972], p. 110) percebeu a necessidade de sistematizar seus resultados na tentativa de “capturar a fala cotidiana que o informante usará tão logo a porta se feche atrás de nós: o estilo que ele usa para discutir com a mulher, repreender os filhos ou conversar com os amigos.” Partindo da noção de que o mais interessante é o vernáculo do falante, “é observar o modo como as pessoas usam a língua quando não estão sendo observadas”, Labov (2008 [1972]) afirma que as pesquisas que têm a entrevista como o único instrumento formal de coleta de dados encontram uma implicação metodológica central, tendo em vista que a situação de entrevista define, por si só, um contexto próprio para a ocorrência de uma *fala* mais *monitorada*, sendo, portanto, o estilo mais fácil de ser identificado a partir de estratégias como “estilo de leitura, lista de palavras e pares mínimos”. Como vemos, a atenção prestada à fala está no centro da proposta laboviana uma vez que, a *fala casual*, usada em situações informais, sem alguma atenção dada à fala, é facilmente observada nas ruas, em bares e metrô.

Nesse sentido, “controlar o contexto e definir os estilos de fala” é de fundamental importância para que a investigação em busca da *fala espontânea*, nas situações de entrevista, possa ser iniciada. Assim, para obter essa fala – entendida como “correlata à fala casual que ocorre em contextos formais, não em resposta à situação formal, mas apesar dela” –, Labov (2008 [1972], p.111-121) estabelece situações contextuais que permitem ao pesquisador controlar quando os traços mais formais da entrevista são abandonados pelo falante. São eles: ‘fala fora do formato entrevista’, ‘fala com uma terceira pessoa’, ‘fala que não responde diretamente a pergunta’, ‘fala sobre brincadeiras de crianças’, e ‘fala sobre o perigo de morte’.

De acordo com Labov, esses contextos são apenas uma parte dos critérios formais para a identificação do estilo na entrevista, uma tentativa de aproximação do vernáculo. Mudança no ritmo, na altura da voz, respiração ou mesmo o riso também são indícios socialmente significativos na indicação de uma mudança no comportamento linguístico rumo a um estilo de fala mais *casual* ou mais *espontâneo*. Contudo, frisa o autor que os cinco aspectos acima listados parecem ser um consenso claro entre os estudos que se propõem a analisar o estilo “já que não existe nenhuma técnica certa para relaxar os constrangimentos da situação de entrevista para todas as pessoas” (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 122).

O próprio Labov (2001) chegou a afirmar que a organização dada por ele em 1966 não se trata de uma descrição geral para a observação de como os estilos são produzidos e organizados em todos os atos de fala, mas sim uma organização sistemática da variação intrafalante observada em entrevistas. Para ele, seria um risco fazermos uma generalização equivocada já que, na variação estilística, estão envolvidos tanto uma adaptação a diferentes públicos como diferentes graus de monitoração estilística. O que há, pois, é a necessidade de “controlar e comparar tanto a variação entre falantes como a intrafalante, em vários contextos diferentes” de modo que a variação intrafalante possa vir a ser sistematicamente observada (cf. LABOV, 2001, p. 87).

Segundo Meyerhoff (2006, p. 17), o que Labov viu em suas entrevistas fundamentalmente desafiou a noção de *variação livre*. Isto é, a aceitação de que “não há um falante com estilo único” veio de encontro a uma noção que previa “que algumas variantes se alternam umas com as outras, sem qualquer restrição confiável sobre sua ocorrência em um determinado contexto ou por falantes particulares”. Além de ter proposto a definição e o controle de diferentes estilos durante a entrevista sociolinguística, ao estabelecer níveis de formalidade que vão do mais *casual* ao mais formal, o método de recolha de dados elaborado por Labov serviu de base para os estudos sociolinguísticos que emergiram a partir da década de sessenta.

A metodologia de Labov serviu para que o próprio autor nos apresentasse um outro modelo para análise do estilo utilizado pelo falante quando da entrevista, conhecido como a árvore da decisão (cf. Figura 1). Nesse modelo, Labov (2001) exclui as leituras de texto e de palavra e organiza o modelo arbóreo em oito critérios organizados em quatro contextos, categorizados de *fala casual* e outros quatro categorizados de *fala monitorada*.

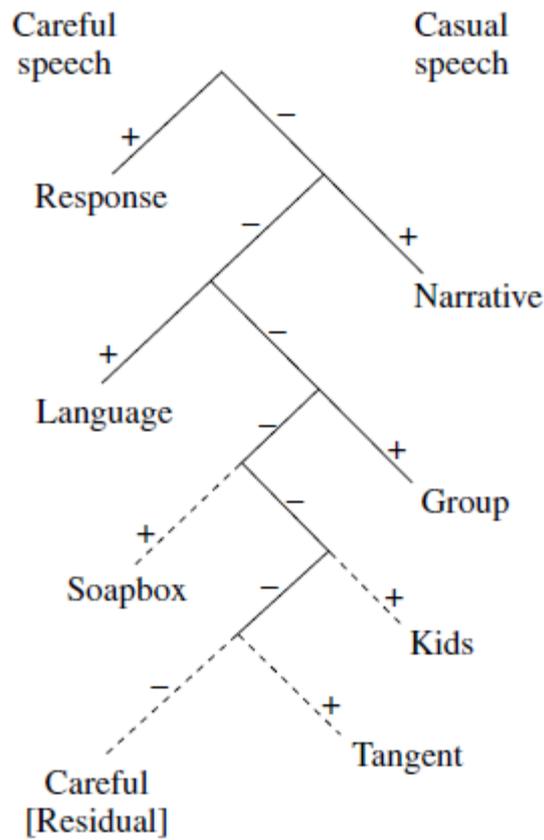


Figura 1 – Árvore da decisão para análise estilística da fala espontânea na entrevista sociolinguística (LABOV, 2001, p. 94)

Dispostos em ordem decrescente de objetividade, o modelo arbóreo permite que, na entrevista, as narrativas de cunho pessoal, relatos dirigidos a pessoas externas à entrevista, as passagens que tratam da infância e as respostas tangencias sejam mais favorecedoras de um estilo mais *casual*. Do outro lado, as respostas às perguntas feitas pelo entrevistador, questões sobre avaliação da língua, fala residual e opiniões generalizadas (soapbox) sejam considerados contextos mais propícios para o uso de um estilo mais *monitorado* (cf. LABOV, 2001, p. 94).

2.2.2 O estilo em Bell

Allan Bell (1984, 2001) também é um dos estudiosos que busca responder o problema teórico dos estudos sociolinguísticos cujo foco é a variação estilística. Partindo da teoria da acomodação proposta por Howard Giles, Bell (1984) apresenta uma proposta metodológica que condiciona a mudança de estilo à orientação do falante e a sua atitude em relação ao destinatário, colocando a “audiência” como princípio central dos seus estudos. Para o autor, “o estilo é essencialmente uma resposta dos falantes à sua audiência. Na *audience design*, os falantes acomodam-se primeiramente ao seu destinatário.” (cf. BELL, 1984, p. 145)

De acordo com Meyerhoff (2006), o termo “audience design” pode classificar ao mesmo tempo o comportamento do ouvinte, que é um sujeito proativo e que condiciona seu discurso às necessidades de um público particular, e o motivo do seu comportamento, que é o público do falante. Assim, tendo o “ouvinte/destinatário” como foco da sua abordagem já que “os falantes acomodam-se primeiramente ao seu destinatário”, Bell afirma que o estilo é o reflexo da variação entre falantes. (cf. BELL, 1984, p. 158)

Para Meyerhoff (2006, p. 46), embora muito modesta, essa afirmação de Bell traz uma reivindicação teórica muito forte ao afirmar que a variação de um único falante nunca será maior do que a variação observada no grupo do qual seu estilo é derivado. Para ela, ainda “faltam-nos comparações mais detalhadas entre indivíduos e grupos para testar o quadro de Bell completamente. Outras pesquisas devem ser feitas a fim de descobrir se Bell está certo em sugerir que a variação intrafalante deriva e reflete a variação entre falantes.”

Recorrendo à fonte, vemos que essa proposta de Bell se justifica em razão de o falante associar a mudança de tópico ao tipo de audiência uma vez que é possível redefinir seu estilo a partir de um ouvinte ‘pré-existente na interação, os chamados “referees”’: participantes que, mesmo ausentes, podem influenciar a mudança estilística pelo fato de estarem presentes na mente do falante. (cf. BELL, 1984, p. 186)

Discussões à parte, Meyerhoff (2006) afirma que a proposta beliana trouxe uma contribuição muito útil para a aplicação, na Sociolinguística, dos princípios de acomodação e convergência. Isso porque, na “audiência”, os papéis definidos seguem uma hierarquia atribuída pelo falante, que é constituída não apenas de um destinatário – que é conhecido, ratificado e endereçado –, mas de outras pessoas. Desse modo, o estilo do falante se moldaria ainda a partir de interlocutores definidos como: “auditor”, ouvinte não endereçado, mas conhecido e ratificado; “overhearers”, ouvintes conhecidos, mas não ratificados; “eavesdroppers”, ouvintes não conhecidos e não ratificados (cf. BELL, 1984).

Mas modesta mesmo é a essência do projeto de “audiência”, por ele refinada em 2001. De acordo com Bell (2001, p. 141-148), longe dos rótulos de “teoria” e de “método”, seu projeto pode ser resumido nos seguintes pontos:

(1)“O estilo é o que falante individual faz com a língua em relação às outras pessoas”. Princípio básico da sua proposta, vemos que o estilo na visão beliana é algo social e “incide sobre a pessoa” marcando as suas relações interpessoais e intergrupais.

(2)“O estilo deriva seu significado da associação de características linguísticas com determinados grupos sociais.” Isto é, o estilo deriva da variação linguística entre falantes, mediante a avaliação social do grupo. Nesse ponto, a variação estilística tem um valor normativo.

(3)“Os falantes projetam seu estilo principalmente, para e em resposta ao seu público.” Centro da proposta, pois, normalmente, a mudança de estilo acontece quando o falante tenta se acomodar ao estilo da pessoa com a qual está falando. Vemos, nesse ponto, a intersecção entre as propostas beliana e gileana. A resposta é, pois, o modo elementar da mudança estilística.

(4)“O projeto de audiência aplica-se a todos os códigos e níveis de um repertório linguístico, monolíngues e multilíngues.” Ou seja, as mudanças estilísticas, em qualquer repertório, envolvem traços, sejam eles linguísticos ou não.

(5)“Variação na dimensão do estilo na fala de um único falante deriva e reflete a variação que existe entre os falantes na dimensão "social".” Tido como o axioma da proposta, este princípio vê o estilo como uma dimensão separada da dimensão social da qual é derivada. A avaliação social seria, portanto, o elo entre as duas dimensões já que é por meio dela que o falante explora os diversos recursos linguísticos disponíveis em sua comunidade para, então, responder a diferentes públicos.

(6)“Os falantes têm uma habilidade refinada para projetar seu estilo para uma gama de diferentes destinatários, bem como para outros membros da audiência.” De acordo com Bell, essa é a conclusão clássica do modelo de acomodação que prevê que o falante acomoda-se aos seus ouvintes com vistas a obter aprovação.

(7)“A mudança de estilo, de acordo com o tema ou com o ambiente, deriva seu significado e direção da mudança da associação subjacente aos tópicos ou ao ambiente com os membros típicos da audiência.” Esse princípio é para Bell, um dos mais ousados por ele proposto, visto que não está claro se a mudança da associação é um recurso válido para a audiência. A mudança de tópico, no entanto, é a base da proposta de

Fishman (1972, p. 29), para quem “os membros de complexos sociais que compartilham um repertório linguístico devem saber (e sabem) quando mudar de uma variedade para outra”. Assim, uma mudança situacional *pode* exigir uma mudança na variedade linguística, que *pode* indicar uma mudança na relação entre os co-membros ou uma mudança no tópico ou no propósito da interação ou mesmo uma mudança de intimidade.

(8) “Assim como a dimensão "responsiva" do estilo, há uma dimensão de "iniciativa" em que a própria mudança de estilo inicia uma mudança na situação em vez de resultar de tal mudança.” De acordo com Bell, sociolinguistas como Blom e Gumperz (1972) fazem distinção entre o termo "situacional" e o "metafórico". Para Fishman (1972), a mudança *metafórica* ocorre quando, na interação social, o falante decide mudar de variedade linguística sem que tenha ocorrido mudança de situação. É, pois, usada com o propósito de ênfase ou contraste. Para Bell, em mudanças de estilo *iniciativa*, o falante usa de forma criativa recursos de linguagem, mesmo aqueles de fora da sua comunidade de fala ou estende esses recursos em novas direções. Contudo, Fishman (1972, p. 31) frisa em seu estudo que a mudança metafórica é um luxo que só está ao alcance daqueles que não só compartilham, confortavelmente, do mesmo conjunto de normas situacionais, mas também dos mesmos pontos de vista sobre a violação metafórica dessas normas. A aplicação do estilo metafórico na audiência é redefinida por Bell no princípio a seguir.

(9) “As mudanças de estilo iniciativas são em essência a “referee design”,” através da qual as características linguísticas associadas a um grupo de referência podem ser utilizadas para expressar a identificação com esse grupo.” Para Bell, a mudança de estilo *iniciativa* é, essencialmente, uma forma de o falante redefinir sua própria identidade em relação ao seu público-alvo. Nesse sentido, pessoas não presentes na interação são tão importantes na audiência que podem influenciar na escolha do estilo a ser usado pelo falante.

(10) “Pesquisas sobre estilo exigem seus próprios projetos e metodologia.” Para que os estudos orientados para esse fim avancem, Bell afirma que as amostras por falante são específicas e que, portanto, precisam de uma orientação metodológica própria para não incorrer no risco de apontar apenas as diferenças dialetais.

Em sua proposta de 2001, Bell acrescenta à análise de estilo, uma abordagem quantitativa. Nesses termos, poderíamos ter uma análise estilística em três camadas: primeiro, quantificam-se, em termos variacionistas, determinadas características estilísticas; em seguida, analisam-se qualitativamente os dados de fala individuais como recurso estilístico; e, por fim, analisa-se a co-ocorrência de diferentes características estilísticas em diferentes trechos da fala.

Como observam Rickford e Eckert (2001), os estudos labovianos estabeleceram que a variação estilística constitui um elo fundamental entre o indivíduo e a comunidade – entre o linguístico, o cognitivo e o social. De acordo com os autores, Labov (2006 [1966]) demonstrou que o uso de variáveis sociolinguísticas é estratificado socioeconomicamente e que variedade estilística de cada falante cobre um subconjunto contínuo do uso na matriz socioeconômica. Ao colocar prestígio na extremidade superior da hierarquia socioeconômica, Labov caracterizou que o estilo de cada falante varia em um *continuum* em que de um lado temos o prestígio, como resultado da fala mais formal, e do outro temos o estigmatizado, como resultado da fala mais *casual*. Para os autores, embora a noção de prestígio desempenhe um papel importante na obra laboviana, é a atenção prestada à fala que Labov põe no centro da sua teoria estilística.

Aliás, segundo Rickford e Eckert (2001), tal foco teórico relegou o estilo de uma investigação empírica, justificada pela tradição quantitativa americana a) pela dificuldade operacional em separar a *fala casual* da *monitorada* a partir de contextos de entrevista e b) pelo olhar dos pesquisadores para as restrições linguísticas e sociais da variação.

Tais justificativas não impediram que outros estudos contribuíssem para uma nova visão de estilo. É o caso da proposta beliana, que acompanhou os estudos desenvolvidos na psicologia social e emergiu em um modelo cujo foco de investigação era o centrado na “audiência pública”,

Reconhecendo que nem todas as mudanças estilísticas são respostas óbvias para apresentar os participantes, ele postulou o efeito de "referees" - grupos de referência ausentes - cuja presença na mente do falante poderia influenciar a variabilidade. Este papel não só introduziu uma visão coerente do estilo, como também integrou uma ampla gama de resultados sociolinguísticos anteriormente díspares, e postulou uma série de novas generalizações teóricas e predições testáveis sobre a relação entre a variação social e estilística. (RICKFORD e ECKERT, 2001, p. 4)

Assim como Rickford e Eckert (2001), acreditamos que as propostas de Labov (1966) e Bell (1984) não devem ser tidas como “contraditórias ou mutuamente excludentes”, pois não há como desconsiderar a importância desses estudos para aqueles que os precederam.

2.2.3 O estilo em Irvine

Para dar conta de uma análise estilística “multidimensional”, recorreremos às reflexões de Irvine (2001) que nos permite situar o estilo numa esfera interacional constante, reflexo de um contexto social constitutivo da própria identidade do falante.

Consoante com Labov, Irvine (2001) acredita que o prestígio e a atenção prestada à fala são dois pontos a serem considerados nos estudos sobre variação estilística, contudo acrescenta que estes polos não dão conta de explicar o significado estilístico que, a seu ver, é resultado de um processo de construção semiótica que vai além da língua, motivado por uma ideologia da linguagem que liga a identidade social a uma conduta verbal. Isto é, para a autora:

os fenômenos linguísticos que constituem estilos, como forma de distintividade linguística, têm uma consistência que deriva, em algum grau, a partir de ideologias locais da língua – princípios de caráter distintivo que ligam diferenças linguísticas a significados sociais. (IRVINE, 2001, p. 33).

Temos aqui a primeira extensão da teoria laboviana. Ao considerar estilo como um processo de distintividade que se constitui na coletividade, e não apenas na relação do indivíduo com os recursos linguísticos, Irvine (2001) foge de um reducionismo teórico que coloca a variação intrafalante e entrefalantes em uma só dimensão sociolinguística. Olhar o estilo como uma dimensão maior que a de apenas observar o que os indivíduos fazem/dizem leva Irvine a fazer uma distinção entre *registro* e *dialeto* em função da existência criativa de “vozes” associadas a grupos sociais, fato esse que torna tal distinção ainda mais complexa quando se analisa o repertório de uma comunidade de fala.

Em Irvine (2001), o conceito de *registro* – antes definido de acordo com a situação e não em relação às pessoas e grupos – define-se agora pelas imagens culturais das pessoas juntamente com as situações e atividades em que ela participa. Segundo a autora, o *dialeto* – antes visto como uma variedade formada independentemente dos outros, em condições de isolamento comunicativo – pode ser pensado como conectado ao indivíduo, as cenas/atividades ou ao seu modo de ser. É como se o dialeto também pudesse ser utilizado, pelo indivíduo ou por pessoas de fora do “grupo [ou quadro] de referência”, para encenar e exhibir atitudes ou definir situações. Para ela,

enquanto dialeto e registro – ao menos como a sociolinguística ordinariamente os identifica – referem-se a fenômenos linguísticos apenas, estilo envolve princípios de distintividade que podem se estender para além do sistema linguístico a outros aspectos do comportamento que são organizados semioticamente. (IRVINE, 2001, p. 31-32).

Temos, assim, uma noção de estilo que compreende o falante enquanto um agente no espaço linguístico e social que negocia suas posições/seu papel dentro de um sistema de distinções e possibilidades linguísticas, sendo o ato de fala constituído ideologicamente a partir de um grupo social e suas características, ou seja, um “quadro de referência” para o qual o falante tenderia a se aproximar ou cuidadosamente evitar mediante a situação ou audiência (cf. IRVINE, 2001, p. 31).

Nesse modelo, a ideologia da diferenciação linguística interpreta os fenômenos sociolinguísticos no interior de suas visões, por meio de três processos semióticos básicos que, segundo a autora, regem tanto a linguagem quanto a vida cotidiana. São eles:

- a) a **iconização** é um processo semiótico que transforma a relação sígnica entre características linguísticas e as imagens sociais às quais a elas estão ligadas. Diferenças linguísticas parecem ser representações icônicas dos contrastes sociais que elas indicam – como se uma característica linguística de alguma maneira descrevesse a natureza ou a essência de um grupo social. A representação ideológica – em si um signo – opera em termos de imagens; ela seleciona qualidades supostamente compartilhadas pela imagem social e pelas características linguísticas (ou melhor, uma imagem de tais características), colocando essas imagens juntas. Desta forma, iconização implica a atribuição de causa ou necessidade a uma conexão (entre comportamentos linguísticos e categorias sociais) que pode ser apenas histórica, contingente ou convencional.
- b) A **recursividade** envolve a projeção de uma determinada oposição, saliente em um nível de relacionamento, a um outro nível. É o processo pelo qual distinções significativas (entre grupos ou entre variedades linguísticas etc.) são reproduzidas no interior de cada lado da dicotomia, criando subcategorias e subvariedades; ou, ao contrário, oposições intragrupos podem ser projetadas para fora, nas relações intergrupos, criando supercategorias que incluem ambos os lados, mas que os opõem a alguma outra coisa. Esse é o processo que liga formas sutis de distinção a oposições mais amplas.

- c) O **apagamento** é o processo pelo qual uma ideologia simplifica o campo sociolinguístico. Dá atenção a apenas uma dimensão da distintividade e ignora as outras, reduzindo, assim, alguns fenômenos sociolinguísticos (ou pessoas ou atividades) invisíveis. Assim, por exemplo, um grupo social ou uma linguagem pode ser imaginado como homogêneo, suas variações internas desconsideradas.

Enquanto semiose social, o estilo explora traços linguísticos que permitem uma implantação e interpretação criativa da língua. Essa é, pois, a contribuição de Irvine aos estudos estilísticos. É olhar o estilo entre as variedades de acordo com os usuários e com os usos, é não se reduzir a padrões e variedades relativamente estáveis e institucionalizadas. É incluir as formas visíveis e também as mais sutis por meio das quais os indivíduos “navegam” entre as variedades disponíveis na tentativa de desempenhar a representação de si mesmos, um “eu” distintivo que pode ser subdividido em um sistema de aspectos diferenciados do “eu” (cf. IRVINE, 2001, p. 31).

2.3 Sobre o papel do indivíduo para os estudos sociolinguísticos

Como é sabido, o contexto social na teoria laboviana é traduzido pelo conceito de comunidade de fala, e não pelo idioleto/indivíduo. Essa visão fez com que muitos acreditassem, até hoje, que a sociolinguística variacionista considerou/considera o indivíduo apenas como um ser estratificado de acordo com fatores como idade, sexo, classe social, de modo a se chegar ao objetivo maior da análise sociolinguística, a comunidade de fala.

O próprio Labov (2006 [1994], p. 71-72) chegou a afirmar que o indivíduo, enquanto objeto linguístico, é produto de uma história social única que, por sua vez, representa uma intersecção dos padrões linguísticos dos grupos e categorias sociais que definem cada falante. Para ele, “[os] indivíduos [da comunidade de fala] não são as unidades finais de análise linguística, mas os componentes que são usados para construir modelos de nosso objeto de interesse primário, o falar da comunidade.”

Definida como um conjunto de normas, valores e atitudes linguísticas compartilhadas por falantes, a comunidade de fala apresentada na visão laboviana levou a muitas discussões sobre a vinculação entre o indivíduo e a sociedade. A mais radical delas encontramos em Hudson (1981 [1980], p. 40), para quem a comunidade de fala nada mais é que “um protótipo na mente das pessoas”, um conceito “inútil que conduz ao equívoco”, e sua definição “não passa de uma simples caça a fantasma”. Para Romaine (1980), a ideia de comunidade de fala

se torna vaga uma vez que as mudanças não ocorrem em toda a comunidade já que são fenômenos individuais. Uma visão clara sobre o objeto de estudo da sociolinguística laboviana é encontrado em Guy (2000, p. 18-21). Para esse autor, o conceito de comunidade de fala teria três características na teoria sociolinguística:

- a) “características linguísticas compartilhadas”, ou seja, variáveis linguísticas próprias dos falantes da comunidade e não de outras;
- b) “densidade de comunicação interna relativamente alta”, ou seja, a chance de falantes falarem com os seus membros explica a manutenção dos traços linguísticos e, conseqüentemente, a falta de contato com não-membros garante as diferenças;
- c) “normas compartilhadas”, ou seja, os falantes têm atitudes e normas linguísticas em comum licenciadas por avaliações sociais que vão do mais formal ao menos formal.

Está evidente que a noção de comunidade de fala é o ponto de congruência entre todos os idioletos dos falantes individuais. No entanto, a teoria encontra um questionamento: seria neste ponto que todos os falantes encontrariam os limites individuais de sua variação? Ou, “*o sistema linguístico heterogêneo é uma representação da língua da comunidade de fala ou da competência linguística do falante individual*”? Para Lucchesi (2004, p. 172), essa pergunta representa um quebra-cabeças dialético que atualmente desafia a teoria sociolinguística tendo em vista que um falante, em determinada circunstância, pode selecionar, de forma consciente, uma dentre as variantes concorrentes na estrutura linguística. E ainda,

a opção do falante pode variar conforme a situação a que está exposto, pois sua escolha é determinada, por exemplo, pela intenção do falante de facilitar a sua aceitação em um determinado ambiente ou segmento social, ou pode resultar também da aceitação ou negação de um padrão linguístico imposto institucionalmente, ou característico de um outro grupo social (LUCCHESI, 2004, p. 172).

A respeito do falante individual, Hudson (1981 [1980], p. 22) afirma que este é tão importante para a sociolinguística quanto uma célula individual é para a biologia, pois “a medida em que nós não entendermos o funcionamento do indivíduo, tampouco seremos capazes de entender o comportamento de um grupo de indivíduos.”

Anterior ainda é a afirmação encontrada em um artigo sobre a influência dos fatores sociais na escolha de variáveis linguísticas, onde Fisher (1974 [1958], p. 96) chegou a propor a criação de uma abordagem que desse conta de identificar, primeiramente, vários idioletos para então se chegar à descrição completa da comunidade linguística local. Para ele, a chamada *idioletologia comparada* partiria da descrição completa de “um único dialeto”, tendo como método de trabalho de campo a observação da fala de apenas um informante, que seria “seguido com um gravador portátil”, com o objetivo de “anotar as mudanças de sua fala em ambientes e situações diferentes, bem como com diferentes interlocutores.”

Como vimos no item anterior, as propostas de Labov e Bell abriram espaço para discussões acerca do papel do falante na variação e mudança linguística. O próprio Labov (2010, p. 189) afirma que “há muito a ser aprendido com o estudo da variação individual, em ver como os indivíduos fazem uso da estrutura complexa de variação da comunidade ao evocarem diferentes identidades sociais”. Para o autor, estudos como esses têm de ir além da descrição de atos individuais e observar como uma pessoa muda seu estilo de uma situação para outra.

Wardhaugh (2006, p. 6), também, acredita que cada indivíduo é capaz de conhecer, precisamente ou quase inteiramente inconsciente, os vários limites das normas. Para o autor, os sociolinguistas devem voltar seu olhar para questões como identidade, membros de grupos, poder, socialização de modo a tentar responder “*porque um falante X se comporta de uma forma, e o falante Y se comporta de outra forma?*” tendo em vista que a linguagem é tanto a “posse de um indivíduo e como uma posse social”.

Para Wardhaugh (2006), o comportamento linguístico de um indivíduo pode também ser explicável em termos de estrutura de *redes*. Isto é, uma possibilidade de observar um indivíduo específico é ver como ele se relaciona com outros indivíduos na sociedade, em interação com outros membros de sua rede social. Contudo, frisa o autor que a observação sociolinguística deve ser cautelosa quanto ao estudo de um falante individual já que este segue, inevitavelmente, a difícil caracterização do próprio conceito de comunidade de fala.

Discussões teóricas recentes sobre a importância do estudo da variação individual são encontradas em Meyerhoff (2006, p. 10). Em seu livro, a autora também comunga a ideia de que o falante tende a mudar seu estilo de acordo com a situação e afirma que todo falante, de posse da sua competência sociolinguística, pode modificar sua fala a depender *com quem* se fala e em qual *situação* se fala. Ao fazer isso – mudando sua fala dependendo do interlocutor ou da situação –, o falante constrói o conhecimento sociolinguístico da sua comunidade.

De acordo com Meyerhoff (2006, p. 23), a sociolinguística não deve se restringir em catalogar apenas as diferenças e semelhanças entre os falantes em dada comunidade de fala, mas deve começar a ‘tocar em questões mais difíceis’, começando a se questionar “*como as pessoas diferem na forma que elas usam a linguagem e as variantes linguísticas disponíveis na sua comunidade?*” e, ainda, “*o que motiva as suas diferenças quanto ao uso?*”.

Segundo ela, o ‘campo é fértil para isso!’ e estudos com o foco na variação intrafalante podem nos ajudar a dizer muito sobre a variação linguística da comunidade de fala, já que dão conta do duplo papel desempenhado pela variação linguística: o de refletir e o de construir o significado social da linguagem. É o caso das redes sociais e das comunidades de práticas⁶, conceitos que também podem ser úteis para o entendimento do significado social da variação linguística.

Segundo Milroy (2002, 1987 [1980]), um dos primeiros pesquisadores a relacionar a análise de redes sociais a estudos de mudança linguística, o foco desse conceito está além da análise do comportamento e características do indivíduo; está em observar também como as relações sociais dos que a ele se ligam interferem em suas escolhas linguísticas. Para Meyerhoff (2006, p. 184), essa abordagem apresenta elementos muito mais peculiares, idiossincráticos já que tais escolhas são definidas por “quem são seus amigos, quem mora perto de você, com quem você tem que jantar ou beber e com quem você trabalha.”

Outra característica do estudo de redes sociais é sua classificação em “densas ou frouxas”. Por redes densas entende-se aquelas em que os todos membros se conhecem, fato esse que poderia indicar, em termos de mudança linguística, um retardamento ou ainda uma inibição. Já nas redes frouxas, os falantes estariam mais expostos às inovações fora de sua rede e, portanto, mais propensos à mudança linguística (cf. MILROY, 1987 [1980]).

As redes também podem ser distinguidas em termos da qualidade dos laços entre os indivíduos. Ou seja, de um lado temos um laço *uniplex* quando a interação entre os membros de uma rede é baseada em apenas um relacionamento. De outro, temos um *laço multiplex* quando os integrantes da rede interagem uns com os outros em diferentes papéis. Para Meyerhoff (2006), a distinção entre laços não é muito explorada em sociolinguística já que,

⁶ Embora esta pesquisa não leve em conta a aplicação deste conceito, convém conceituar, nos termos Eckert (2000), a comunidade de prática como um agregado de pessoas que se juntam para engajar-se em algum empreendimento comum. Para Meyerhoff (2006, p.189-190), a comunidade de prática é um tipo específico de rede social caracterizado por três aspectos distintos: (a) “engajamento mútuo”; (b) “empresa negociada em conjunto” e (c) “repertório compartilhado”. No primeiro aspecto, as pessoas têm de estar em contato direto para juntos engajarem-se; no segundo, os membros não apenas estão em contato regular, mas trabalhando em conjunto em torno de empreendimento maior, isto é, as interações refletem uma negociação em direção a um objetivo em comum; o terceiro envolve a partilha de práticas sociais e de usos linguísticos entre os membros, como gírias, jargões, gestos, entre outros (cf. MEYERHOFF, 2006, p.189-190).

na prática, essa intuição é muito mais aplicável em estudos que veem o falante como membros de uma comunidade de prática.

Para Britain e Matsumoto (2008, p. 15), a mudança observada no objeto de estudo da teoria sociolinguística nos apresenta atualmente um conceito de comunidade linguística como algo mais “concreto”, como um conceito que “envolve grupos de indivíduos que se juntam para realizar práticas compartilhadas em um esforço compartilhado”. Ou seja, os indivíduos estão mais conscientes das suas práticas linguísticas já que têm um propósito em comum. Essa mudança gradual, chamada por eles de mudança de nível “top-down”, que segue o modelo de comunidade de fala, para um nível “bottom-up”, que segue modelos mais recentes como os de redes sociais, por exemplo.

Nesse âmbito, Meyerhoff (2006) afirma que essas duas abordagens devem ser vistas de modo complementar de modo a nos tornar mais sensíveis às diferentes identidades que contribuem para o significado social da variação linguística. De acordo com a autora, estudos “deixam claro que redes sociais e comunidades de prática têm impacto sobre o comportamento linguístico dos falantes que nelas estão envolvidos”, considerando que “o estilo tem intensamente um significado local, interpretável, por vezes, só em termos da relação entre os interlocutores, naquele momento, e naquele lugar.” (cf. MEYERHOFF, 2006, p. 194; 200)

2.4 Conclusão

Neste capítulo, foram apresentadas visões teóricas que partem da premissa de que as relações sociais entre os indivíduos e o contexto de fala refletem, de algum modo, as mudanças observadas na língua(gem). Muito embora os estudos variacionistas tenham nos últimos anos estado centrados na comunidade de fala, seu objeto de estudo, submetendo, pois, o indivíduo a um papel secundário na promoção da mudança linguística, Labov não descarta a importância do ‘falante individual’ para a análise sociolinguística quando diz que “todos sociolinguistas concordam que as produções e interpretações de um falante individual são depósito primário de pesquisa linguística”, e acrescenta: “não se pode entender o comportamento do falante individual sem que se tenha delineado o padrão sociolinguístico da comunidade de fala (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 70-71)”.

Como vemos, já há uma preocupação entre os variacionistas em se investigar os fatores que contribuem para a mudança de estilo que, na visão de Labov (2001, p. 86), parece ser uma das chaves para entendermos a trajetória da mudança linguística, sobretudo, em seus

estágios finais. Pode-se dizer que essa preocupação já havia sido registrada na sua proposta de atenção prestada à fala, primeira tentativa de sistematização dos motivos que levam um falante a mudar de estilo no seu dia a dia, abrindo o caminho para estudos como o de Bell (1984, 2001), para quem o estilo é condicionado à projeção que o falante faz diante os seus interlocutores.

Sabemos que essas duas visões sobre o estilo diferem quanto à abordagem metodológica, o que não nos impede, no entanto, de achar um ponto de congruência entre elas: a necessidade de saber, o máximo possível, o que leva um falante a mudar de estilo em uma dada interação. Ou melhor, o que leva um mesmo falante ludovicense, por exemplo, a mudar de um estilo mais *casual* para um mais formal em uma conversa entre amigos.

É na tentativa de responder essa questão que recorreremos ao conceito de rede social, noção que muito tem contribuído para as pesquisas que buscam observar a relação do indivíduo em diversas situações sociais. A aplicação desse conceito torna-se ainda mais necessária se se perceber que há um significado social atribuído a diferentes variantes linguísticas que, por sua vez, é negociado na interação entre os falantes (*cf.* MEYERHOFF, 2006, p. 200)

E já que parece haver um significado social atribuído às formas de tratamento a depender da situação de interação, é justo que recorramos, quando da análise, à noção de *footing*⁷, conceito da Sociolinguística Interacional que também será abordado em nossa análise. É um conceito fundamental, no dizer de Bortoni-Ricardo (2004), para situar a variação ao longo do contínuo de monitoração estilística. O próprio Goffman (2002, p. 147) chega a relacionar esse conceito à linguagem já que, constantemente, os falantes mudam seus *footings* enquanto vão falando, sendo essas mudanças uma característica inerente à fala natural. Para ele, essa é uma “habilidade de um falante competente de ir e vir, mantendo em ação diferentes círculos.”

Contudo, estamos cientes de que dar uma resposta válida sobre os motivos envolvidos nessa escolha esbarra nas mais variadas possibilidades de usos estilísticos, sobretudo no que se refere à variedade de tratamento para a segunda pessoa no Maranhão. Para Bell (2001, p. 169), a criatividade do falante é tamanha que desvendar “por que um

⁷ Segundo Goffman (2002, p. 113-114), entende-se *footing* como “uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução”, ou seja, é a habilidade que o falante tem em se alinhar ou se projetar socialmente ou de negociar suas relações mediante o *frame*, entendido como um *enquadre* comunicativo, um *esquema*, *script*, como algo “que está acontecendo em uma interação” (*cf.* TANNEN, WALLAT, 2002, p. 187).

falante falou assim, desta forma, nesta ocasião?” reflete parte da misteriosa e insondável personalidade humana que, a seu ver, é algo imprevisível que vai (e deve) assim permanecer.

Em suma, o que pretendemos ao citar essas abordagens, não se resume na simples adoção de uma em detrimento da outra, mas na contribuição que cada uma delas pode trazer a estudos sociolinguísticos que se propõem a analisar a variação de estilo entre falantes e intrafalante. A seguir, nos deteremos na explicação dos métodos que sustentam nossa análise e justificam claramente o uso das abordagens teóricas aqui explanadas.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Um dos maiores desafios de um linguista é tentar responder quais são os mecanismos que atuam na evolução e na mudança de uma língua. Para Labov, parte dos nossos questionamentos encontra resposta através de um exame minucioso das mudanças linguísticas que se processam em uma comunidade de fala. Para tanto, um dos primeiros passos é definir aquela variável que, dada sua frequência, apresenta-se como um aspecto possível de mapear o comportamento linguístico dos falantes de uma comunidade. Neste capítulo, apresentamos os passos metodológicos que nos levaram a definir a regra variável e o método utilizado para o estudo dos aspectos linguísticos e sociais que norteiam a variação entre falantes e intrafalantes na comunidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão.

3.1 Contextualizando os passos metodológicos

É sabido que este trabalho tem como um de seus objetivos retomar a reflexão iniciada por Alves (2010). Esse objetivo, de início, já nos apresenta um questionamento: há a necessidade de um outro estudo sobre o mesmo tema, na mesma comunidade?

Começamos definindo aquela categoria considerada como um dos passos mais importantes da nossa investigação: a variável sociolinguística. A alternância entre as formas *tu sem concordância*, *tu com concordância* e *você* nos permitiu defini-las como as variantes linguísticas que servem como foco para esse novo olhar sobre a comunidade de fala de São Luís. O trabalho de 2010, por exemplo, não considerou em sua análise todas as formas possíveis de o falante ludovicense tratar seu interlocutor. Fato esse que já nos licencia a verificar, agora mais detalhadamente, que fatores estariam atuando no sistema linguístico dessa comunidade que apresenta, pelo menos, três formas possíveis de se tratar o interlocutor.

A diversidade do nosso sistema de tratamento aumenta ainda mais quando captamos as formas *cê* e *senhor/a* no falar ludovicense. Essas duas formas, contudo, apresentam um uso singular, motivo pelo qual decidimos por manter, em uma única variável, apenas as variantes *tu sem concordância*, *tu com concordância* e *você*. Em nosso capítulo de análise ficará mais clara essa opção visto que os dados levantados demonstraram a existência, em São Luís, de um sistema de tratamento enéario regido por formas que se alternam a depender dos

interlocutores e das relações entre eles ou mesmo do ambiente em que ocorre a interação. Assim, de maneira geral, temos atualmente cinco formas em variação demonstrando, portanto, a complexidade dos tratamentos em São Luís. Os trechos a seguir exemplificam o uso variável da segunda pessoa:

interação pai / filho

(3)

Pai: “Porque, meu filho, se for nesse, **TU NEM GASTAVA** hotel, cara. **TU NEM IA** pra hotel, **TU IA CHEGAR** cinco hora da manhã e IA direto pra universidade, PASSAVA o dia todo na universidade.

[...] Porque se **VOCÊ FOR CHEGAR** de manhã e sair de noite, **TU NEM IA** pro hotel, ficava na... [...] Sim, meu nenemzinho, sim, meu nenemzinho, eh... **TU VAIS** pro negócio?”

Filho: “Sim, oh, pai, então olha pra mim esse negócio, se **O SENHOR FICAR** agora na na na universidade sem fazer nada!”

Pai: “Tá.”

Filho: “É não, pai, eu sei que **O SENHOR É UM DOUTOR.**”

(4)

Pai: Ah, **CÊ VAI** chegar quase que (inint.)

Filho: Oito horas. Dez, dez horas!

pai de João: F1 (homem, 55 anos, ensino superior)

filho (colaborador alvo João)

interação professora / aluna

(5)

Aluna: “Professora, **A SENHORA** agora tem que mudar só isso aqui, né? [...] Não, não vou mudar não. Porque aqui, eu já coloquei só inquéritos.”

Professora: “**TU JÁ TRABALHASTE** a partir de inquéritos, mesmo nós não tendo feito esse cálculo, [...]”

(6)

Aluna: “Daqui, da gente do projeto, porque eu acho que é necessário, porque **VOCÊ VÊ** como é que tá andando e aí, essa daqui, a gente tá trabalhando só com o número de... esses dados entrarão aqui.”

Professora: “É, mas a nós temos que fazer isso pro ALiB, mas para o ALiB é mais simples, né?”

Aluna: “Como assim?”

Professora: “**TU NÃO FIZESTES** para o ALiMA, quarenta.”

professora de Ana: F11(mulher, 60 anos, ensino superior)

aluna (colaboradora alvo Ana)

interação irmão / irmão

(7)

Irmão (1): “Sim, isso quer dizer que **TU NÃO VAI** mais contar pra gente?”

João: “Não, nunca mais. E eu nem quero que mais **VOCÊ TOQUE** nesse assunto.”

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)
(colaborador alvo João)

Um outro ponto a ser observado diz respeito à metodologia da entrevista. Alves (2010) analisou um conjunto de dados extraído do *corpus* do Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA⁸ em que considerou o Questionário Morfossintático (QMS), a propósito da questão de nº 24⁹, como também as ocorrências de *tu* e *você* encontradas nos demais níveis de análise que compõem o questionário do ALiMA¹⁰. Após a análise de 28 inqueritos, cheguei ao levantamento de 328 ocorrências sendo 126 ocorrências de *tu*, 168 de *você*, 27 da forma reduzida *cê* e 7 da forma *ocê*. Esse fato nos chamou atenção, uma vez que não era esperado um percentual de 53% de *você* em uma comunidade em que é recorrente o uso de *tu* e não de *você*. O que teria condicionado um percentual elevado da forma *você*?

O que, em parte, pode explicar tamanha diferença percentual é a metodologia adotada para a análise do fenômeno. Como já citado, a pesquisa realizada em 2010 levou em consideração o *corpus* coletado para o ALiMA cujos dados são o resultado de entrevistas estruturadas entre um documentador (INQ) e um informante (INF). Vejamos os trechos a seguir:

inquiridor / informante

(8)

INQ: Agora imagina quan... **TU VÊS** um amigo com uma mala e **TU QUERES saber** pra onde ele vai, como é que **TU PERGUNTARIAS?**

INF: Pra **onde TU VAIS** com essa mala?

corpus Projeto ALiMA – informante (masculino, primeira faixa etária, nível superior) (QMS – 024), INQ (inquiridor)/INF (informante)

⁸ O Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA é um projeto do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão – DELER/UFMA, que tem como um de seus principais objetivos “elaborar o Atlas Linguístico do Maranhão” e “descrever a realidade do português do Maranhão para identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos que caracterizam diferenciações ou definem a unidade linguística no Estado” (RAMOS, 2005, p.5).

⁹ “Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta? TU/VOCÊ sujeito”. (Questionário ALiMA, p. 44). Conferir exemplo (8).

¹⁰ Para a pesquisa de 2010, foram considerados os dados resultantes da aplicação do QMS, com ênfase nas questões de natureza morfossintática que tratam do uso dos pronomes pessoais, e aqueles dados referentes às questões metalinguísticas e aos discursos semidirigidos e, ainda, todo e qualquer relato do informante que evidenciasse o fenômeno em análise. Convém ressaltar que, ao todo, o questionário do ALiMA é composto por 422 perguntas e segue a uma divisão que possibilita um exame da língua em seus diferentes níveis de análise, a saber: questionário fonético-fonológico (QFF), questionário semântico-lexical (QSL) e questionário morfossintático (QMS).

(9)¹¹

INQ: Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?

INF: Zangado

INQ: Mas aquele às vezes que precisa ser internado no hospício?

INF: Ah, sim eh... louco no caso

INQ: E que outro nome?

INF: Uma pessoa que fica agressiva ...

INQ: Ahn, rã! Internado no hospício **VOCÊ DISSE?**

INF: Maluco, é louco, eh ...

INQ: Conhece também outro nome que a gente usa para isso além de maluco, louco?

INF: Não me ocorre aqui outro... **VOCÊ TÁ ZANGADO**, tem que ser hospitalizado, tá fora de si, eh...

INQ: Quando alguém lhe faz alguma coisa assim **VOCÊ DIZ, TU ÉS...**

INF: Pirado, **TU ÉS DOIDO**

corpus Projeto ALiMA – informante (masculino, segunda faixa etária, nível superior) (QFF – 138), INQ (inquiridor)/INF (informante)

(10)

INQ: Eh, **VOCÊ** tem uma irmã, por exemplo, e como **VOCÊ** diz pra ela que algo pertence a ela? Então, **VOCÊ** vai dizer que esse lápis... Assim, ‘T’., digamos que seja sua irmã, **VOCÊ** vai dizer que esse lápis pertence a ela. Aí, **VOCÊ** vai dizer o que: “T...”

INF: Se estiver falando com ela?

INQ: Sim.

INF: Ah! Sim. Eh... ‘A..’, esse lápis é seu” ou “esse lápis é teu”.

INQ: **VOCÊ**... por exemplo, **VOCÊ** faz diferença de dizer **SEU** e **TEU**?

INF: Olha, geralmente eu uso **SEU**, **VOCÊ**, pra pessoa que está um pouco mais distante, até um certo ponto. Por exemplo, **VOCÊ** já não é mais tão **VOCÊ**, já é **TU**.

corpus Projeto ALiMA – informante (feminino, segunda faixa etária, nível superior) (QMS – 030), INQ (inquiridor)/INF (informante)

O exemplo (10) foi extraído de uma entrevista realizada com uma informante de São Luís, do sexo feminino, segunda faixa etária e com nível superior. Recorrendo aos dados por informante levantados por Alves (2010, p. 78), observamos que não há nenhum registro de *tu* na fala dessa informante o que nos leva a acreditar que a opção pela forma *você* para tratar seu

¹¹ É digno de notar comentar que, no exemplo (9), o inquiridor é usuário da forma *tu*, para a intimidade, e de *você*, para tratamentos mais formais, com pessoas menos próximas. No exemplo em questão, o uso de *você* se faz recorrente tendo em vista que inquiridor e o informante se conheceram minutos antes da aplicação do questionário. Por outro lado, convém dizer ainda que, mesmo que um maranhense trate seu interlocutor por *você*, tal como apresentado no trecho citado, ele optará pelo *tu* nesse tipo de construção e na situação sociointerativa, a propósito da questão “*Tu és doído*” (QFF – 138), pois ambos requerem intimidade e não implicam hierarquia.

interlocutor deve-se à distância mantida durante toda a situação de entrevista, fato esse que exigiu da informante uma maior atenção à fala. É interessante notar que a única ocorrência de *tu* observada em (10) foi captada já ao final de uma entrevista, de mais ou menos 2h e 30min, tempo médio registrado nas entrevistas do ALiMA. Ao afirmar que “*você* já não é mais *você*, já é *tu*”, a informante rompe o distanciamento e torna a interação mais cooperativa, ao tomar o *tu* como forma de intimidade para se referir ao inquiridor, que também marcava a formalidade da situação interpelando seu informante por *você*. Vemos, então, que a situação entrevista levou a informante a optar por *você* em uma tentativa de “convergir” sua fala à do entrevistador¹².

É bem verdade que a natureza do estudo poderia ser uma resposta possível para tal resultado: fenômenos de natureza morfossintática não costumam ser tão recorrentes quanto os de natureza fonética e lexical, considerados mais produtivos quando da determinação de uma área dialetal (cf. VIEIRA e VIEIRA, 2001). Prova disso é a publicação de um único atlas linguístico representado cartograficamente por cartas linguísticas morfossintáticas, o *ALERS* e, mais recentemente, do Atlas Linguístico do Brasil, que traz, em seu primeiro volume, uma carta morfossintática dedicada à variação *tu* e *você* nas capitais brasileiras (cf. CARDOSO *et al.*, 2014).

Quanto aos questionários morfossintáticos, a diretora-presidente do Atlas Linguístico do Brasil, Suzana Cardoso, confirma a restrição desse instrumento de pesquisa na observação de fatos de natureza morfossintática e ratifica que “não há dúvida de que os fenômenos morfossintáticos são mais perceptíveis [...] nos discursos livres e semidirigidos.” (cf. CARDOSO, 2010, p. 97)

Não se trata aqui de eleger qual é a metodologia mais ou menos adequada para a observação de dados, tampouco diminuir as pesquisas morfossintáticas realizadas com base em dados extraídos de Atlas Linguísticos que, a nosso ver, se configuram como um valioso registro da variedade linguística da língua portuguesa falada no Brasil e, notadamente, no Maranhão. Convém ressaltar a observação de Meyerhoff (2006) sobre a importância de considerar dados da dialetologia para estudos de cunho sociolinguístico. Para ela, esses estudos vão além do simples mapear onde as pessoas usam uma ou outra forma; podem

¹² No exemplo (10), o uso de *você* pode ainda ter as seguintes interpretações: i) a inquiridora e a informante também se conheceram minutos antes de iniciar a aplicação do questionário fato esse que, como já sinalizado, pode favorecer o uso da forma de maior cortesia ou respeito; ii) a inquiridora não é maranhense e procede de uma área linguística mareada pelo uso de *você*; logo, tal uso pode não estar, em sua totalidade, atrelado ao contexto de aplicação do questionário.

também nos fornecer dados para melhor entender como fatores linguísticos e não linguísticos estão atuando dentro de uma única comunidade.

Comungamos com essa visão, já que queremos, com este trabalho, de um lado: ampliar o espectro da fotografia linguística dessa comunidade de fala ludovicense, retornando sempre que possível à análise apresentada por Alves (2010), visando termos uma visão macro da comunidade de fala ludovicense. E do outro, uma visão micro, agora sob a ótica das escolhas estilísticas dos indivíduos, gravados tanto em situações mais naturais quanto em situações mais controladas.

Veremos, a seguir, as decisões que nortearam a estruturação da amostra deste trabalho.

3.2 A metodologia das gravações

Definir uma variável linguística, como um dos passos mais importantes da investigação sociolinguística, requer que se estabeleçam os mais variados contextos linguísticos em que ela ocorre. Com a definição do foco do trabalho – a variação entre e intrafalante –, o primeiro passo foi eleger a metodologia mais adequada para coletar a fala dos indivíduos e quais contextos¹³ seriam observados. Dada a natureza específica do nosso trabalho, recorreremos a metodologias de base sociolinguísticas para que tivéssemos o suporte necessário para captar o fenômeno analisado e superar o temido ‘paradoxo do observador’.

Assim, em busca daquele estilo que melhor representasse o vernáculo – neste caso, a língua falada em situações em que o mínimo de atenção é prestada à fala –, decidimos pela obtenção dos dados por meio de gravações espontâneas e assistemáticas individuais.

No entanto, foram identificados alguns problemas nessa etapa do trabalho. Em primeiro lugar, percebemos que esse fenômeno não é facilmente capturado se consideramos a interação livre de um único falante. A análise de uma gravação mostrou, naturalmente, a alta incidência da primeira pessoa tendo sido observadas ocorrências específicas à segunda pessoa, apenas, em momentos em que o informante reproduziu a fala de outras pessoas.

A solução encontrada foi gravar esse informante inserido em contextos onde outros indivíduos, pertencentes a sua rede social, estivessem reunidos e, conseqüentemente, em

¹³ Para este trabalho, consideramos a definição ampla de “contexto”, defendida por Van Dijk (2012, p. 35) como um modelo mental que consiste em “esquemas de categorias compartilhadas, convencionais e dotadas de uma base cultural, que facultam uma interpretação rápida de eventos comunicativos únicos em curso”. Configuram-se como esquemas, por exemplo, o tempo e o espaço físico da interação, os interlocutores e suas identidades e papéis sociais.

interação. Para Labov (2008 [1972], p. 63), a melhor forma de fugirmos da ‘fala formal da entrevista’ “é estudar a pessoa em seu contexto social natural – interagindo com a família ou com seus pares.”

Foi o que também observou Milroy, quando em entrevistas individuais, a partir da *observação participante*, nos apresentou as *redes sociais* como uma das variáveis sócio-demográficas de suma importância para o estudo da variação e mudança linguística sob a ótica de um grupo de falantes. Adotar esse conceito possibilitou acrescentar ao nosso estudo uma visão em micro-nível da análise sociolinguística e, portanto, mais qualitativo.

Uma vez definido o contexto em que os informantes seriam observados, as entrevistas foram gravadas com a colaboração de um “amigo do amigo” (*cf.* MILROY, 1987 [1980]; MILROY e GORDON, 2003) que, disposto a gravar, coletou os dados com o consentimento prévio dos falantes. A estratégia de eleger um amigo para ficar responsável pela gravação possibilitou que nós, pessoas desconhecidas pelo grupo, não tivéssemos que participar da interação, fato que, ao nosso ver, poderia inibir os falantes e os levaria a usarem formas mais próximas do padrão. Convém ressaltar que as gravações só foram validadas mediante o consentimento e autorização de todos os envolvidos¹⁴.

Um outro problema comum ao tipo de gravação por nós escolhido, do qual não tivemos como fugir, são os ruídos externos, a sobreposição de falas e a qualidade e o tempo da gravação. Para Silva (2004), a gravação de interações livres tem como desvantagem a impossibilidade de gravações nítidas e o excesso de sobreposição de fala, tornando a transcrição um trabalho difícilíssimo. Contudo, ressalta a necessidade de encararmos essas dificuldades dada a importância cada vez mais nítida de estudos que levam em conta a fala mais “real e espontânea”.

Solucionados esses problemas, o trabalho de campo iniciou com a intenção de gravar dois colaboradores, uma mulher e um homem, em diversas situações interacionais. Ao final da coleta, chegamos a um total de 20h 43min de gravação de interações livres, em que apenas 15h 43min foram transcritas para que o *corpus* por indivíduo tivesse uma distribuição equitativa.

¹⁴ Dada a preocupação ética e social, os procedimentos metodológicos da pesquisa estão adequados às orientações do Comitê de Ética da UnB (*cf.* ANEXO A – Parecer CEP 326417) que salienta que todos os envolvidos na pesquisa devem estar cientes da gravação no momento em que estavam sendo observados.

Uma vez formada a amostra deste estudo, tivemos a ideia de complementar nossa análise por indivíduo com a aplicação sistemática de uma entrevista estruturada¹⁵ com os dois colaboradores observados. Isso porque não foi possível, por questões pessoais, estender as gravações de um dos colaboradores alvo em ambiente físicos mais formais. Veremos, no item 4.3, que a apreensão dos aspectos qualitativos observados na entrevista nos ajudou a compor o registro estilístico dos dois colaboradores alvo. Na sequência, trazemos um quadro ilustrativo da amostra analisada.

Quadro 1 – Configuração da amostra geral

	INTERAÇÕES LIVRES	
	Horas gravadas	Horas transcritas
COLABORADOR ALVO (A) falante masculino, 26 anos, ensino superior completo	7h 33min	7h 33min
COLABORADORA ALVO (B) falante feminino, 29 anos, ensino superior completo	13h 10min	8h 10min
Total geral	20h e 43min	15h 43min

No item a seguir, apresentamos o perfil dos colaboradores analisados bem como os dos demais falantes envolvidos na interação.

3.3 Perfil dos informantes

Embora o método utilizado para a pesquisa leve em consideração a gravação de indivíduos em situações reais de interação, há a necessidade de justificarmos os critérios para a seleção dos colaboradores alvo e dos seus interlocutores, também considerados para a

¹⁵ Convém dizer que a entrevista realizada com o colaborador alvo (A) foi, gentilmente, cedida por Santos (2015). Por tal motivo, procedemos com a aplicação do mesmo questionário com a nossa colaboradora alvo (B). As entrevistas dos colaboradores alvo perfazem, juntas, cerca de 2h 54min de gravação.

análise geral do fenômeno por acreditarmos que o seu papel social pode, direta ou indiretamente, determinar o uso das formas de tratamento dos indivíduos analisados.

O primeiro critério diz respeito ao fato de estratificar os colaboradores alvo em função da sua escolaridade de nível superior completo. A decisão por esse nível de instrução levou em consideração os dados apresentados por Alves (2010) que registrou uma alta variação na concordância entre os falantes com nível superior ao passo que os informantes de baixa escolaridade optaram pela não concordância. Ou seja, pode estar nesse grupo a resposta para a variação na segunda pessoa observada na comunidade de fala de São Luís. O critério “escolaridade”, contudo, não se aplica, em sua totalidade, aos falantes que estão em interação com os indivíduos alvo, conforme observado no quadro 2.

O segundo critério é o da naturalidade e este se aplica tanto aos colaboradores alvo quanto aos seus interlocutores. Assim, as gravações foram coletadas a partir de dados de homens e mulheres, naturais de São Luís-MA e que da cidade não tenham se afastado por mais de 1/3 de sua vida, com residência e trabalhos fixos na localidade objeto do estudo.

Segue, no quadro 2, a distribuição geral dos 17 interlocutores em função do seu papel social, da faixa etária, sexo e escolaridade.

Quadro 2 – Perfil dos interlocutores

	Interlocutor	Papel social	Sexo	Faixa etária	Escolaridade (nível)
Colaborador alvo (A)	F1	pai	homem	55	superior
	F2	irmão(1)	homem	24	superior
	F3	irmão(2)	homem	21	superior
	F4	amiga	mulher	26	superior
Colaboradora alvo (B)	F5	mãe	mulher	55	médio
	F6	irmão	homem	22	médio
	F7	tia	mulher	43	superior
	F8	amiga	mulher	31	superior
	F9	amigo	homem	30	superior
	F10	colega de faculdade	homem	23	superior
	F11	professora	mulher	60	superior
	F12	amiga(a)	mulher	29	superior
	F13	amiga(b)	mulher	28	superior
	F14	amigo	homem	33	nível técnico
	F15	colega de trabalho	mulher	60	superior
	F16	colega de trabalho	mulher	45	superior
	F17	manicure	mulher	23	médio

Antes da apresentação das variáveis independentes linguísticas e sociais, descritas na seção seguinte, faremos uma breve descrição das características dos colaboradores alvo e dos interlocutores que participaram da pesquisa:

3.3.1 Colaborador alvo (A)¹⁶ – doravante “João”

João tem de 26 anos, é formado em Engenharia Elétrica e doutorando na mesma área de atuação. Na época das gravações, trabalhava na Universidade na condição de professor substituto. É solteiro e tem como religião a umbanda. Segundo seu irmão, colaborador desta pesquisa, o informante relatou ter o costume de variar sua fala de acordo com o contexto em que está inserido, sobretudo, quando participa das reuniões de seu grupo religioso. Para o informante, lá, ele “não pode falar bonito”, pois ele “se relaciona com pessoas não escolarizadas”.

Em sua amostra, gravamos João em interação com:

- seu irmão, estudante de ciência da computação;
- seu pai, professor do curso de Engenharia;
- seu irmão, professor de língua inglesa;
- uma amiga, estudante de Letras;

3.3.2 Colaborador alvo (B) – doravante “Ana”

Ana tem 29 anos e é graduada em Letras e em Fonoaudiologia, sendo essa última sua profissão atuante. Na condição de profissional formada em Letras, atuou apenas como apoio técnico do projeto de pesquisa ALiMA. Atualmente, Ana trabalha como fonoaudióloga no Hospital Universitário. Tem dois irmãos, é solteira, mora sozinha e relatou ser muito caseira desde a infância. Segundo ela, trata-se de um costume mantido por influência da mãe que preferia que os “outros viessem para sua casa”.

Em sua amostra, gravamos Ana em interação com:

- sua mãe, do lar;
- seu pai, aposentado;
- sua irmã, do lar;
- seu irmão, estudante do ensino médio;

¹⁶ A partir deste momento, para facilitar a análise e preservar a identidade do falante, recorreremos a nomes fictícios João e Ana em referência aos colaboradores alvo 1 e 2, respectivamente.

- uma tia, professora de geografia;
- uma conhecida, manicure;
- uma professora do curso de Letras;
- eu, a pesquisadora, amiga da informante;
- um amigo, professor de língua portuguesa;
- um amigo, professor de língua inglesa;
- uma amiga, fonoaudióloga;
- uma amiga, fonoaudióloga;
- um amigo, técnico em segurança do trabalho;
- uma colega de trabalho, assistente administrativo formada em Letras.
- uma colega de trabalho, fonoaudióloga;

3.4 As variáveis independentes analisadas

Como já sabido, as investigações sociolinguísticas têm de dar conta da descrição detalhada das variantes que compõem o espectro da variação partindo do pressuposto de que a língua, mesmo heterogênea, apresenta variação regular e sistemática controlada por variáveis inerentes ao próprio sistema ou por estruturas externas a ela.

De forma a contribuir com a descrição desse fenômeno linguístico tão importante aos maranhenses, elencamos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos considerados como relevantes para o estudo da variável dependente.

3.4.1 Variáveis independentes – linguísticas

É sabido que a variação também depende de condicionamentos linguísticos, inerentes ao próprio sistema. Logo, a depender do fenômeno linguístico observado, as variáveis linguísticas, e mesmo as sociais, vão apresentar comportamentos diferentes. Dado o exposto, consideramos os fatores linguísticos a seguir, por estes mostrarem um grau de influência quanto ao uso da variável dependente sob análise. São eles: a) função sintática, b) explicitação do pronome sujeito, c) paralelismo linguístico, d) tempo verbal, e) saliência fônica, f) tipo de referência e g) tipo de discurso.

a) Função sintática

A variável função sintática tem como objetivo fazer um levantamento de todos os contextos morfossintáticos de ocorrência de *tu*, *você*, *cê*, *senhor/a* no falar ludovicense.

Esse levantamento se faz importante para identificarmos em que contexto(s) morfossintático(s) o *você* se insere e se firma na comunidade de fala ludovicense ao lado do *tu*, forma tida como marca linguística identitária do falar local. Estudos com base em *corpora* diacrônicos afirmam, por exemplo, que a implementação do *você* se deu em diversos contextos, sendo a posição de sujeito e a de objeto com preposição os mais favorecedores dessa forma (cf. RUMEU, 2013; 2007; LOPES, 2009). A seguir, listamos os casos encontrados na amostra:

– Pronome sujeito

(11)

A gente se contra no restaurante. **TU VAI** pra UFMA, João?

F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

(12)

Esse foi o que mais me chamou atenção. Se **VOCÊ VISSE** ele, **VOCÊ PENSAVA** que ele era deficiente físico. A perna dele entortou, em questão de 20 dias!

F13 (mulher, 28 anos, ensino superior)

(13)

A SENHORA VAI querer fazer aqui ou vai querer que eu passe pro pendrive ou que eu passe pro seu email?

(colaboradora alvo Ana)

– Complemento com preposição

(14)

Ah é, né?! Ei João, eu não entendi porque, que “E.”, “A.” e “T.” ele vê... é no facebook que a gente fica bagunçando **CONTIGO**?!

F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

(15)

Quer que eu mande preparar um café **PRA VOCÊ**?

(colaborador alvo João)

(16)

Sim... mas o que eu tô dizendo **PRA SENHORA** é...

(colaboradora alvo Ana)

– Complemento sem preposição

(17)

... mas ela vai **TE** explicar direitinho como acontece, entendeu? Não, ai eu não sei como é que fica, ai ela vai mandar pra ti, uma solução lá. Eu sei que ela vai se comunicar diretamente contigo, Eu sei que ela vai **TE** mandar um email, tá bom?

(colaboradora alvo Ana)

(18)

TE lembra que ela quer o resto dos dados, o resto dos dados nós não temos condição de dar pra ela. Eu vou dizer isso pra ela!

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

b) Explicitação do pronome sujeito

Apesar de a maioria dos dados indicar uma preferência pelo preenchimento do sujeito, resolvemos controlar essa variável uma vez que o falante ludovicense ainda faz uso de marcas de concordância para recuperar o seu interlocutor, como em “*ø Vais*”, “*ø Queres*”.

Partindo dessa observação, a codificação dessa variável levou em consideração a presença/ausência da concordância. A hipótese é que a ausência de concordância favoreça a presença do sujeito explícito *tu* e, sobretudo, do *você* forma que, geralmente, vem acompanhada da morfologia verbal de terceira pessoa. Nesse sentido, em contextos de *tu*, a concordância favoreceria ausência do sujeito explícito. Como exemplos, temos:

– sujeito explícito – com flexão verbal de segunda pessoa do singular

(19)

...aí... esse daí **TU não FIZESTE** uma cópia não?

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

- sujeito explícito – sem flexão verbal de segunda pessoa do singular

(20)

Pai: **TU FAZ** a prova e um trabalho.

João: Não, é aquela história...

Pai: Você já comprou a passagem?

pai de João: F1 (homem, 55 anos, ensino superior)

- sujeito nulo – com flexão verbal de segunda pessoa do singular

(21)

Professora: ø **FIZESTE** o que eu te pedi?

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

- sujeito nulo – sem flexão verbal de segunda pessoa do singular

(22)

Cara, que massa, **VAI** ser fiscal de novo né, Ana!

F9 (homem, 30 anos, ensino superior)

c) Paralelismo linguístico

O paralelismo linguístico é outra variável bastante relevante na análise de qualquer fenômeno linguístico, pois nos permite observar a tendência de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (POPLACK, 1979; SCHERRE, 1988; 1998).

Essa variável foi testada a partir da posição da forma pronominal e da forma verbal nas orações, em cada turno de fala, com o objetivo de verificar se a forma pronominal anterior (*tu, você, cê, senhor, senhora, zero pronominal*) ou se a forma verbal anterior (marcada ou não marcada) favorece a mesma forma na(s) oração(ões) seguinte(s). Assim, observamos se elas realizavam-se como:

- (a) **isolada**

(23)

Eu lembro que **TU FALASTE** eh Gran eh General, né, da General?

(colaboradora alvo Ana)

(24)

TU VAI pra São Luís dos Estados Unidos...

F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

(25)

VOCÊ VAI praquela Litorânea é um desfile.

F13 (mulher, 28 anos, ensino superior)

- (b) primeira da série / (c) não 1^a da série, precedido de *tu* sem concordância.

(26)

(b) TU REZOU, (c) TU BATEU este tambor. Menino, este tambor foi com... foi com uma vontade!...

F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

- (b) primeira da série / (d) não 1^a da série, precedido de *tu* com concordância

(27)

Essa é a fase faríngea, que já vai aqui na parte faríngea. Aí (b) TU TENS a, (d) TU TENS.

(colaboradora alvo Ana)

- (b) primeira da série / (e) não 1^a da série, precedido de *você*.

(28)

...que aí (b) VOCÊ não TEM mais um comando sobre ela. A fase quando (e) VOCÊ COLOCA a boca, e....

(colaboradora alvo Ana)

- (b) primeira da série / (f) não 1^a da série, precedido de *o senhor/a senhora*

(29)

Hã? Um atalho? Hum? Quando (b) A SENHORA ESTIVER CHEGANDO, (f) A SENHORA DÁ um toque, aí eu vou pra porta... ”

F4 (mulher, 26 anos, ensino superior)

- (b) primeira da série / (g) não 1^a da série, precedido de pronome *cê*

(30)

...(b) CÊ CANCELA o contrato, mas no outro ano recebendo. (g) VOCÊ PODE, não pode (inint.).

F1 (homem, 55 anos, ensino superior)

- **(b) primeira da série / (h) não 1ª da série, precedido de pronome zero + flexão verbal explícita**

(31)

É, o número total tá certo, o número total de...tá certo (b) TENS razão. É porque eu tava com informante e (h) **TU PENSASTES**¹⁷ inquerito, mas é “o número total de inquerito para cada área.

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

- **(b) primeira da série / (i) não 1ª da série, precedido de pronome zero + zero verbal**

(32)

(b) BOTA uma folha de rascunho e (i) **TESTA**.

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

d) Tempo e modo verbal

Estudos acerca da variação na segunda pessoa, sobretudo aqueles constituídos a partir de dados de *tu com concordância*, têm indicado a relevância da variável tempo verbal. Ao mesmo tempo, os estudos indicaram uma real sobreposição dessa variável com a saliência fônica (cf. LOREGIAN, 1996; AMARAL, 2003).

Em princípio, pensamos em desconsiderar a saliência fônica e considerar apenas o tempo verbal. Contudo, prosseguimos com a decisão de manter esses grupos de fatores i) para termos uma visão mais detalhada do fenômeno, e ii) dada a possibilidade de o programa computacional por nós utilizado permitir o cruzamento ou mesmo possíveis amalgamações entre fatores.

Nesse sentido, para testar essa variável seguimos a proposta de Loregian-Penkall (2004) e testamos o tempo verbal via terminação verbal. A hipótese segue também o proposto: as formas verbais que apresentam mais material fônico, por serem [+ salientes] e [+ marcadas], são mais produtivas que as [– salientes] e [– marcadas]. Compõem o *corpus*, as ocorrências encontradas, com e sem a marcação de segunda pessoa, no:

¹⁷ Para a codificação da variante “(b) primeira da série / (h) não 1ª da série, precedido de pronome zero + flexão verbal explícita” da variável paralelismo linguístico, consideramos, para a análise, a marca flexional -STE já que pensamos que o morfema -S apresenta-se como um fenômeno de hipercorreção. Uma possível hipótese para explicar a recorrente presença desse fenômeno em nossa amostra, tal como apresentado no exemplo em questão, pode estar em Mattoso Camara Jr (2008 [1970]) para quem o morfema -S é a marca, em geral, de segunda pessoa do singular. Sendo, portanto, comum a todos os tempos e modos verbais, não é de estranhar que o falante ludovicense também faça uso dessa marca no pretérito perfeito do indicativo, único tempo e modo verbal que não é marcado por esse morfema.

- presente do indicativo

(33)

Nunca, isso é direito. Isso aí é direito, quando **TU ATRASA** mensalidade. Direito é setecentos e pouco, oitocentos e pouco.

(colaboradora alvo Ana)

- pretérito imperfeito do indicativo

(34)

Ah, sim. Vai fazer... **TU TRABALHAVA** onde antes?... Ah, **TU ERA** residente, né?

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

- pretérito perfeito do indicativo

(35)

Foi a paciente que **TU FIZESTE**¹⁸?

(colaboradora alvo Ana)

(36)

TU JÁ CONSEGUIU transformar isso em crédito?

F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

- futuro do pretérito do indicativo

(37)

Verdade. **TU PODERIA** TE ESCREVER logo, né? Quando tiver a seleção.

F8 (mulher, 31 anos, ensino superior)

(38)

É também vê o teu relatório com “C.”. **TU QUERIAS** que ela desse uma olhada, aquela parte que vocês vissem, as duas, tá bom? Não fica preocupada com essas questões. **DEIXA** aí que eu vou... que eu vou resolver.

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

- futuro do presente indicativo

(39)

É, eu já pensei, mais num era minha prioridade ainda não. Mas, mermã, meu problema de dar aula num é a aula em si. Se alguém me disser “Ana., **TU VAIS DAR** essa disciplina aqui tal dia”, eu chego, eu dou minha aula, agora esse negócio de planejamento, num sei que, aquelas fichas, num sei que, num sei que. Ah, esse negócio bem aí eu não tenho paciência.

(colaboradora alvo Ana)

¹⁸ É digno de notar dizer que, no português falado em São Luís-MA, não há registros da assimilação fonética do [s] sobre o [t], como em fizeste > fizesse; viste > visse, fenômeno bastante comum em algumas variedades do Nordeste e do Sul do Brasil.

(40)

Foi isso que “I.” me disse também, aí eu: “Tá bom!”. Quando eu menos espero. Que é menina, **TU NÃO VAI**ø dormir? Não não...”

(colaborador alvo João)

- presente do subjuntivo

(41)

Eh “C.”, LÊ o que a gente tá fazendo pra que **TU VEJAS** o quê que é a história das tabelas.

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

- pretérito imperfeito do subjuntivo

(42)

“A.”, se **TU FOSSE**ø mulher, **TU QUERIA** ser freira de qual ordem?

(colaborador alvo João)

- futuro do subjuntivo

(43)

Sim, nós vamos colocar, nós podemos colocar, por exemplo assim, olha aí: “para efeito desse cálculo” nós estamos usando a primeira pessoa, “ consideramos”. VÊ AÍ, **SE TU TIVERES** ideia, vai me dizendo aí.

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

- infinitivo

(44)

Se TU...se é pra **TU ESTAR**ø.. Se é pra tá na UTI é pra ser na UTI né!

(colaboradora alvo Ana)

(45)

Gente, eu tenho pena dele às vezes. Eu falo: “Rapaz, mas é melhor **TU FICARES** a tarde trabalhando do que ter problema”, porque ele já foi até chamado. E o pior: O hospital tem um convênio com um, um outro hospital, na na Espanha, que é um, um modelo... É Catalunia?

(colaboradora alvo Ana)

e) Saliência fônica

A análise dessa variável parte do Princípio de Saliência Fônica, encontrado em Lemle e Naro (1977) e revisitado por Scherre (1988, p. 64) para quem “as formas mais

salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes”.

A variável saliência fônica tem se mostrado importante na análise de dados de falantes escolarizados e não escolarizados indicando um uso ascendente de concordância verbal entre os falantes mais escolarizados. Em Scherre e Naro (1997, p. 97), por exemplo, os dados indicam que os “níveis mais baixos na hierarquia da saliência favorecem menos a concordância do que em níveis mais altos.”

Considerando que os falantes selecionados para este estudo são todos escolarizados, partimos da hipótese que tempos [+ salientes], cujas terminações são –ste e –es, favorecem mais marcas de segunda pessoa que tempos [-salientes], cuja marcação se dá apenas com a terminação –s. Para fins de análise, revisitamos a proposta de Loregian (1996) e classificamos o material fônico das formas verbais de segunda pessoa, em níveis de saliência fônica, ou seja, de acordo com a quantidade de material fônico, conforme nos mostram os exemplos a seguir:

- **nível 1**, com acréscimo de um segmento fônico (–S)

(46)

Ele te pediu pra atualizar? Mas veja só, pra atualizar isso ai, **TU VAIS PRECISAR** (inint.)...

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

- **nível 2**, com acréscimo de dois segmentos fônicos (–ES)

(47)

Oh mamãe ficou legal. Dá pra senhora, dá pra carregar várias coisas. Oh “E.”, parece aquelas sacolinhas que **TU GOSTAS**. **TU QUERES** que cor?

(colaboradora alvo Ana)

- **nível 3**, com acréscimo de três segmentos fônicos (–STE)

(48)

TU ENTRASTE quando aqui?

F15 (mulher, 60 anos, ensino superior)

Ressaltamos que este e o grupo de fatores anteriormente citado é específico para o conjunto de dados de *tu*, com e sem concordância.

f) Tipo de referência

Dentre as estratégias de indeterminação, é sabido que os pronomes pessoais funcionam como o recurso mais utilizado no português do Brasil (cf. DUARTE, 2003; MARTINS, 2005; MENON, 2006). O pronome confere, ainda, à dicotomia determinação/indeterminação, a sua especificidade semântica que, segundo Milanez (1982), nos permite ir além do nível frasal.

Dessa forma, a variável tipo de referência tem merecido destaque em pesquisas que tratam da alternância pronominal apesar de muitas delas apontarem tal variável como estatisticamente não significativa (cf. LUCCA, 2005; DIAS, 2007; CALMON, 2010). Contudo, o efeito do tipo de referência se mostra interessante quando se considera que a nomeação do “sujeito” pode estar num “referente extralinguístico”.

Para testar essa variável, partimos da hipótese de que, em referência específica, os dados de *tu com e sem concordância* são mais recorrentes. Já para a referência genérica, a preferência é pelo *você*. Como exemplos, temos:

– referência específica

(49)

Foi **VOCE** que não **VEIO** ontem e foi chegando... Que não é de bom tom.. **VOCE** **ACHA?** O que que eu posso fazer?

F16 (mulher, 45 anos, ensino superior)

(50)

TU TÁ PENSANDO em fazer o quê, João?

F1 (homem, 55 anos, ensino superior)

– referência genérica

(51)

É complicado **VOCE** **TER** uma posição diante desse mundo tão radical que tá hoje! Olha gente é difícil **VOCE**.... Eu evito discutir alguns assuntos... As pessoas confundem intolerância com...assim com falta de personalidade, ENTENDEU?!. Assim, se **VOCE** **ACEITA** alguma coisa, se **VOCE** **ACREDITA** em determinada alguma coisa, a pessoa vai contra aquilo a pessoa ela acha que **VOCE** **É** um alienado que **VOCE** **É** aquilo outro

(colaboradora alvo Ana)

(52)

...é voluntária, ou seja, é o comando que eu tenho que dar. Aí na deglutição, aí **TU TRAZ** pra deglutição. Qual é a a a fisiologia? Como é que funciona? **TU TENS**, a priori, três fases da deglutição. Há autores que trabalham com outras fases, mas eu vou TE dar três que fica bem mais resumida. Fase oral, que é essa de boca, coloquei o alimento na boca, preparei, preparei e aí quando o alimento chega lá na posição posterior, lá na língua, na base da língua lá pro meio, do meio pro final, a língua faz um movimento. Tudo é um um é uma cadeia. Faz um movimento, **VOCÊ FECHA** algumas válvulas, como rinofaringe, pra não sair pelo nariz, fecha aqui pra dar uma pressão pra descer... Essa é a fase faríngea, que já vai aqui na parte faríngea. Aí **TU TENS** a, **TU TENS** um uma, é muito próximo aqui esôfago, que é pra onde o alimento tem que ir, a água e a laringe, que é a parte que ai conectar a parte respiratória. É a parte respiratória e a parte digestória. Então **TU TENS** que fazer todo uma coisa, é muito complexo, a gente come não não pensa na complexidade da coisa.

(colaboradora alvo Ana)

Convém esclarecer que a expectativa de encontrar mais casos de *você* em função genérica se pauta nas pesquisas de Duarte (1995) e Ramos (1997) que confirmam o uso inovador do *você* como referência indefinida/arbitrária, embora não descartem a especialização dessa variante que, em alternância com a forma *cê*, tende a assumir um caráter mais definido, mais específico. Além disso, acreditamos que a referência mais genérica é o contexto mais propício para a entrada do *você* no sistema de falantes de *tu*, hipótese essa comprovada por Menon e Loregian-Penkal (2002).

g) Tipo de discurso

Sobre a importância desse fator para a análise linguística Zilles e Faraco (2002) são pontuais ao afirmarem que a “voz do outro” traduz uma heterogeneidade podendo redundar o uso diferenciado de variantes não correntes na sua fala, fato esse que motiva analisá-la para além do olhar quantitativo. Para os autores, o discurso reportado vai além do “redizer do dizer de outrem”, podendo expressar também uma atitude avaliativa que vai desde jogos entonacionais e prosódicos até a enunciação de características linguísticas sob uma perspectiva individual ou social.

Nesse sentido, consideramos como discurso não relatado aquele produzido no momento da interação e, como discurso relatado, as falas reproduzidas que poderiam ser tanto do falante como de outras pessoas.

A expectativa é que o *tu com e sem concordância* sejam mais favorecidos em discursos não relatados e relatados próprios, em virtude de serem as formas mais prestigiadas

na comunidade. Mas é no discurso relatado, sobretudo nos de terceiro, que esperamos mais ocorrências das formas *você* por acreditamos que o falante, ao relatar um acontecimento, afasta-se do fato narrado e, conseqüentemente, do seu envolvimento direto com o discurso, fazendo opção pela forma inovadora.

– Discurso não relatado

(53)

Se **TU FOR** assistir um filme de ação, **TU** não **VAI** querer pensar, né?!

F3 (homem, 21 anos, ensino superior)

(54)

Aí... esse daí, **TU** não **FIZESTE** uma cópia não?

F15 (mulher, 60 anos, ensino superior)

– Discurso relatado próprio

(55)

Aí eu falei logo pra “D.”: “Esse material que **TU ACHASTE**, **TU** já **PODE FAZER UM FICHAMENTO, COLOCAR** em slide e a gente vai ter um trabalho pronto que vai servir pra gente mostrar depois pra outros profissionais ...

(colaboradora alvo Ana)

– Discurso relatado de terceiro

(56)

Aí eu perguntei "Quem é?" e ela me respondeu. "ah, pensei que **VOCÊ FOSSE** M. lá do Porto de Mocajituba. "

(colaboradora alvo Ana)

3.4.2 Variáveis independentes – extralinguísticas

Para a identificação e a seleção das variáveis extralinguísticas ou sociais, levamos em conta não só aquelas mais relevantes para o estudo linguístico de uma comunidade de fala, mas as variáveis que podem contribuir para o melhor entendimento do comportamento sociolinguístico do indivíduo. De acordo com Guy e Zilles (2008), a prática de estudos sociolinguísticos com base em amostras estratificadas faz sentido; no entanto, há a necessidade de considerar outras categorias que nos permitam dar uma visão mais holística do fenômeno em variação.

Nesse sentido, elencamos como variáveis sociais, os seguintes grupos de fatores: a) sexo do falante, b) rede social; c) tipo de relação entre interlocutores e d) *locus* físico da situação comunicativa. Vejamos a(s) hipótese(s) que norteia(m) cada um desses fatores:

a) **Sexo do falante**

Nos últimos anos, os trabalhos que versam sobre a alternância *tu* e *você* têm apontado claramente o efeito da variável sexo para a compreensão do fenômeno da alternância (cf. PAREDES SILVA, 2003; LOREGIAN-PENKAL, 2004; DIAS, 2007; MARTINS, 2008), contrariamente ao que apontou a pesquisa realizada com dados de falantes ludovicenses realizada por Alves, em 2010.

Ainda que Alves (2010) tenha constatado a irrelevância estatística do fator sexo entre os falantes ludovicenses, incluímos esse grupo de fator nesta pesquisa para verificar, com base na amostra geral, o comportamento linguístico dos homens e das mulheres ludovicenses escolarizados.

De um modo geral, acreditamos que há uma uniformidade do efeito sexo entre os homens e as mulheres quanto ao uso do *tu sem concordância* por esta ser a forma mais recorrente na comunidade. Por outra lado, os homens e as mulheres apresentariam comportamentos diferentes quanto ao uso das formas mais prestigiadas. Isto é, as mulheres escolarizadas usariam com maior regularidade o *tu com concordância* ao passo que os homens escolarizados optariam pelo *você*. A seguir, exemplos extraídos da amostra:

- falantes do sexo masculino

(57)

TU ARRASOU... TU DESTRUIU os sonhos dela, e quer destruir o meu.

F9 (homem, 30 anos, ensino superior)

(58)

Mas meu filho, bota aula todo dia, **VOCÊ PODERIA** fazer isso!

F1 (homem, 55 anos, ensino superior)

- falante do sexo feminino

(59)

Isso é o de menos. Antes de terminar **TEU** curso, **TU JÁ PODE** começar.

F08 (mulher, 31 anos, ensino superior)

(60)

O que eu tava **TE** falando ontem que **TU NÃO CONSEGUISTE** entender é **PRA VOCÊ BAIXAR** no **SEU** computador essa revista... depois **VOCÊ LÊ!** Agora eu num sabia desse negócio aí que **VOCÊ TEM** que fazer de novo não!

F12 (mulher, 29 anos, ensino superior)

b) Rede Social

Pesquisas recentes como as de Monguilhott (2009), Bortoni-Ricardo (2011), Mota (2013) têm comprovado a rede social como uma unidade de análise relevante para os estudos sociolinguísticos no PB. A inclusão dessa variável se deu com o objetivo de verificar em que medida a rede social do falante influencia as escolhas linguísticas do indivíduo considerando que “cada um de nós adota comportamentos muito semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social.” (cf. BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49).

Nesse sentido, a rede social dos indivíduos por nós observados foi analisada em uma instância geral, com o objetivo de classificar a rede social dos indivíduos conforme a proposta de Milroy (1987 [1980]). Assim, a amplitude dessa rede foi medida por vínculos aqui classificados como de:

- Primeira ordem (ou centrais): nesse grupo, entrariam aquelas pessoas com as quais o falante mantém relações mais diretas, sejam de parentesco como pai, filho, irmão; sejam de amizade. Como exemplo, temos:

interação mãe / filha

(61)

Mãe: Eu tô perguntando por que eu quero tirar um pedaço aqui dentro. Eu faço um zigzagzinho nas pontinhas pra não desfiar...

Ana: Sim, mas o que eu tô dizendo **PRA SENHORA** é...

Mãe: ...que **TU PODE** engordar né. Então tá certo!

Ana: Mas será que vai ficar difícil?

mãe de Ana: F5 (mulher, 55 anos, ensino médio)

interação entre irmãos

(62)

Irmão (2): **TU não VIU** que a gente tava vindo pra cá e tava tudo parado?!

Irmão (1) Então, vamo aventurar... Não, aqui tá pior!

João: Não, **TU não VAI** por baixo, não... Não, não vai por baixo... Eu tô falando pra **TU IR** por cima, pra gente fazer o retorno, pra gente pegar Cohab... por baixo que **TU não É** doido uma hora dessa.

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

irmão (2) de João: F3 (homem, 21 anos, ensino superior)

- Segunda ordem (ou secundários): nesse grupo, entrariam aquelas pessoas com as quais o falante passa boa parte do tempo, mas não lhes confia segredo. Assim, incluímos vínculos mantidos por relações menos diretas, sejam de parentesco como tios, primos; sejam por vínculos exigidos em outros domínios sociais como trabalho e contratação de serviços. Como exemplo, temos:

interação sobrinha / tia

(63)

Tia: O meu computador tá o antivírus tem 35 dias pra vencer!

Ana: Aquele que **TU COMPRASTE** há um tempo?

tia de Ana : F7 (mulher, 43 anos, ensino superior)

interação entre colegas de trabalho

(64)

Ana: Pronto. Resolvido aqui. Aí a partir do momento que a gente for discutir o que **TU JÁ FIZESTE** o levantamento e ver a questão da nossa realidade.

Colega de trabalho: Tem que ver o paciente Ana

Ana: Eu já vi ele.

Colega de trabalho: **TU VIU** ele hoje?

colega de trabalho de Ana: F16 (mulher, 45 anos, ensino superior)

A hipótese é que o falante assemelhe o seu repertório linguístico ao do grupo com o qual ele se identifica no momento da interação. Assim, na rede dita de primeira ordem, é esperado que o *tu sem concordância* seja a forma mais recorrente dada a qualidade dos relacionamentos exigir uma relação mais íntima. Na de segunda ordem, por se tratar de rede constituída por muitos vínculos, é esperada a manutenção do *tu com concordância* e a difusão do *você*.

c) Tipo de Relação entre Interlocutores

É notável o efeito dessa variável na seleção de formas de tratamento tanto em estudos que levam em consideração *corpus* de língua oral (cf. SOARES, 1980; LOPES E DUARTE, 2003; LUCCA, 2005) quanto os de língua escrita (cf. NUNES DE SOUZA, 2011; SOUZA, 2012; MARCOTULIO, 2010). De maneira geral, nessa variável está em jogo a dinâmica “poder e solidariedade” proposta por Brown e Gilman (2003 [1960])¹⁹.

No eixo simétrico social, estariam as relações mais próximas, logo, mais solidárias e menos poder. Nesses casos, a semântica da solidariedade seria recíproca: ao dizer T ou V o falante recebe a mesma forma. O inverso traduziria o eixo assimétrico, relações mais distantes evidenciaríamos (– solidariedade) e (+ poder). Nesses casos, a semântica da solidariedade não seria recíproca: ao receber T (de um superior) o falante devolve V.

A respeito da semântica do poder, Brown e Gilman (2003 [1960]) afirmam ainda que, numa dada relação, duas pessoas não podem, ao mesmo tempo, exercer “poder” ou o mesmo comportamento sobre a outra. Para os autores, fatores como idade, sexo, papel institucionalizado na igreja, no Estado, no exército ou na família, por exemplo, levam uma pessoa a ter “poder” e a controlar o comportamento da outra. Contudo, ressaltam que nem todas as diferenças entre pessoas implicam uma diferença de poder e, nesse caso, o V emergiria em ambas as direções.

Para testar essa variável, partimos da hipótese que o *tu sem concordância* seja a principal estratégia possível nas relações simétricas. Nas relações assimétricas, o falante dispõe de ao menos três formas para tratar seu interlocutor. Assim, as formas *tu com concordância* e *você* seriam utilizadas nas relações assimétricas descendentes e ascendentes

¹⁹ Nos moldes de Brown e Gilman (2003 [1960]), entende-se, em qualquer língua, T como um termo genérico para designar o pronome mais familiar/íntimo. Por V, entende-se como o termo genérico para designar o pronome mais respeitoso/cerimonioso.

como estratégia para marcar a formalidade da interação. Dada a diversidade de tratamentos no sistema pronominal ludovicense, consideramos como:

- relações simétricas, aquelas mantidas entre informantes da mesma faixa etária e/ou mesmo grupo social como família (irmão, primos), amigos, como em:

(65)

Irmão (1): acho que é assim... que a gente faz o que a gente quiser... aff. Sim, e aí **TU CHEGOU** lá e **PEGOU**?

João: Não...

Irmão (1): O quê que tem que fazer?

João: Fiquei esperando... um pouquinho sentado.

Irmão (1): Mas por que **TU QUIS**?

João: Não, porque... militar é todo amolante.

Irmão (1): **TU FALOU** isso na cara dele, irmão?

João: Claro que não.

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

- relações assimétricas - descendente (superior -inferior) e ascendente (inferior - superior): aquelas mantidas entre informantes de diferentes faixa etárias, e em relações de hierarquia como pais/filhos, filhos/pais, professor/aluno, aluno/professor, entre outras, como em:

assimétricas descendente (superior – inferior)

(66)

Ana: Ei “G.”. mas **TU ACHAS** que tem outras opções de esmalte? Rua grande?

Manicure: Casa da manicure **TU ACHA** tudo que **TU QUER**!

manicure de Ana: F17 (mulher, 23 anos, ensino médio)

assimétricas ascendente (inferior – superior)

(67)

Colega de trabalho: Dizem que ela é nosso elo entre eu e você. Mas na verdade eu acho que **VOCÊ**, **VOCÊ**, **VOCÊ**, **VOCÊ É** o elo entre ela e a gente...

Ana: Aham.

colega de trabalho de Ana: F15 (mulher, 60 anos, ensino superior)

d) *Locus* físico da situação comunicativa

A variável ambiente e/ou *locus* físico da situação comunicativa tem ganhado espaço nos estudos que tratam da variação pronominal. A pesquisa de Dias (2007), por exemplo, não selecionou essa variável, mas indicou que o *tu* é desfavorecido em ambientes como trabalho e casa do informante. Em Nunes de Souza (2011), encontramos o fator ambiente como primeiro selecionado, indicando a preferência pelo *você* em ambientes privados e formais. É bem verdade que esse resultado parte de um estudo com base em *corpora* diacrônicos, contudo o ambiente é um dos três componentes analisados em estudos de monitoração estilística (cf. BORTONI-RICARDO, 2004; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Dada a importância do quadro espacial para o desenvolvimento da interação, essa variável tem como objetivo verificar se o falante tende a selecionar uma forma de acordo com o ambiente físico da interação²⁰. A hipótese é que ambientes mais formais levem ao uso do *tu com concordância* e do *você* e que ambientes menos formais levem ao uso do *tu sem concordância*.

As gravações nos permitiram classificar o quadro puramente físico – entendido como aqueles em que se levam em conta as características do lugar onde ocorreu a interação – de acordo com o quadro temporal da situação, visto que o discurso do falante deve também “ser apropriado ao momento da interação” (cf. KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 25-26). Como exemplo, temos:

- ambiente privado informal (casa do informante, da mãe do informante, de amigos)

(68)

Irmão (1): **TU não É** meu irmão não? Não!

Irmão (2): É mesmo João!

Irmão (1): **TU TÁ** na minha cama.

João: Êh, eu tô em cima da cama de “A.”

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

irmão (2) de João: F3 (homem, 21 anos, ensino superior)

²⁰ Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 63), de um modo geral, são três os fatores que levam o falante a monitorar seu discurso: “o ambiente, o interlocutor e o tópico discursivo”. Para esta pesquisa, esse último fator foi abordado apenas de forma qualitativa, tendo sido dispensado o controle de cunho quantitativo.

- ambiente privado formal (trabalho do informante)

(69)

Mas aí, eu queria que **VOCÊ**, “D.”, que já **VIU** outros pacientes com esse mesmo quadro. Aí eu falei pra ela: “**TU VAIS** comigo, **TU VAIS** avaliá-lo, e aí **TU VAIS** vê como ele tá e como que a gente vai conduzir o caso dele.”

(colaboradora alvo Ana)

- ambiente público informal (carro, restaurante)

(70)

Irmão (1): Aonde? Aonde? Aonde?

João: Oh, per aí, oh... entra bem aí a esquerda, **TU VAI** ter que passar bem na frente desse ônibus amarelo... vai rápido, enquanto ele tá fechando a rua.

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

- ambiente público formais (faculdade)

(71)

Ana: **A SENHORA VAI** querer fazer aqui ou vai querer que eu passe pro pendrive ou que eu mande pro **seu** email?

Professora: Ai... esse daí **TU NÃO FIZESTE** uma cópia não?

Ana: Não... Sim, tem essa daí, olha!!”

professora de Ana: F11(mulher, 60 anos, ensino superior)

3.5 Conclusão

Esperamos, neste capítulo, ter conseguido explicar os procedimentos metodológicos que nortearam, direta e indiretamente, a análise dos dados de fala de sujeitos escolarizados que, a nosso ver, apresenta-se como o grupo dentre o qual evidenciamos uma propensão mais significativa no que diz respeito a variação de tratamento na comunidade de fala de São Luís.

No capítulo a seguir, reservado à análise dos resultados, descrevemos como os fatores aqui elencados atuam no comportamento dos falantes com relação ao uso das variantes em análise, bem como as hipóteses consideradas para a pesquisa. A análise de cada uma desses fatores levou em consideração os resultados estatísticos e os percentuais de ocorrência gerados pelo Varbrul 1988 e *GoldVarbX*, programas²¹ computacionais específicos para a análise de regras linguísticas variáveis.

²¹ O pacote de programas *Variavel Rules* foi desenvolvido por David Sankoff e Pascale Rousseau em 1988 e, desde então, passou por diversas atualizações. Para esta pesquisa, foi utilizada a versão desenvolvida por PINTZUK (1988) e SANKOFF (1988), bem como a versão mais recente, o *GoldVarbX* que, desenvolvida por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005), possui interface direta com a plataforma windows. Para maiores informações sobre os programas, consultar Scherre e Naro (2010) ou, ainda, o site <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm>>. O livro “Sociolinguística quantitativa”: instrumental de análise”, de Guy e Zilles (2007), também traz perguntas e respostas interessantes para os pesquisadores que se lançam na análise variacionista.

CAPÍTULO 4

A SEGUNDA PESSOA EM UMA PERSPECTIVA ENTRE E INTRAFALANTE

Neste capítulo, apresentamos os resultados quali-quantitativos acerca do uso variável da segunda pessoa no português ludovicense. Mesmo sabendo das limitações impostas pela natureza do nosso objeto de estudo – o vernáculo –, objetivamos com esta tese analisar o comportamento linguístico do falante ludovicense escolarizado em situações naturais de interação social. Buscamos, com os resultados, melhor entender o significado social que as formas *tu com e sem concordância*, *você*, *cê*, *senhor/a* têm na comunidade de fala de São Luís, descrevendo os contextos (linguísticos e não linguísticos) que motivam o desempenho intrafalante face a variedade de tratamentos para dirigir-se seu interlocutor.

4.1 Visão de conjunto

Como sinalizado no capítulo anterior, consideramos para a análise não só os dados de fala dos dois informantes alvo da pesquisa, como também os daqueles que com eles interagem, por entendermos que o papel social do interlocutor é relevante para a compreensão do fenômeno por nós analisado. O entendimento global de todos os falantes envolvidos permitiu retornar aos dados apresentados por Alves (2010) e dialogar com outras pesquisas sobre a alternância *tu* e *você* realizadas nas demais regiões do Brasil.

A ideia é ter, num primeiro momento da análise, uma visão mais geral da alternância pronominal, observando como as variáveis dependente e independente estão partilhadas entre um grupo de pessoas. Para tanto, a análise conjunta leva em consideração o *corpus* levantado a partir de uma amostra de 20 horas e 43 minutos de interações livres. Já o segundo momento consiste em, sob uma perspectiva micro, analisar qualitativamente os contextos interacionais que contribuem para a adoção estilística dos dois colaboradores alvo observados. É, nessa ocasião, que acrescentaremos à discussão trechos extraídos da aplicação de entrevistas labovianas com esses dois falantes.

Em linhas gerais, na amostra constituída por interações livres, as referências à segunda pessoa somam cerca 1110 ocorrências na posição de sujeito, sendo 741 de *tu sem concordância*, 130 de *tu com concordância*, 157 de *você*, 22 de *cê* e 60 de *senhor/a*. Na composição geral do *corpus*, foram desconsideradas somente as formas isoladas, seja em

trechos inacabados ou repetidos seja na função vocativa, e aquelas formas utilizadas como marcadores fáticos e reguladores, apesar de entendermos que essas estratégias são reguladas por fatores de ordem cognitiva e sociocultural já que o falante tende a manipulá-las de acordo com o seu interlocutor. Os exemplos a seguir mostram esses usos:

interação entre amigos

(72)

João: Eh, pô, não. **TU**, do TEU tamanhinho aí, todos os lugares essa TUA cabeça vai (inint) risos...

Amiga: É mesmo? Oh, gente, que “meigo.”

amiga de João: F4 (mulher, 26 anos, ensino superior)

interação professor/aluno

(73)

Professora: O número de inquérito. Agora o número total de...

Ana: Transcrições eu não sei. PROFESSORA, eu acho que não importa, essa informação. Porque **A SENHORA**... porque aqui já tá concluída, né?

professora de Ana: F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

interação entre amiga/irmão

(74)

Irmão: Aí, quando ele passou, a gente ficou assim: “Caralho!”. “Aí “A.” vou falar pra professora!”. Aí “A.” foi e falou pra professora.

João: Por quê?

Irmão: Que a gente tava namorando.

João: Por quê? Não tem nada a ver isso daí.

Irmão: Não, não tem nada a ver, mas **TU SACA** que fica tipo...

Amiga: Não, porra, estranhão. Mas é porque pô, **TU NÃO ENTENDE** como é que são as coisas lá...

Irmão: Aí todo mundo começou a rir... Aí ele saiu, **TU SACA**?

João: Porra...

irmão(1) de João – F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

Convém ressaltar que, na função vocativa, o falante ludovicense faz uso das formas nominais “tio/a” em referência a professores ou pais de amigos, da forma sintética “mirmã/ão” (minha irmã/ meu irmão) e de “piqueno/a” para tratamento entre amigos, sendo esta última uma forma possível em relações simétricas descendentes de pai para filho. Feitas

essas observações, vejamos na tabela a seguir como as formas por nós analisadas se distribuem no *corpus* analisado.

Tabela 1 – Totais de referências concernentes à segunda pessoa na amostra conjunta

	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ	CÊ	SENHOR/A
TOTAL	741/1110 66,8%	130/1110 11,7%	157/1110 14,1%	22/1110 2,0%	60/1110 5,4%

Como vemos, a distribuição do fenômeno ora observado mostra que o *tu sem concordância* é a forma mais utilizada pelos ludovicenses para representar a segunda pessoa do singular ratificando uma das hipóteses levantadas para este trabalho: o português falado em São Luís conserva a presença viva e marcante da forma *tu*. Apesar de apontar uma tendência para um não uso da concordância, esse resultado é interessante, sobretudo, se compararmos com o recém-publicado Atlas Linguístico do Brasil.

Lá encontramos disponibilizados os dados para a alternância *tu* e *você* nas capitais brasileiras, registrados na Carta Morfossintática M02 – Tratamento do interlocutor, *Tu* e *Você* nas capitais. No caso de São Luís, os resultados apresentados indicam um alto uso de *você*, com uma frequência variando entre 51 e 75%, enquanto o *tu* chega a, no máximo, 50% da frequência geral dos dados (cf. CARDOSO *et al*, 2014, p. 345).

Resultado parecido encontramos em Alves (2010) que registrou um percentual de 38,8% de *tu* na capital maranhense. Considerando que a configuração da amostra constituída pela autora segue a mesma metodologia geo-sociolinguística proposta pelo ALiB, podemos afirmar, hoje, que o *tu* é um pronome típico do falar ludovicense, e por que não dizer, marca identitária da comunidade, visto sua alta ocorrência mesmo em entrevistas formais estruturadas entre um documentador e um informante.

Nossos resultados encontram também um ponto de congruência com outro estudo realizado com dados de falantes ludovicenses, o de Ramos (1996). A observação de que o *tu* resiste à pressão do *você*, sobretudo, entre os mais jovens se mantém atual se considerarmos que a maioria dos informantes que compõe nossa amostra se encaixa entre a faixa etária de 20 a 32 anos. Pelo visto, a capital maranhense é uma “terra de *tu*”.

Veremos mais adiante que cada uma das formas aqui analisadas tem seu uso associado ao contexto interacional. O *tu* é, pois, a forma mais utilizada para marcar a

intimidade e/ou proximidade entre os falantes, mas também pode indicar “falta de respeito” se utilizado em relações simétricas de filho para pai.

O *você*, por exemplo, tem um emprego maior em espaços mais formais. Assumindo-me como um dos sujeitos desta pesquisa, permito-me dizer que uso o *você* para marcar a formalidade e/ou a distância com meu interlocutor e, em muitas ocasiões, para fugir da concordância com o *tu*. Nesse contexto, a forma pronominal *você* surge como a opção de tratamento mais comum em situações em que se deseja evitar uma proximidade inadequada para com o interlocutor. Embora a ocorrência de *você* em nossos dados, como referência definida, gire em torno de 11,7%, podemos dizer que essa frequência é relativamente alta em um sistema que tem o *tu* como forma predominante.

Por sua vez, a formalidade do *você* não se estende a sua forma reduzida *cê*. As vinte e duas ocorrências, totalizando uma frequência de 2%, se deram em contextos mais informais da interação entre dois irmãos e no tratamento de um pai para o filho. Há que se considerar tais ocorrências, sobretudo, se recorrermos, mais uma vez, aos dados de Alves (2010). A pesquisa revelou que 8,6% das ocorrências de *cê* foram registradas, em sua maioria, na fala de informantes com escolarização de nível superior, pertencentes à segunda faixa etária. Esse resultado vem ao encontro dos dados aqui apresentados tendo em vista que nossa amostra é constituída, em sua maioria, por falantes detentores de curso superior completo. Interessante também é a forma *cê* ter sido registrada em grande parte na fala de informantes do sexo masculino, tendência também registrada por Alves (2010). No geral, os estudos apontam que em contextos de *tu* é rara a existência do *cê*, mas, considerando que o *você* tem alargado seu uso entre os ludovicenses, é provável que essa variante venha, a passos lentos, ganhar espaço no sistema pronominal maranhense.

A forma *senhor/a*, por seu turno, tem uso especializado em contextos regidos por relações assimétricas, mantidas pela dinâmica ‘mais poder’. O uso mais significativo dessa forma se dá, exatamente, no tratamento dado ao pai e à mãe, às pessoas mais velhas ou hierarquicamente superiores no discurso, confirmando que o tratamento *senhor/a* se mantém estável e não sofre, portanto, influência de outras variáveis sociais como ‘escolaridade’, por exemplo. A ocorrência nesses contextos específicos se revela pelo baixo percentual de uso dessa forma nos dados, cerca de 5,4%.

Antes de prosseguirmos com a apresentação dos resultados estatísticos da amostra conjunta, convém deixar mais nítidos os critérios adotados para a análise da variável dependente. Vimos que as formas *cê* e *senhor/a* têm baixo percentual de ocorrência e uso específico levando-as, pois, a contextos de efeito categórico. Essa é a razão pela qual não

incluímos esses dados na análise estatística da variável dependente. Vimos, ainda, a ocorrência de *você* em situações de trabalho, por exemplo, contexto formal em que, a nosso ver, seria esperado o *tu com concordância* – variante tida de prestígio na comunidade de fala ludovicense. Tal configuração nos levou a acreditar que o *tu com concordância* alterna não somente com a sua variante *tu sem concordância*, mas com o *você* fato esse que nos leva a propor que a alternância pronominal tem três realizações possíveis na comunidade de fala ludovicense.

Por se tratar de uma variável dependente que apresenta mais de duas realizações, os dados extraídos da amostra conjunta passaram por um tratamento estatístico baseado em duas versões utilizadas em métodos variacionistas quantitativos, o Varbrul 1988 e o Goldvarb X. O uso do Varbrul 1988 possibilitou gerar o peso relativo das três variantes juntas o que resulta em uma probabilidade igual de ocorrência em cada contexto, algo em torno de 0,33, valor equivalente ao ponto neutro de 0,50 aplicado ao modelo de análise binário. Contudo, são as rodadas binárias, extraídas pela versão Goldvarb X, que nos fornecem a ordem de relevância de cada variável (ou grupo de fatores), visto que “numa análise ternária, pode haver duas alternativas favorecidas pelo mesmo contexto, ou duas alternativas desfavorecidas, ou uma favorecida, uma neutra e uma desfavorecida” (cf. GUY e ZILLES, 2007, p. 143). Visando, pois, refinar os contextos e as probabilidades de cada variante ocorrer, as rodadas binárias foram assim divididas: a) *tu sem concordância e você*, b) *tu sem concordância e tu com concordância*, e c) *tu com concordância e você*.

Feita essas considerações, dos 1110 dados gerais de interação livre, 1028 foram submetidos a análise eneária do Varbrul 1988. Na análise binária, os pesos relativos gerados levam em consideração os dados somados para cada bloco a) *tu sem concordância e você*, b) *tu sem concordância e tu com concordância*, e c) *tu com concordância e você*. Para uma melhor visualização, esses números podem ser conferidos nas tabelas a seguir.

Tabela 2 – Percentual da variável dependente para análise enéaria

	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ
n	741/1028	130/1028	157/1028
%	72	13	15

Tabela 3a – Total de dados para as análises binárias: *tu sem concordância vs você*

	TU SEM CONC	VOCÊ
n	741/898	157/898
%	82,5	17,5

Tabela 3b – Total de dados para as análises binárias: *tu sem concordância vs tu com concordância*

	TU COM CONC	TU SEM CONC
n	130/871	741/871
%	14,9	85,1

Tabela 3c – Total de dados para as análises binárias: *tu com concordância vs você*

	TU COM CONC	VOCÊ
n	130/287	157/287
%	45,3	54,7

Antes de seguirmos com a apresentação e a discussão dos resultados gerados nas análises ternárias e binárias, convém esclarecer outras decisões metodológicas que nortearam a análise estatística. Inicialmente, realizamos uma rodada preliminar para testar todas as variáveis linguísticas e sociais que logo apontou a convergência dos resultados. No entanto, a variável *locus* físico apresentou pesos e percentuais muito divergentes o que, a nosso ver, era esperado em virtude da não ortogonalidade desse grupo, isto é, enquanto a colaboradora alvo Ana foi gravada em três ambientes diversos, o colaborador alvo João foi gravado apenas em dois.

O cruzamento entre os fatores confirmou que, em todas as rodadas, a variável *locus* estava em interação com as variáveis tipo de relação entre os interlocutores, tipo de relato e rede social. Antes de tomar qualquer decisão, procedemos como o esperado nessas situações, realizando amálgamas necessárias nos fatores que estavam em sobreposição. Com isso, chegamos à convergência dos dados e nos deparamos com duas possíveis alternativas de analisar nosso fenômeno: ou excluíamos ou mantínhamos o fator *locus* físico. Realizamos o teste do qui-quadrado que indicou que a análise desse fator não é significativa ($p>0,05$). Ou seja, a decisão foi por manter as amálgamas realizadas e excluir das rodadas binárias o fator *locus*, visto o desequilíbrio da amostra para essa variável, conforme já citado. Após a eliminação desse grupo de fatores e a correção dos fatores de efeito categórico, o envelope de variação resultou na seleção dos seguintes grupos de fatores, como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 3 – Ordenação dos grupos em função da diferença entre os fatores de maior e menor efeito (range), nas rodadas binárias

	TU SEM CONC vs VOCÊ	TU COM CONC vs TU SEM CONC	TU COM CONC vs VOCÊ
1º	paralelismo	tempo e modo verbal	paralelismo
2º	tipo de referência	sexo	tipo de referência
3º	tipo de relação	rede social	sexo
4º	tipo de discurso	paralelismo	rede social
5º	rede social	tipo de relação	tipo de discurso
6º	-	tipo de referência	tipo de relação

Nas próximas seções, seguem a apresentação e a discussão dos resultados gerados nas análises ternárias e binárias. A ordem de apresentação dos resultados estatísticos priorizará primeiramente os fatores linguísticos; em seguida, os fatores sociais e, por fim, a análise por indivíduo.

4.2 Variáveis linguísticas

Apesar de os resultados apontarem um efeito favorecedor dos fatores sociais, vimos que os fatores de natureza interna influenciam, de certa maneira, na alternância entre o *tu sem concordância*, o *tu com concordância* e o *você*. Passaremos a descrever e apresentar os percentuais e pesos relativos encontrados e suas implicações para nossa análise.

4.2.1 Função sintática

Como dito na metodologia, essa variável foi controlada para termos uma ideia de como estão atualmente distribuídas as formas de referência à segunda pessoa no espaço pronominal maranhense. Soma-se a isso a possibilidade de observar em quais contextos morfossintáticos essas formas são mais recorrentes, apesar de ser notória a tendência de os pronomes ocuparem a posição de sujeito, conforme evidenciado na Tabela 1. Em termos de ocorrências totais, observamos que a posição de sujeito é única em que todas as variantes ocorrem: *tu sem concordância* (66,8%), *tu com concordância* (11,7%), *você* (14,1%), *cê* (2%) e *senhor/a* (5,4%). Para chegarmos aos resultados expostos na tabela 4, realizamos uma rodada separada com os 84 dados que atuaram como complemento. Na sequência, apresentamos a distribuição de uso por variante para melhor detalhamento da variação em estudo.

Tabela 4 – Função sintática dos pronomes

FUNÇÃO SINTÁTICA	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ	CÊ	SENHOR/A
Complemento sem preposição (te)	55/55 93,2%	-	-	-	-
(lhe)	-	-	-	-	4/4 6,8%
Complemento com preposição (<i>contigo</i>)	12/12 100%	-	-	-	-
(prep + <i>ti</i>)	7/7 53,8%	-	-	-	-
(prep + <i>você</i>)	-	-	4/4 30,8%	-	-
(prep + <i>senhor</i>)	-	-	-	-	2/2 15,4%
TOTAL	74/84 88,1%	-	4/84 4,8%	-	6/84 7,1%

Na posição de complemento com preposição, conforme apresentado na tabela 4, registramos um total de dezenove ocorrências de estratégias associadas ao *tu* como as formas *contigo* e *pra ti*, conforme podemos observar no exemplo (75). Desse total, convém dizer que os doze dados da forma *contigo*, o que perfaz um percentual de ocorrência de 100%, nos leva a afirmar que essa forma ainda se mantém como a estratégia original para marcar a segunda pessoa. Essa configuração era esperada considerando o alto percentual de *tu* na posição de sujeito. Das formas registradas como complemento há um predomínio do clítico *te*, com um total de cinquenta e cinco ocorrências e percentual de 93,2% de uso. Engloba esse percentual o único dado de *tu* como objeto de verbo, como em (76).

(75)

...ai eu não sei como é que fica, ai ela vai mandar pra **TI**, uma solução lá. Eu sei que ela vai se comunicar diretamente **CONTIGO**. Eu sei que ela vai **TE** mandar um email, tá bom.

(colaboradora alvo Ana)

(76)

Poxa “M.”, mas pra **TU** vai ser bom!

F10 (masculino, 23 anos, ensino superior)

Tamanha é a produtividade das formas *te*, *ti*, *contigo* que, em nosso *corpus*, o *você* foi registrado em sua maioria na função de sujeito. Convém salientar que é comum, mesmo na posição de sujeito, que o *você* venha acompanhado da preposição, como observado em (77) e (78). Por outro lado, tivemos o registro de apenas quatro ocorrências de *você* como complemento de preposição, com percentual de 30,8%, justificado, como já sinalizado, pelo uso preponderante das formas associadas ao *tu*.

(77)

O que eu tava te falando ontem que tu não conseguiste entender é **PRA VOCÊ** baixar no seu computador essa revista, depois **VOCÊ** lê!

F16 (mulher, 45 anos, ensino superior)

(78)

Tem área **PRA VOCÊ** ganhar dinheiro. Por exemplo, áudio. Vai trabalhar numa Altamira da vida. Nove mil reais o salário.

(colaboradora alvo Ana)

Em relação à variante *cê*, confirmamos sua restrição sintática, tendência essa já observada em outros estudos variacionistas (cf. RAMOS, 1997; CALMON, 2010; ANDRADE, 2010). As vinte e duas ocorrências, o que perfaz um percentual de 2%, indicam o uso categórico dessa forma na posição de sujeito. Na posição de complemento, não computamos nenhuma ocorrência dessa forma.

Apesar de não ocorrer em todos os ambientes, é interessante o simples registro dessa forma em um sistema pronominal cuja predominância é o uso de *tu*. De início, pensamos que o uso dessa forma estivesse restrito à rede social do colaborador alvo João o que demonstraria um caso de variação intrafalante. Porém, identificamos a colaboradora alvo Ana fazendo uso dessa variante, ainda que essa ocorrência tenha sido em fala reportada. O retorno aos resultados de Alves (2010) nos faz descartar essa hipótese dado o registro dessa variante em situações de fala mais monitorada.

Parece-nos que essa variante, ainda que transite entre os extremos da formalidade e da informalidade, tem um efeito neutro frente ao forte traço identitário que o *tu* tem na região maranhense. Do outro lado, não descartamos a possibilidade de essa forma vir a alargar seu

uso visto a difusão da sua forma plena que, conforme nos mostra a tabela 4, já se instalou na posição de sujeito como forma preferencialmente preenchida e na posição de complemento preposicionado. Soma-se a isso, o fato de o *cê* se configurar como outra possibilidade de o falante ludovicense preencher o sujeito, tendência comum ao português brasileiro, nos dizeres de Ramos (1997, p. 51).

Por fim, convém dizer que o também peculiar uso da forma *lhe* entre os falantes ludovicenses está associado ao nível de formalidade da situação e/ou distância entre os falantes. O percentual de 15,4% de *lhe* relacionado à forma *senhor/a* marca a própria natureza da relação social entre os interlocutores. Os exemplos (79) e (80) ilustram nossa constatação:

(79)

Professora, deixa só eu **LHE** mostrar se tem alguma coisa que é pra gente concluir logo.

(80)

Oh **papai**, eu vou **LHE** dar um tablet. Tá ouvindo?

(colaboradora alvo Ana)

Em síntese, a alta produtividade das estratégias *te*, *ti*, *contigo* e o registro do “tu” em outros ambientes morfossintáticos indicam que o sistema pronominal ludovicense pode oferecer resistência à difusão de formas como o *cê* que, por sua vez, não transitam em todas as posições sintáticas. Em contrapartida, já se nota a coexistência do clítico *te* junto ao *você* o que nos leva a inferir que as formas de tratamento têm seu uso motivado por fatores de ordem sociais visto que o sistema oferece várias possibilidades de uso, em situações concretas de fala, conforme observado no quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Proposta de paradigma pronominal em diversos contextos sintáticos com base na realidade linguístico-cultural ludovicense

PESSOA	SUJEITO	COMPLEMENTO	POSSESSIVO
2ª pessoa singular	tu você cê	te, ti, contigo, <i>prep + ti (pra ti, de ti, em ti, por ti, com tu)</i> <i>prep + você (com / de / para + você), lhe</i>	teu, tua
	senhor/a	<i>lhe,</i> <i>prep + o/a senhor/a (do(a) / para / com)</i>	seu, sua
2ª pessoa plural	vocês	<i>prep + vocês (com / de / para + vocês)</i>	seus, suas

A respeito dos possessivos, convém dizer que notamos um uso de seu/sua em contextos de *você* e *senhor*, indicando, a nosso ver, que o significado social dessas duas variantes se estende a essa forma possessiva, originalmente correspondente à terceira pessoa²².

4.2.2 Explicitação do sujeito

Ampliando nossa investigação cabe-nos agora voltar nossa atenção aos casos de preenchimento/não preenchimento do sujeito ainda que o fator função sintática tenha comprovado um percentual significativo para a realização plena do sujeito pronominal. Em nossos dados, conforme expresso no quadro abaixo, evidenciamos as quatro possibilidades que o falante ludovicense tem para expressar o sujeito.

Quadro 5 – Explicitação do sujeito pronominal de segunda pessoa

	Ausência de concordância	Presença de concordância
Sujeito pleno	Tu/Você/Senhor(a) <i>faz</i>	Tu fizeste
Sujeito nulo	(Tu/Você) Arrasou	(Tu) Tens

²² A ocorrência de *seu* associada à forma *você* se deu no momento em que a colaboradora alvo Ana conduz uma reunião de trabalho. O dado pode ser conferido a seguir: “Na verdade, ela que deveria ir. Seria ela...e essa história dos problemas dos residentes.. Por exemplo, VOCÊ não conseguiu se entender com SEU preceptor.”

Essas possibilidades foram notadas por Ramos que, na década de 90, observou que o percentual de preenchimento pronominal do sujeito foi mais significativo que o do não preenchimento. Em relação às formas variantes de segunda pessoa, o *tu* acusou um percentual de 80% na posição de sujeito, já o *você* apresentou um percentual de 98,5% de uso nessa posição. Isso nos leva a inferir que, desde a década de 90, o falar maranhense tende pela realização fonológica do sujeito, mesmo nos contextos em que se poderia, com pontualidade, recuperar a sua referência, conforme observamos nos dados extraídos para aquele estudo:

(81)

...ah, **TU QUERES** fazer inglês pois eu vou querer fazer inglês no ICBEU
aí eu posso te botar lá

...e **TU** já **AJUDAS** teu pai na loja?

...qual foi a história que **TU CONTASTE** lá na pizzaria ontem à noite que eu perdi?

...**TU JÁ ESTIVESTE** lá com a gente já?

corpus Ramos (1996)

Essa tendência, como já salientado, se confirma com a probabilidade de as formas de segunda pessoa virem dispostas na função de sujeito. Por outro lado, o esperado era que, com o preenchimento do sujeito, houvesse uma diminuição dos casos de sujeito nulo, conforme também apontado no estudo de Ramos (1996). Porém, mesmo inexpressivo, registramos um total de 128 casos de pronome zero na amostra por nós coletada, um percentual de 5,4% (*cf.* TABELA 5)

Com a intenção de contribuir para a descrição do português falado no Maranhão, no que diz respeito ao seu sistema pronominal, voltamos aos nossos dados para analisar o que estaria motivando o não favorecimento do sujeito explícito. Das ocorrências registradas, de início, vemos uma preferência em não marcar o sujeito em sentenças cujo verbo está em sua forma imperativa, configuração morfossintática que licencia o não uso do sujeito. Excluindo as 60 ocorrências no imperativo²³ e os complementos, fizemos uma rodada especial com as variantes *tu* (*com e sem concordância*) e *você*. Vejamos os percentuais:

²³ Embora não seja objeto de estudo desta tese, vimos que a maioria das formas imperativas registrada em nossa amostra se deu quando associada ao indicativo. Os exemplos a seguir ilustram essa observação: a) “Agora SENTA logo com ela e VÊ logo isso.”; b) “BOTA uma folha de rascunho e TESTA.”. Ainda que esse resultado seja o esperado em contextos de *tu*, convém dizer que registramos uma ocorrência de imperativo associado ao subjuntivo quando na presença do pronome *você*. Ou seja, é amplo o registro do imperativo associado ao

Tabela 5 – Variação *tu* e *você* em função da explicitação do sujeito

EXPLICITAÇÃO DO SUJEITO	TU (COM E SEM CONC)	VOCÊ
Sujeito pleno	871/1028 84,7%	157/1028 15,3%
Sujeito nulo	56/59 94,9%	3/59 5,1%
Total	927/1087 85,3%	160/1087 14,7%

Com base nos resultados encontrados, destaca-se o significativo preenchimento do pronome, com 84,7% para *tu* e 15,3% para *você*. Em relação aos nulos, vemos que o falante não tem dúvidas quando o pronome *tu* não é expresso visto que ele pode recuperar o referente via marcação verbal. Já o *você*, por se tratar de uma forma que vem sempre acompanha da terceira pessoa, é recuperado nessas estruturas via manutenção do referente.

Esse resultado, ainda que em termos percentuais, nos leva a supor que o preenchimento ou não do sujeito pode estar sob o efeito do paralelismo linguístico e, não necessariamente, sob o efeito da saliência fônica já que, de um total de 59 ocorrências, apenas 15 são de sujeito nulo com concordância explícita, como mostra o exemplo a seguir:

(82)

“F11: Então Ana, já **IMPRIMISTE** o projeto?

Ana: Não, não”

F11: **FICASTE** preocupada com a questão de “G.”?

F11 (mulher, 60 anos, ensino superior)

Por ora, a oposição “explícito vs implícito” permite-nos apenas observar que o português falado em São Luís, mesmo com a manutenção da concordância, apresenta uma considerável preferência pela representação fonológica do sujeito. Um trabalho mais minucioso a esse respeito pode ser realizado considerando que o pronome nulo traz consigo não somente a omissão mental do falante, mas a sua opção consciente de não pronunciá-lo. Os chamados zeros de esquiva seriam uma tentativa de o falante utilizar um tratamento mais

indicativo, mas ele não “inibe” a variação. Vejamos o dado: “Não, nunca mais. E eu nem quero que mais VOCÊ TOQUE nesse assunto!”

adequado em uma dada interação o que, nos dizeres de Goffman (1967), se configuraria como recurso para o falante “preservar a face”, “salvar as aparências ou não perder o prestígio” (*cf.* exemplo (22))

4.2.3 Paralelismo linguístico

O tipo de ocorrência no discurso, se em série ou isolada, amplamente conhecida como paralelismo linguístico, mostra-se como uma variável importante para a seleção pronominal, conforme já atestado por Loregian (1996), Lucca (2007), Andrade (2010), dentre outros autores. Essa variável parte do princípio de que formas gramaticais semelhantes ocorrem juntas, nos termos de Scheffrin, isto é, há uma tendência de formas linguísticas apresentarem o mesmo comportamento na cadeia discursiva (*apud* SCHERRE, 1988). Isso significa dizer que, ao utilizar um ou outro pronome, o falante tenderá a manter sua escolha pronominal nas demais sequências.

Havia, no entanto, certa expectativa em relação a essa variável dada a quantidade de fatores gerados em virtude da variedade de tratamento observada na amostra. Mesmo sabendo da possibilidade de essa análise gerar efeitos categóricos e de alguns dados não se apresentarem como exemplos de paralelismo²⁴ trazemos, na tabela a seguir, os resultados percentuais gerados com todas as variantes.

²⁴ *cf.* Exemplo (30).

Tabela 6 – Fator paralelismo linguístico em percentuais com todas as variantes da amostra

PARALELISMO LINGUÍSTICO	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ	CÊ	SENHOR/A	ZEROS
isolada (A)	432/630 68,6%	72/630 11,4%	60/630 9,5%	14/630 2,2%	32/630 5,1%	20/630 3,2%
primeiro da série (B)	114/195 72,3%	30/195 15,4%	31/195 15,9%	4/195 2,1%	10/195 5,1%	6/195 3,1%
não 1ª da série, precedido de <i>tu sem concordância</i> (C)	172/209 82,3%	15/209 7,2%	16/209 7,7%	3/209 1,4%	-	3/209 1,4%
não 1ª da série, precedido de <i>tu com concordância</i> (D)	12/44 27,3%	25/44 56,8%	3/44 6,8%	-	-	4/44 9,1%
não 1ª da série, precedido de <i>você</i> (E)	9/57 15,8%	2/57 3,5%	43/57 75,4%	1/57 1,8%	-	3,5%
não 1ª da série, precedido de <i>cê</i> (F)	-	-	18/18 100%	-	-	-
não 1ª da série, precedido de <i>senhor/a</i> (G)	-	-	-	-	4/4 100%	-
não 1ª da série, precedido de pronomes <i>zero</i> + flexão verbal explícita (H)	-	1/1 50%	-	-	-	1/1 50%
não 1ª da série, precedido de pronomes <i>zero</i> + <i>zero</i> verbal (I)	2/10 20%	-	-	-	-	8/10 80%
Total	741/1169 63,4%	145/1169 12,4%	157/1169 13,4%	22/1169 1,9%	60/1169 5,1%	44/1169 3,8%

Os resultados da tabela acima confirmam a tendência de ocorrência de paralelismo entre as variantes em estudo, a exceção da variante *cê* que, quando não vem isolada ou como primeira da série, leva o falante a usar sua forma plena. Os dados categóricos do fator não 1ª da série, precedido de *senhor/a* revelam, mais uma vez, o uso peculiar desse tratamento. Semelhante à tabela acima, os resultados gerados nas rodadas binárias confirmam a seleção do paralelismo. O efeito desse fator é apresentado na tabela a seguir: nela observamos

claramente que os fatores “não 1ª da série, precedido de *tu sem concordância* (C)” e “não 1ª da série, precedido de *tu com concordância* (D)” favorecem o uso das suas formas pronominais correspondentes.

Tabela 7 – Efeito do fator paralelismo linguístico nas rodadas binárias

PARALELISMO LINGUÍSTICO	TU SEM CONC vs VOCÊ	TU COM CONC vs TU SEM CONC	TU COM CONC vs VOCÊ
isolada (A)	432/492 = 87,8% 0,40	62/494 = 12,6% 0,50	62/122 = 50,8% 0,51
primeiro da série (B)	114/145 = 78,6% 0,52	27/141 = 19,1% 0,59	27/58 = 46,6% 0,60
não 1ª da série, precedido de <i>tu sem concordância</i> (C)	172/188 = 91,5% 0,83	14/186 = 7,5% 0,35	14/30 = 46,% 0,74
não 1ª da série, precedido de <i>tu com concordância</i> (D)	12/15 = 80% 0,59	24/36 = 66,7% 0,76	24/27 = 88,9% 0,85
não 1ª da série, precedido de <i>você</i> (E)	9/52 = 17,3% 0,07	2/11 = 18,2% 0,43	2/45 = 4,4% 0,08
Total	739/892 = 82,8%	129/868 = 14,9%	129/282 = 45,7%

Na rodada binária *tu sem concordância vs você*, o paralelismo é um dos grupos com maior força para explicar nosso fenômeno. Confirmamos que o *tu sem concordância* é, em grande medida, favorecido por outro *tu sem concordância*, ao indicar peso relativo de 0,83. Do outro lado, essa forma tem um efeito mais próximo do ponto neutro diante de ocorrências isoladas e como primeiro de série, com peso de 0,40 e 0,52.

Já na rodada *tu com concordância vs tu sem concordância*, o *tu com concordância* tem efeito intermediário quando isolado e levemente favorecido como primeiro de série, com peso de 0,50 e 0,59, respectivamente. Mas seu efeito é maior ainda quando essa variante é precedida por ela mesma, com peso de 0,76.

Resultado parecido encontramos na última rodada *tu com concordância vs você*. O fator primeiro da série mostra-se relevante para o uso de *tu com concordância* com peso de

0,60, que, por sua vez, é altamente favorecido em contextos em que a forma precedente é ela mesma, ao indicar um peso de 0,85. O efeito dessa variante é mantido mesmo em ocorrências cujo item anterior é iniciado pelo *tu sem concordância*, com peso de 0,74. Passemos, agora, para análise dos pesos relativos gerados na rodada eneária.

A tabela 8, a seguir, confirma os resultados anteriormente explanados. As variantes *tu sem concordância*, *tu com concordância* e *você* são igualmente favorecidas pela mesma forma pronominal precedente. Isto é, *tu sem concordância* leva ao uso de *tu sem concordância* (0,60); *tu com concordância* leva ao uso do *tu com concordância* (0,62), e *você* leva ao uso do *você* (0,84).

Tabela 8 – Efeito do fator paralelismo linguístico em rodada eneária

PARALELISMO LINGUÍSTICO	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ
isolada (A)	432/554 = 78% 0,33	62/554 = 11% 0,27	61/554 = 11% 0,39
primeiro da série (B)	114/171 = 66% 0,35	27/172 = 16% 0,38	31/172 = 18% 0,25
não 1ª da série, precedido de <i>tu sem concordância</i> (C)	172/202 = 85% 0,60	14/202 = 7% 0,29	16/202 = 8% 0,10
não 1ª da série, precedido de <i>tu com concordância</i> (D)	12/39 = 31% 0,22	24/39 = 62% 0,62	3/39 = 8% 0,15
não 1ª da série, precedido de <i>você</i> (E)	9/54 = 17% 0,08	2/54 = 4% 0,06	43/54 = 80% 0,84
Total	739/1021 = 72%	129/1021 = 13%	153/1021 = 15%

No item primeiro da série, notamos um leve favorecimento do *tu com concordância* (0,38) e do *tu sem concordância* (0,35) que, por sua vez, tem seu efeito neutralizado com peso de 0,33 em construções isoladas. Já a variante *você*, dentre todos os fatores analisados, é favorecida quando precedida por ela mesma, com peso relativo de 0,84. O fato de essa variante ser mais favorecida nessa posição nos leva a inferir que o *você* mantém sua produção

via paralelismo linguístico. Vejamos essa evidência num relato de uma falante ludovicense sobre o uso das variantes aqui citadas:

(83)

D1: Se tu usa mais ‘tu’ ou se tu usa os dois [*tu vs você*], depende?

INF.: É, eu hoje eu uso os dois, mais assim, eu até gosto de usá ‘TU’, então eu procuro usá muito ‘TU’ e sempre eu uso. Agora o ‘VOCÊ’ a gente já tem da televisão, das pessoas de fora, então, às vezes... ah, eu acho que o ‘TU’ fica muito íntimo, então quando eu não conheço a pessoa aí eu já uso o ‘VOCÊ’, né, ou então quando a pessoa... a gente tá conversando aí: ‘VOCÊ’, ‘VOCÊ’, ‘VOCÊ’ aí eu acabo usando o ‘VOCÊ’.

corpus Barbosa (2015)²⁵ – (mulher, segunda faixa etária, ensino superior),
D1 (documentador) / INF (informante)

Em suma, os resultados apresentados se distanciam em partes da expectativa geral dos estudos variacionistas que apontam um efeito neutro dos itens (A) e (B). Ainda que os dados também indiquem essa tendência, ao apontar um efeito intermediário dessas categorias para a aplicação do *tu sem concordância*, 0,33 e 0,35, respectivamente, convém dizer que esses resultados podem sustentar a hipótese de que o tratamento com o *tu sem concordância* é a primeira opção dos ludovicenses, sobretudo quando se observa que as demais variantes em estudo foram desfavorecidas nestas classes ditas “mais naturais”. Por outro lado, o fato de o *você* ser também levemente favorecido em ocorrências isoladas e já figurar em ocorrências precedidas de *tu com concordância*, com pesos de 0,39 e 0,15, respectivamente, nos leva a inferir que essa escolha pronominal está para além do sistema.

4.2.4 Tempo e modo verbal

Dentre as variáveis linguísticas, o tempo verbal também se mostrou como uma importante variável a ser analisada em amostras cuja concordância com o *tu* ainda se faz presente. Por outro lado, a realização das rodadas binárias possibilitou constatar que a variável tempo verbal não exerce influência na escolha do pronome *você*. Resultado esperado, considerando que esse pronome vem seguido de formas verbais típicas de terceira pessoa.

Prosseguindo nossa análise, baseada apenas nos dados de *tu com* e *sem concordância*, controlamos inicialmente essa variável via terminação verbal. Essa foi, a princípio, a tentativa mais adequada de testar o efeito dessa variável, visto que estudos

²⁵ Esse trecho foi retirado de uma das 48 entrevistas que compõem o estudo de Barbosa (2015), uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como objetivo a análise das estratégias de indeterminação do sujeito entre falantes ludovicenses.

realizados por Loregian (1996), Hausen (2000) e Amaral (2003) indicaram uma forte relação desta variável com a saliência fônica. A convergência linguística dos nossos resultados caminha na mesma direção:

- a) O tempo verbal é a variável mais relevante, sendo a primeira selecionada pelo programa.
- b) A saliência fônica, por sua vez, é a terceira variável estatística selecionada se, na mesma rodada, excluirmos o tempo verbal.

A tabela 9, a seguir, apresenta os resultados encontrados nas duas rodadas em separado realizadas: uma em que ambas estão presentes, e a outra, em que apenas a saliência fônica é considerada. Nela, fica mais clara a sobreposição entre as duas variáveis: enquanto o nível 1 de saliência sofre uma redução 0,4 de peso relativo, os níveis 2 e 3 sofrem um aumento de 0,11 e 0,13, respectivamente.

Tabela 9 – A saliência fônica e os resultados dela com o tempo verbal, em rodadas binárias em separado

FATORES	APL./TOTAL	%	P.R. Saliência com tempo verbal	P.R. Só saliência fônica
Acréscimo de -S (nível 1)	56/587	9,5%	0,45	0,41
Acréscimo de -ES (nível 2)	36/136	26,5%	0,58	0,68
Acréscimo de -STE (nível 3)	38/145	26,2 %	0,56	0,67
Total	130/871	14,9	Input 0,135	Input 0,063

Considerando que, metodologicamente, é inadequado excluir o grupo saliência fônica para emergir o grupo tempo verbal, optamos por manter o envelope original da variação, ou seja, mantivemos o tempo verbal e excluimos a saliência fônica que foi recuperada via terminação verbal tal como exemplificado na metodologia.

Mas, antes de apresentarmos os resultados, convém fazer outras observações: não houve nenhum registro do pretérito mais-que-perfeito. Já o imperfeito do subjuntivo foi

registrado em seis ocorrências com o pronome *tu* e todas elas sem a desinência número-pessoal, como em “Se TU FOSSE(ø) ESCOLHER quem é teu irmão favorito, quem seria? *risos*”, por exemplo. Em relação às formas nominativas, foram registrados apenas três casos de gerúndio e todos eles com o pronome *tu*, como em “TU FALANDO o quê? ”. Estes dados, por não apresentarem variação, foram retirados da rodada. Os resultados a que chegamos podem ser conferidos na tabela a seguir.

Tabela 10 – *Tu com concordância* em função do tempo e modo verbal

TEMPO E MODO VERBAL	Tu com concordância		
	N	%	PR
Futuro do presente do indicativo	8/58	13,8	0,79
Futuro do subjuntivo	8/36	22,2	0,69
Pretérito perfeito do indicativo	38/145	26,2	0,66
Presente do subjuntivo	2/13	15,4	0,47
Presente do indicativo	64/508	12,6	0,46
Futuro do pretérito do indicativo	4/13	30,8	0,36
Infinitivo	5/42	11,9	0,35
Préterito imperfeito do indicativo	1/47	2,1	0,15
Total	130/871	14,9%	-

Input: 0,060/Significância: 0,031

Pelos resultados, confirmamos nossa hipótese que preconiza que há mais marcas de concordância no tempo verbal cujas formas para o pronome *tu* são mais salientes, ao indicar peso relativo de 0,66 para o pretérito perfeito.

Por outro lado, chama-nos atenção os resultados gerados entre as formas verbais de futuro cujas marcas desinenciais correspondentes a esse tempo verbal são –S e –ES. O peso relativo de 0,79 e 0,69 atribuído às formas de futuro do presente do indicativo e futuro do subjuntivo, por exemplo, também indicam uma alta probabilidade de aplicação da regra de concordância verbal.

Ainda que seja oportuno afirmar que a probabilidade de manutenção da concordância é maior em tempos verbais mais salientes, aqui classificados como aqueles com maior quantidade de material fônico, confirmando a hipótese levantada para este grupo de fator, convém dizer que já se nota a tendência em se realizar mais concordância em verbos com pouco material fônico tal como evidenciado pelos pesos relativos atribuídos as formas verbais

no presente do indicativo (0,46) e do subjuntivo (0,47), por exemplo, cuja terminação verbal se flexiona com –S.

Por se aproximarem do ponto neutro de 0,50, poderíamos dizer que essas formas verbais no presente também apresentam um uso de *tu com concordância* em (quase) igualdade de condições de ocorrência. Uma possível explicação seria uma tentativa de o falante ludovicense fugir, talvez, de uma tendência há muito tempo já observada no âmbito do português brasileiro: a de regularizar o seu sistema flexional. Isso justificaria também um fato curioso por mim observado e agora constatado na amostra coletada para este estudo: o ludovicense vem acrescentando o morfema –S em verbos cuja marcação número-pessoal já se faz presente, como em a) “TU, **TU ME ENTENDESTES?**” e b) “Não, **TU MANDASTES** teu email que eu te mandei os primeiros dados?”.

No entanto, é oportuno lembrar que a amostra do presente estudo é constituída, em sua maioria, de falantes ludovicenses escolarizados motivo esse que nos leva a descartar tal inferência considerando que esse falante ainda faz uso da concordância por esta representar, como já sinalizado no capítulo 1 desta tese, um traço identitário no imaginário coletivo maranhense.

Uma possibilidade mais palpável de explicar esses resultados seria a de interpretá-los a luz da proposta de Naro (1981). Nessa concepção, quanto maior material fônico tiverem as formas passíveis de alterações morfofonêmicas, mais elas serão percebidas pelo falante. Assim, do ponto de vista da saliência da tonicidade, formas verbais como *vai/vais* seriam mais salientes que *fala/falas*, por exemplo. Se assim for, justificariamos o peso relativo encontrado nas formas verbais de futuro do presente do indicativo não apenas em função do tempo, mas em função da significativa diferença fônica já que, em sua maioria, esse tempo verbal foi registrado em sua forma perifrástica, como em a) “Como é que TU VAIS FAZER com a passagem João?” e b) “Mas TU VAI COMEÇAR a dar aula sem ter assinado teu contrato?”.

Esse mesmo raciocínio se aplicaria às formas verbais do futuro do subjuntivo e do infinitivo pessoal já que a diferença fônica, entre a forma [\pm marcada] desses dois tempos, se dá pelo acréscimo de –ES. Contudo, os resultados de que dispomos não nos permitem fazer considerações mais pontuais. Por ora, eles revelam a necessidade de uma codificação que permita relevar as nuances entre tempo e outros aspectos da saliência, como a tonicidade, por exemplo.

4.2.5 Tipo de referência

Testamos a variável tipo de referência por acreditar na possibilidade de essa variável interferir na escolha dos pronomes, tendência essa já apontada nos estudos de Alves (2010) e Barbosa (2012). Esperamos com o resultado confirmar a hipótese que norteia a análise deste fator: a de que referência específica favorece as variantes *tu sem concordância* e *tu com concordância* ao passo que a genérica favorece o *você*. Vejamos, a seguir, uma tabela que apresenta resultados em percentuais e em pesos relativos, baseados em rodada eneária.

Tabela 11 – Variação *tu sem concordância*, *tu com concordância* e *você* em relação ao tipo de referência, em percentuais e em pesos relativos

TIPO DE REFERÊNCIA	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ
Específica	641/816 = 78,6% 0,32	120/816 = 14,7 % 0,58	55/816 = 6,7% 0,08
Genérica	100/212 = 47,2% 0,18	10/212 = 4,7% 0,10	102/212 = 48,1% 0,77
Total	741/ 1028 = 72,1%	130/ 1028 = 12,6%	157/1028 = 15,3%

Os resultados apresentados na tabela 11 corroboram nossa hipótese: o peso de 0,32 e 0,58 indicam, respectivamente, que as variantes *tu sem concordância* e *tu com concordância* tendem a ser mais favorecidas em referências específicas se comparadas a variante *você*, cujo peso relativo foi de 0,08. Essa variante, por seu turno, é altamente favorecida em referências genéricas, com peso de 0,77, conforme observado no exemplo a seguir:

(84)

Alguém passou foi no... não, mas ele sempre faz isso, ele sempre fica um ano afastado, porque **VOCÊ** nunca pode passar mais de dois anos, que isso caracteriza vínculo empregatício. Se **VOCÊ** ficar substituindo cinco anos ... **VOCÊ** pode entrar na justiça pra ser efetivado. É o mesmo de uso capião.

F1 (homem, 55 anos, ensino superior)

Apesar de nossa hipótese ter sido confirmada, é interessante comentar o percentual de 47,2% de *tu sem concordância* em referências genéricas. Em 2010, Alves registrou um

percentual de 27,1% de *tu* nesse contexto e afirmou que esse uso é recorrente tanto em discursos licenciados para a aplicação da indeterminação quanto em discursos livres. Essa configuração a nosso ver, é esperada se considerarmos que essa variante é de fácil registro já que reflete a identidade local.

Por outro lado, o significativo percentual de *tu sem concordância* em referências genéricas pode estar relacionado ao crescente registro desse pronome associado ao verbo na terceira pessoa do singular, tal como sugerem Duarte (2003) e Martins (2005, 2007). De acordo com esses autores, a grande maioria das estratégias de indeterminação é motivada por pronomes pessoais lexicalmente expressos e acompanhados de verbos na terceira pessoa. Para Martins (2007) essa tendência se estende aos casos de *tu* com marcação de terceira pessoa já que, nos dados por ele analisado, as estruturas com marca morfológica de segunda pessoa “parecem não convergir em construções ótimas para expressar a indeterminação.” (cf. MARTINS, 2007, p. 177).

Tal inferência, contudo, não nos permite chegar a afirmações contundentes tendo em vista que registramos o *tu com concordância* funcionando como uma estratégia possível de indeterminação e, ainda, a partícula *se* e o sujeito nulo seguido de verbo na terceira pessoa tornando mais manifesta a indeterminação do referente, como evidenciam (85) e (86).

(85)

Porque ela não consegue deglutir? Aí **TU TENS** que já recorrer ao que **TU APRENDESTE**. Essa é a fase faríngea, que já vai aqui na parte faríngea. Aí **TU TENS** a, **TU TENS** um uma, é muito próximo aqui... esôfago, que é pra onde o alimento tem que ir, a água e a laringe, que é a parte que aí conectar a parte respiratória. É a parte respiratória e a parte digestória. Então **TU TENS** que fazer todo uma coisa, é muito complexo, a gente come, não, não pensa na complexidade da coisa.

(colaboradora alvo Ana)

(86)

João: Óh, uma chapa que eu aprendi hoje, pá, e esse pé todo ferido aqui oh...

Irmão(2): “Trazer uma chapa que eu fiz hoje!”. (risos)

Irmão(1): Aí cai um pedacinho no nariz.

João: Aí **TU MORRE** assim, aí **TU FICA** com um pedaço na boca, aí **SE ENGASGA** e **MORRE**.

Irmão(1): Êh ‘É.’, não faz...

irmão(1) de João: F2(homem, 24 anos, ensino superior)

irmão(2) de João: F3(homem, 21 anos, ensino superior)

Quanto à representação determinada e genérica do *você*, convém dizer não nos foi surpresa essa variante ser a mais favorecida em situações em que o interlocutor faz menção a

qualquer pessoa. Esse resultado vai ao encontro dos dados observados em Alves (2010) que observou um percentual de 72,9% de *você* em posição genérica. Resultado idêntico encontramos nos trabalhos de Barbosa e Ramos (2013) e de Ramos (1996) que, de modo geral, indicaram um uso amplo do *você* como recurso indeterminador.

Ainda em relação à variante *você*, os resultados aqui apresentados são dignos de nota já que assumimos, nesta tese, que o sistema de tratamento de São Luís apresenta uma configuração eneária tendo o *você* como uma variante que alterna ao lado do *tu com concordância* em oposição ao *tu sem concordância*. Ao que nos parece, a referencialidade do *você* pode assumir comportamentos diferentes a depender do contexto situacional. Esse comportamento diferenciado pode ser examinado na tabela abaixo quando se confirma o sensível aumento percentual de *você* com referência definida em relações que implicam mais formalidade.

Tabela 12 – Variação *tu sem concordância* e *você* no cruzamento entre tipo de referência e tipo de relação entre os interlocutores

TIPO DE RELAÇÃO ENTRE OS INTERLOCUTORES	ASSIMÉTRICA		SIMÉTRICA	
	TU SEM CONC	VOCÊ	TU SEM CONC	VOCÊ
TIPO DE REFERÊNCIA				
Específica	77%	23%	96%	4%
Genérica	41%	59%	55%	45%

Embora esses números sejam expressivos, é preciso ter cautela quando se pretender traçar alguma tendência a respeito da indeterminação dos referentes pronominais. Os resultados confirmam o inovador uso do *você* com referência indeterminada, tal como afirma Ramos (1997), e parecem indicar que essa foi a porta de entrada dessa variante no sistema pronominal ludovicense. O estudo de Barbosa (2015) poderá também apontar, ainda com mais clareza, o que leva o falante a ultrapassar as fronteiras do “definido” e chegar até o “todo mundo”.

Por ora, acreditamos ter ficado evidente que, quando a referência do item é definida, o falante opta pelas formas *tu sem concordância* e *tu com concordância*; quando

indeterminada, a preferência é pelo *você* que, a depender do contexto situacional, pode assumir comportamentos diferentes. Ou seja, em contextos mais formais predomina o uso de *você* com referência definida se comparado com seu uso em contextos mais íntimos.

4.2.7 Tipo de discurso

Os resultados estatísticos também indicaram que o fator tipo de discurso se mostra estatisticamente relevante para explicar o comportamento das nossas variantes. A rodada eneária, confirma a hipótese sobre o favorecimento do *tu sem concordância* e do *tu com concordância* em falas não relatadas, além de revelar o favorecimento do *você* em falas reportadas com uma diferença bastante significativa que, nesse tipo de rodada, tem como ponto neutro o valor de 0,33. Vejamos os pesos relativos gerados para variante. Convém lembrar que, após os testes de significância, o fator ‘relatado’ inclui tanto os discursos reportados do próprio falante quanto o de terceiros.

Tabela 13 – Efeito do fator tipo de discurso em rodada eneária

TIPO DE DISCURSO	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ
não relatado	694/961 = 72% 0,34	124/961 = 13% 0,45	143/961 = 15% 0,19
relatado (próprio/terceiro)	47/67 = 70% 0,28	6/67 = 9% 0,21	14/67 = 15% 0,49
Total	741/ 1028 = 72,1%	130/ 1028 = 12,6%	157/1028 = 15,3%

Esses resultados se afastam da pesquisa de Alves (2010, p. 96) que apontou que o *tu sem concordância* é mais favorecido em “discursos relatados de terceiros” enquanto o *você* tende a ser mais favorecido em “falas próprias”. Segundo ela, isso acontece pois, “ao relatar um acontecimento, o falante se afasta do fato narrado e, portanto, do seu envolvimento direto com o discurso, [...] logo o falante dá menos atenção à forma linguística padrão, que nesse caso é o *você*.”. Convém lembrar que a pesquisa de Alves (2010) se configura como o extremo da formalidade; logo, por razões também estilísticas, o *você* emerge em falas próprias como marca de um registro mais cuidado.

Diante desses resultados, realizamos rodadas binárias partindo do pressuposto de que os discursos, sejam eles relatados ou não, têm comportamento diferenciado a depender das situações discursivas. Vejamos o efeito do fator tipo de discurso na tabela a seguir:

Tabela 14 – Efeito do fator tipo de discurso nas rodadas binárias

TIPO DE DISCURSO	TU SEM CONC vs VOCÊ	TU COM CONC vs TU SEM CONC	TU COM CONC vs VOCÊ
não relatado	694/837 = 82,9% 0,52	124/818 = 15,2% [0,50] ¹	124/267 = 46,7% 0,52
relatado	47/61 = 77% 0,23	6/53 = 11,3% [0,42]	6/20 = 30% 0,21
Total	741/898 = 82,5%	130/871 = 14,9%	130/287 = 45,3%

¹: pesos em colchetes não são estatisticamente relevantes

Vemos que na rodada binária composta apenas de dados de tu, *com e sem concordância*, esse fator não tem relevância estatística. Por outro lado, essas variantes tiveram um comportamento semelhante quando o *você* está em contraste. Esse resultado nos leva a supor que em falas não relatadas há um favorecimento maior das formas que mais caracterizam a comunidade local. Isto é, o falante põe no outro a responsabilidade de usar a forma inovadora, que, nesse caso, é o *você*. (*cf.* exemplos (53), (54), e (56))

Buscando ir além da tendência de se apontar essa variável como uma simples mudança da forma mais frequente para a menos frequente, tal como observa Zilles e Faraco (2002, p. 20), convém citar algumas ocorrências de discurso reportado. Seguindo a direção proposta pelos autores citados, os trechos a seguir se mostram interessantes exemplos do valor social que as variantes ocupam na comunidade. Vejamos os trechos:

(87)

Ele era um homem muito honesto. No dia que ele foi votar, aí eu: “**O SENHOR assina, SEU “P”?**”. Ele era seu aluno, né, mãe? “**O SENHOR assina, SEU “P”?**”? Olha, eu aprendi a assinar meu nome, viu! Mas eu assino ou uso a almofada? Se **O SENHOR SABE** assinar **SEU** nome, **O SENHOR pode** assinar!” ...**SEU “P.”** colocou o 'P' e nunca mais lembrou do restante das letras!

(colaboradora alvo Ana)

(88)

Isso! Ela ia perguntar da bandagem, porque ela nunca viu. Então, ela ia perguntar: "O que que é isso que **CÊ tá** utilizando?". Então, era uma forma de você colocar entendeu? de colocar o benefício daquilo... e também porque tu, tu tá mais interessada no caso dele... então, tu vai ver assim: "Poxa, talvez pra mim não tá dando certo porque tem uma medicação assim assim assim"... Antigamente, a gente chegava e dizia assim: "Doutora, essa medicação tal e tal...". Hoje em dia, ela diz assim: "M., **VOCÊ acha** que precisa mexer nessa medicação assim, assim... **VOCÊ acha** que precisa mexer na medicação pra **VOCÊ poder** atuar? Doutora, vai precisar!

(colaboradora alvo Ana)

Em (87), a colaboradora alvo Ana relata sua própria fala na qual se dirige a uma pessoa próxima que, pelo contexto, parece ser uma pessoa de mais idade. Nesse caso, o uso de *senhor* é explicado pelo fator diageracional. Já na reprodução de uma conversa que teve com uma médica, trecho (88), a informante inicia o relato introduzindo a forma *cê* e, na sequência, substitui essa variante pela sua forma plena. O uso de tais formas pode ser justificado, talvez, pelo grau de assimetria entre ela e o sujeito cuja fala foi retomada. Outra possível interpretação é o traço mais genérico que acompanha o discurso relatado. É como se essa falante se eximisse da afirmação e ao mesmo tempo atribuísse ao outro a responsabilidade pelo uso do pronome, ainda que faça parte do discurso referido.

Através dos resultados das rodadas eneária e binária, podemos comprovar o efeito desse fator sobre as variantes por nós registradas. Também foi possível perceber que o discurso reportado revela, de certa maneira, que a opção estilística do falante demonstra seu grau de consciência em relação às situações discursivas. Nesse sentido, a “ação de redizer do outrem” supera a perspectiva individual “de como fulano fala” para a social “como eles falam e como nós falamos”.

4.3 Variáveis sociais

Conforme o exposto no quadro 3, os fatores que mais influenciam nosso estudo são as variáveis externas ou sociais. A exceção do *locus* físico, que demonstrou um efeito não significativo do ponto de vista estatístico no uso das variantes aqui observadas, todos os grupos de fatores sociais foram selecionados como estatisticamente relevantes. Esse resultado só vem ratificar a tendência já observada em estudos que se propõem a investigar a variação

de segunda pessoa, a de que esse fenômeno é estreitamente relacionado a instâncias sociointeracionais.

4.3.1 Sexo

Essa foi uma das variáveis testada apenas para controlar, na amostra com todos os falantes, a atual distribuição da variável dependente entre os ludovicenses. Não esperávamos que esse fator fosse selecionado visto os dados de Alves, em 2010, apontarem a não relevância da variável sexo para a análise e interpretação do nosso fenômeno em variação. A hipótese, portanto, era a de que houvesse uma distribuição equilibrada entre os falantes masculinos e femininos.

Nosso olhar curioso sobre o efeito do gênero se justifica, sobretudo, em virtude de pesquisas aprofundadas, como a de Labov (2008 [1972], 2001), revelarem diferenças significativas entre homens e mulheres no decorrer do processo de variação e mudança linguística. Segundo Labov, essa diferença é notável quando, em falas monitoradas, são as mulheres que mais optam pela forma menos estigmatizada. Ou seja, há uma tendência de as mulheres serem mais sensíveis às formas tidas de prestígio em casos de variação estável. Essa observação se dá mais evidente no espectro da variação estilística. Para ele,

as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala causal, as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais (LABOV, 2008 [1972], p. 282).

Mudanças linguísticas em progresso também se mostram associadas ao efeito do gênero feminino que, nesses casos, são responsáveis pela propagação da variante não-padrão. Contudo, frisa Labov, que mais coerente que observar se as mulheres lideram ou não os casos de mudança linguística, é observar que a diferenciação sexual desempenha um papel importante no mecanismo de evolução linguística. Isso porque estamos imersos em uma sociedade que espera de cada um, homens e mulheres, uma postura que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro. Assim, é esperado que o comportamento da mulher influencie a implementação de mudanças linguísticas já que cabe a ela, por exemplo, grande parte da educação linguística dada aos filhos (*cf.* LABOV, 2008[1972], p. 347-348).

Como dito inicialmente, esperávamos uma distribuição regular entre os falantes partindo da constatação de que o *tu* é a forma que traduz a identidade linguística ludovicense.

A ocorrência da variante *tu sem concordância*, de forma geral, foi bastante significativa entre ambos os sexos, embora os homens apresentem um percentual de uso de 36 pontos percentuais a mais que as mulheres.

Tabela 15 – Efeito do fator sexo em rodada eneária

SEXO	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ
Masculino	483/541 = 89% 0,44	12/541 = 2% 0,15	46/541 = 9% 0,39
Feminino	258/487 = 53% 0,19	118/487 = 24% 0,57	111/487 = 23% 0,22
Total	741/1028 = 72,1%	130/1028 = 12,6%	157/1028 = 15,3%

Pelos resultados em percentuais, podemos perceber que são os homens que apresentam um maior índice de probabilidade de ocorrência da variante *tu sem concordância*. Diferente, pois, dos resultados de Alves (2010) que indicou a não seleção estatística desta variável além de apontar uma ligeira preferência de uso dessa variante entre as mulheres, cerca de 41%.

A diferença entre sexos se mantém ainda mais evidente quando observamos os pesos relativos das variantes em análise: enquanto o homem opta pelo *tu sem concordância* e pelo *você*, com peso de 0,44 e 0,39, respectivamente; as mulheres optam pela variante *tu com concordância*, com peso de 0,57. No entanto, ambos têm o *você* como segunda opção. Face a esse comportamento tão diversificado em que ora homens usam mais *tu sem concordância*, ora as mulheres usam o *tu com concordância* e ora homens e mulheres optam pelo *você*, realizamos rodadas binárias com os três grupos de variantes para verificar como elas se comportavam sob o efeito do fator sexo. Partimos da hipótese de que, em contextos em que há a *concordância*, as mulheres optam pela forma de mais prestígio na comunidade de fala, o *tu com concordância*. Vejamos os resultados a seguir.

Tabela 16 – Efeito do fator sexo em rodadas binárias

SEXO	TU SEM CONC vs VOCÊ	TU COM CONC vs TU SEM CONC	TU COM CONC vs VOCÊ
Masculino	483/529 = 91,3% [0,52] ¹	12/495 = 2,4% 0,28	12/58 = 20,7% 0,17
Feminino	258/369 = 69,9% [0,47]	118/376 = 31,4% 0,77	118/229 = 51,8% 0,59
Total	741/898 = 82,5%	130/871 = 14,9%	130/287 = 45,3%

¹: pesos em colchetes não são estatisticamente relevantes

Conforme podemos observar, o fator sexo foi selecionado em duas das três rodadas binárias confirmando a hipótese acima levantada: há um maior índice de *tu com concordância* entre as mulheres, com pesos de 0,77 e 0,59. Esse resultado é ratificado, ainda, pela não seleção do fator sexo em contextos de não concordância que apresentou efeitos muito próximos, apesar de a média de uso de *você* dessa rodada binária apontar as mulheres com frequência relativa pouco maior que os homens. Os pesos gerados permitem-nos supor, preliminarmente, que homens optam mais pelo *tu sem concordância* ao passo que as mulheres optam pela forma inovadora *você*. Em termos de mudança linguística, essa tendência se aproximaria do que Labov chama de mudanças abaixo da consciência social (*change from below*), confirmando, pois, a liderança de mulheres quanto ao uso de formas mais inovadoras. Descartamos essa primeira impressão, pois, como já dito, o fator sexo é descartado pelo programa que seleciona, em seu lugar, o fator tipo de relação (simétrica e assimétrica) como o mais importante para explicar a alternância *tu* e *você*.

Apesar da não seleção desse fator em uma das análises binárias, consideramos de suma importância a análise do fator sexo para a compreensão e interpretação de fenômenos cujo foco é a alternância de segunda pessoa. Nesse sentido, resolvemos controlar uma variável chamada sexo do interlocutor visando verificar se, em contexto de mais concordância, as diferenças sexuais se manteriam. Apresentamos, na sequência, os resultados obtidos com o cruzamento das variáveis sexo do falante e sexo do interlocutor.

Tabela 17 – Cruzamento das variáveis sexo do falante e sexo do interlocutor

SEXO DO FALANTE	MASCULINO			FEMININO		
	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ
mesmo	89%	2%	9%	53%	25%	23%
oposto	90%	3%	7%	55%	20%	24%

De acordo com a tabela 17, fica mais uma vez comprovada a preferência pelo *tu sem concordância* entre os falantes masculinos e femininos para tratar seu interlocutor. Os resultados se mostram mais interessantes quando vemos que o *tu com concordância* é a forma que mais as mulheres usam para conversarem entre si, cerca de 25%. Do outro lado, os homens usam menos essa variante, ao indicarem um uso entre si de apenas 2%. Parece-nos, ainda, que há uma tentativa masculina de adequar seu discurso à fala mais cuidada das mulheres, quando aumenta de 2% para 3% o uso de *tu com concordância* ao dialogar com o sexo oposto. Embora a diferença percentual seja pequena, observamos mulheres vindo em direção contrária diminuindo, pois, a concordância quando interagem com homens. Nesse movimento linguístico emerge o *você* que, depois do *tu sem concordância*, é a segunda opção mais preferida por homens e mulheres, para tratar o sexo oposto.

Mesmo sabendo que generalizações podem velar o real efeito do fator sexo tendo em vista os diferentes papéis sociais que cada comunidade atribui à homens e mulheres (cf. PAIVA, 2003), os nossos resultados apontam em duas dimensões:

- a) homens e mulheres caminham em uma única direção rumo ao uso de mais *tu sem concordância* quando, na interação, essa forma varia com o *você*. Esse resultado, exemplificado em percentuais na tabela 15 e em pesos na tabela 16, confirma o traço mais identitário que *tu* desempenha na comunidade.
- b) homens e mulheres caminham em direções opostas quando a alternância está associada a concordância pronominal. Homens preferem o *tu sem concordância* e tendem a usar mais o *você* que as mulheres, que continuam fazendo opção pelo *tu com concordância*, conforme exposto na tabela 16.

Poderíamos, no entanto, supor que ambos os sexos caminhassem na mesma direção considerando que a variante *você* atua no mesmo espaço funcional do *tu com concordância*, ou seja, homens e mulheres tenderiam ao uso da forma *você*, conforme observamos na tabulação cruzada. Contudo, a nosso ver, podemos inferir que a variante inovadora *você*, mesmo aceita pela comunidade, teria seus traços [+ formal, + distância] neutralizados diante do prestígio que o *tu com concordância* ainda detém entre os falantes femininos ludovicenses. Nesse caso, as mulheres tenderiam a ser mais conservadoras, preferindo formas menos marcadas do que os homens do mesmo grupo social e sob as mesmas circunstâncias.

Esse resultado nos aproxima, em parte, do que Labov chama de mudança acima da consciência social (*change from above*). Nela, as mulheres favorecem a forma de prestígio mais do que os homens, fato esse revelado em nossos dados. O *tu com concordância*, forma menos marcada é a que predomina na fala das mulheres. Esse resultado era esperado, pois, segundo, Scherre e Yaconenco (2011, p. 137), fazer concordância é a forma esperada pela sociedade logo, por ser menos marcada socialmente, é comum as mulheres estarem à frente dos homens em processos de mudança que envolvem consciência social. Aliás, é o princípio de marcação, nos termos de Givón (1995), que as autoras lançam mão para melhor entender o efeito do sexo já que o prestígio é apenas um dos aspectos que compõem essa noção. Para elas,

em configurações **menos marcadas** – e não necessariamente mais prestigiadas – as **mulheres** estão à frente na variação ou na mudança
[...]
em configurações **mais marcadas** – e **não necessariamente menos prestigiadas** – os **homens** estão à frente na variação ou na mudança (SCHERRE e YACOVENCO, 2011, p. 139) (grifo nosso)

Partindo dessas reflexões mais complexas sobre o efeito do sexo na alternância pronominal, podemos, mais uma vez, associar o uso mais frequente da forma inovadora *você* à fala dos homens: forma linguística “**mais marcada e não necessariamente menos prestigiada**” já que transita em espaços onde era esperado o *tu com concordância*. Isso explicaria, também, o percentual de 63% de uso de *você* em falas masculinas no estudo de Alves (2010, p. 93) que, lembramos, foi constituído a partir de entrevistas estruturadas. A forma *você* foi a opção dos falantes masculinos para tratar seu entrevistador, uma mulher, falante de *tu com concordância*. Nesse sentido, embora nosso fenômeno não se configure como um estudo de mudança linguística, podemos inferir que são os homens que despontam rumo a disseminação da, não menos prestigiada, forma inovadora *você*, conforme indicam as frequências de uso expostas nas tabelas 15 e 17.

Esse resultado se coadunam com os dados analisados em três localidades da Região Sul do país: em Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha, são as mulheres que mais favorecem o *tu* com percentual acima da média, cerca de 90% de uso, mesmo em um subsistema cuja concordância se faz percentualmente presente (cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 136). Na sequência, apresentamos um relato de um falante masculino sobre o uso do *tu* e do *você*. Nele, o informante deixa claro que usa tanto o *tu com concordância* quanto o *você*, mas que prefere usar essa última forma:

(89)

D1: e a questão do “me vê dois pastel”... esse “dois pastel” eh

INF: ah, eu sempre ofereço uma caixinha de “s” junto!

INF: mas o que que **TU QUER** saber?

D1: não, a questão é que **TU FALOU** assim que o “mermo”. Dependente de escolaridade né?!

INF: o “dois pastel”?...também também porque a gente é preguiçoso

INF: **VOCÊ VAI** pelo caminho mais fácil.

D1: e se eu disser...

INF: é muito comum.

D1: assim...

D2: **TU FALAS** assim?

INF: não.

D2: não?

INF: não, eu procuro adequar.

D1: **TU já TE PEGOU** alguma vez falando assim?

INF: falando “é mermo” já, um monte de vezes.

D1: uhn e o...

INF: o “dois pastel”?

D1: **TU nunca ESQUECEU** de levar uma caixinha do “s”

INF: não, eu costume não esquecer.

D1: é?

INF: às vezes, eu falo até mais pausado...

D1: porque...

INF: oh tá vendo?

INF: às vezes, eu falo até mais pausado pra poder fazer uma concordância mais assertiva.

D1: uhn.

INF: chega até a ser chato às vezes.

D1: eh e (com a história) do “tu” com concordância, **TU USA?**

INF: eu uso...**TU SABES, TU FAZES**

D1: eu não uso.

INF: eu uso.

INF: eu uso quase sempre, mas eu uso muito mais **VOCÊ**.

D1: pra fugir da concordância?

INF: não, porque eu acho mais bacana mesmo.

corpus Santos (2015) – (masculino, primeira faixa etária, nível superior)
(grifo nosso), D1 (documentador)/INF (informante)

Antes de prosseguirmos com nossa análise, convém dizer que, implicitamente, acreditamos num papel duplo da mulher partindo da confirmação do valor social que a variante *você* tem ganhado no espaço pronominal ludovicense. Isso porque, se considerarmos que essa variante atua em níveis de consciência social, é bem provável que as mulheres optem também, a depender do contexto, pela forma inovadora considerando, ainda, que são elas que linguisticamente melhor se adaptam a uma variada gama de situações sociolinguísticas. Essa suposição ficará mais nítida quando da análise do tipo de relação, outro fator mais forte ainda para a explicação do nosso fenômeno.

4.3.2 Rede social

Para este trabalho, controlamos a variável rede social com o objetivo de verificar quais as formas mais recorrentes entre os colaboradores *alvo* e as pessoas pertencentes as suas redes de ordem primária ou secundária. Nossa hipótese é de que a rede social de primeira ordem favoreça o *tu sem concordância* enquanto que a de segunda ordem favoreça as formas *tu com concordância* e o *você*. Os resultados que obtivemos em rodada eneária confirmam, em grande medida, nossas expectativas.

Tabela 18 – Efeito do fator rede social em rodada eneária

REDE SOCIAL	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ
Primeira ordem	661/823 = 80% 0,45	49/823 = 6% 0,20	113/823 = 14% 0,34
Segunda ordem	80/205 = 39% 0,22	81/205 = 40% 0,49	44/205 = 21% 0,28
Total	741/1028 = 72%	130/1028 = 13%	157/1028 = 15%

Como demonstra a tabela 18, fica evidente o uso de *tu sem concordância* em redes sociais cujas relações ou vínculos se mantêm por laços de mais intimidade e/ou de mais proximidade, ao indicar um peso de 0,45. A rede de segunda ordem, portanto, desfavorece o seu uso com peso relativo de 0,22, e indica ser o *tu com concordância* a forma mais favorecida nesse contexto, com peso de 0,49. O *você*, por sua vez, é desfavorecido em redes de segunda ordem, conforme indica o peso de 0,28. Embora a diferença de 21 de peso relativo entre o *tu com concordância* e o *você* seja relativamente significativa, já que se trata de uma

rodada eneária, poderíamos supor que, de um modo geral, essas duas variantes tendem a ser as formas mais recorrentes em redes constituídas por relações mais formais e/ou menos íntimas. Passemos aos resultados das rodadas binárias que podem ser fundamentais para confirmar ou não nossas inferências:

Tabela 19 – Efeito do fator rede social em rodadas binárias

REDE SOCIAL	TU SEM CONC vs VOCÊ	TU COM CONC vs TU SEM CONC	TU COM CONC vs VOCÊ
Primeira ordem	661/774 = 85,4% 0,52	49/710 = 6,9% 0,42	49/162 = 30,2% 0,32
Segunda ordem	80/124 = 64,5% 0,34	81/181 = 50,3% 0,79	81/125 = 64,8% 0,71
Total	741/898 = 82,5%	130/871 = 14,9%	130/287 = 45,3%

Confirmando nossa expectativa, esse grupo de fatores foi selecionado em todas as rodadas binárias realizadas. Significa dizer que a rede social é um importante fator para explicar o comportamento das formas em análise: na relação *tu com concordância vs tu sem concordância* e *tu com concordância vs você*, os pesos atribuídos ao *tu com concordância* foram de 0,79 e 0,71, respectivamente, indicando ser essa a variante mais favorecida em redes de segunda ordem. Já na relação *tu sem concordância vs você*, o peso de 0,52 atribuído ao *tu sem concordância* ratifica o favorecimento dessa forma em redes ditas de primeira ordem, tal como apresentado nos pesos gerados na rodada eneária. Os resultados das rodadas binárias permitiram ainda observar que redes de segunda ordem também favorecem a ocorrência do *você* quando em contraste com a variante *tu sem concordância*, resultado esse que corrobora nossa hipótese.

Esse resultado é ainda mais interessante se considerarmos que a rede de segunda ordem se estende para além do contexto familiar e nela são exigidos outros vínculos, gerados a partir do contato do indivíduo com contextos sociais diversos. Os resultados apontados na nossa amostra vão ao encontro dos critérios básicos de distinção entre as redes sociais.

O pressuposto geral aponta que redes sociais relativamente isoladas possibilitam a focalização de traços linguísticos, enquanto que as redes integradas associam-se à difusão linguística visto a ampliação de vínculos e papéis sociais exigidos em novos contextos sociais (cf. MILROY, 1987 [1980], BORTONNI-RICARDO, 2011). Apesar de essa dicotomia ser

melhor aplicada em estudos cujo variação/mudança linguística está associada ao contínuo de rural-urbano, ajustamos esse conceito a nossa amostra que é, por sua natureza, constituída apenas por falantes “urbanos” escolarizados.

Assim, os resultados aqui gerados apontam as seguintes tendências: na rede de primeira ordem, por se tratar de uma rede constituída por um grupo limitado, há a manutenção do *tu sem concordância*. Considerando o ‘*status físico*’ dessa rede, é como se o comportamento linguístico dos indivíduos estivesse restrito à ligações de primeiro grau, como família e amigos íntimos, representando, pois, quanto ao seu ‘*status social*’, um nível baixo de densidade de relações de papéis. Ou seja, por se conhecerem e manterem relações mais solidárias entre si, os indivíduos tenderiam a inibir ou retardar a mudança linguística, conservando os traços linguísticos mais característicos da comunidade em que estão inseridos.

Os resultados aqui gerados apontam mais duas tendências: confirmam que a rede social de segunda ordem i) por ser mais flexível, propicia a introdução de novas variantes, a forma *você*; ii) por ser constituída por vínculos de qualquer natureza, fato que exige uma maior adequação de estilo, favorece o uso da forma mais prestigiada pela comunidade, o *tu com concordância*. Nesse caso, ao lado da “difusão linguística” do *você* há um reforço do *tu com concordância* como traço linguístico mais característico que traduz a comunidade de fala ludovicense como um todo. Visando refinar nossa afirmação, vejamos como se comportam essas duas variantes quando estão coocorrendo no mesmo espaço.

Tabela 20 – Variação *tu com concordância* e *você* de acordo com a rede social em rodada binária com dados da colaboradora alvo Ana

REDE SOCIAL	TU COM CONC		VOCÊ	
	N	%	N	%
Primeira ordem	49/162	30,2	113/162	69,8
Segunda ordem	81/125	64,8	44/125	35,5
Total	130/291	45,3	161/291	54,7

Em termos dos resultados em percentuais, os números da tabela acima indicam que o *tu com concordância* tem uma frequência de 64,8% em redes de segunda ordem ao passo que o *você* tem frequência de 69,8% em redes de primeira ordem. Isto é, quando em contraste com o *você*, a variante *tu com concordância* tende a ser a forma preferida em redes cujas relações

são formadas por laços “mais densos” exigindo, pois, tratamentos mais “formais”. Ou seja, em redes que permitem um número maior de papéis sociais, a primeira opção é pela forma *tu com concordância*, tal como apontado nos resultados em pesos gerados nas rodadas binárias. Contudo, no que diz respeito aos dados de segunda ordem, podemos pensar em relativizar as tendências apontadas, tendo em vista que não foi possível gravar os dois informantes alvo em redes diversas, o que seria ideal para nossa pesquisa. Esses percentuais, por contemplarem a amostra da colaboradora alvo Ana, nos permitem inferir que, em redes mais densas, essa informante opta pela forma *tu com concordância*.

A limitação da nossa amostra, no entanto, nos revela algo interessante. Segundo Milroy (1987 [1980]), à medida que as mulheres deixavam de ser somente donas de casa e começavam a integrar o mercado de trabalho, delas foi exigido o uso de variantes mais diversificadas. Frisa a autora que, mesmo em uma rede mais densa, os indivíduos que ocupam posição central são os primeiros a se adaptarem à inovação em função das relações estreitas que mantêm com os indivíduos que propagam a inovação. Em algumas sociedades como a de Belfast, por exemplo, é comum um contato de segunda ordem, geralmente um ‘amigo do amigo’, ser recrutado para ajudar na obtenção de preços de custo ou para mediar uma conversa com uma autoridade.

Essa tendência talvez justifique a notável frequência de *você* em redes de segunda ordem, contudo, acreditamos que nos afastamos dela quando os percentuais de *tu com concordância* parecem indicar um papel da mulher rumo à manutenção da variante de maior prestígio quando em interação com diferentes membros de sua rede.

Os resultados a que chegamos, mesmo que a amostra não tenha sido suficiente para revelar as especificidades dessa variável, foram bastante importantes para comprovar a importância da análise da rede social associada à análise da nossa regra linguística variável. Prova disso, como já sinalizado, é a seleção desse fator em todas as rodadas binárias realizadas.

4.3.3 Tipo de relação entre os interlocutores

Como esperado, tipo de relação entre interlocutores se mostrou um dos fatores mais relevantes, tendo sido selecionado em todas as rodadas binárias realizadas, confirmando que esse fenômeno é, em grande parte, explicado sob o aspecto extralinguístico. Convém lembrar que os fatores “assimétrico ascendente” e “assimétrico descendente” foram

amalgamados visando uma melhor interpretação dos dados. Os resultados estatísticos podem ser conferidos na tabela 21.

Tabela 21 – Efeito do fator tipo relação entre os interlocutores em rodada enéaria

TIPO DE RELAÇÃO	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ
Assimétrica (descendente/ascendente)	135/292 = 46% 0,22	77/292 = 26% 0,32	80/292 = 27% 0,45
Simétrica	606/736 = 82% 0,46	53/736 = 7% 0,31	77/736 = 10% 0,22
Total	741/1028 = 72%	130/1028 = 13%	157/1028 = 15%

Para a análise desse fator, relembremos as nossas hipóteses: i) o *tu sem concordância* é frequentemente usado em contextos regidos por relações simétricas, entre pessoas próximas, dando indícios de que essa forma é condicionada pelo grau de intimidade entre o falante e o seu interlocutor; ii) o pronome *você e tu com concordância* são frequentemente usados em ambientes regidos por relações assimétricas, usados como formas de cortesia e/ou respeito para pessoas mais distantes ou dado o contexto formal.

Analisando a Tabela 21, vemos que a hipótese (i) se confirma, pois os dados revelam que, no plano da simetria, há uma tendência maior ao uso do *tu*, ao apresentar peso relativo de 0,46. Esse resultado nos confirma que o uso do *tu* está ligado ao tipo relação entre os falantes, ou seja, no caso de simetria, há uma relação de reciprocidade entre os falantes, muitas vezes determinada pelo grau de intimidade entre eles, como nos mostram os exemplos a seguir, extraídos da nossa amostra:

Contexto de interação entre irmão/irmão:

(90)

Irmão(1): Não me arrelia!

João: Ih, **TU É DOIDO**. Eu passo a noite inteira coçando ‘I.’, até...

Irmão(1): **TU NÃO DORME** não?

João: Não

Irmão(1): **TU DORME** abraçado assim ‘E’? Ou **TU DORME** cada um pro seu canto?

João: O que **TU ACHA?**”

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

Contexto de interação entre amigo/amigo:

(91)

Irmão(2): **TU se MAQUEIA** muito ‘AL.’?

Amiga: Hum?

Irmão(2): **TU se MAQUEIA** muito? Dá pra perceber. (riso)

Irmão(2): Tá precisando, hein, amiga...

Irmão(1): Para de me chutar. Não me chuta “A.”, **TU É** brother!

João: **TU FAZ** o seguinte, **TU PEGA** o pó de arroz, passa bastante, bastante e desenha uma cara nova, por cima.

Irmão(2): Não fala isso pra “A.”. Minha amiga é brother, minha amiga é brother.

Amiga: Eu tô com tanto sono, que eu não tô nem...(init).

João: **TU DESENHA** outra sobranceira, **TU DESENHA** outro nariz, **TU DESENHA**...

Amiga: Rapaz, eu sou tão linda que eu não preciso de maquiagem.

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

irmão (2) de João: F3 (homem, 21 anos, ensino superior)

amiga de João: F4 (mulher, 26 anos, ensino superior)

Nos moldes de Brown e Gilman (2003 [1960]), o *tu sem concordância* é naturalmente o tratamento esperado nas relações entre iguais conforme a distinção T-T: o falante dá e recebe a mesma forma. Contudo, é interessante notar que o *tu com concordância* apresenta peso relativo próximo ao valor de referência, que em rodadas enéarias é de 0,33. Analisando a amostra, observamos que essas ocorrências se deram com frequência na interação entre irmãos, em que o esperado é a forma *tu sem concordância*. A ocorrência de uma forma prestigiada nesse contexto se explica por dois motivos:

a) o irmão do colaborador alvo João, colaborador da nossa pesquisa (F2), utiliza a forma menos marcada no logo no início de uma gravação indicando um uso mais monitorado. No entanto, mantivemos essas ocorrências quando observamos que a seleção por essa forma se dá também quando o (F2) repreende o irmão. Vejamos:

(92)

João: “A.”, TU FICA imitando sotaque... sotaque pega...

Irmão(1): Uhum...

João: é igual fazer careta no vento, é?!

[risos]

Irmão(1):: Não...

João: Igual criança...Não... é tipo cagueira... pega...

Irmão(2):: Se toca

Irmão(1): ““A.”, TU FICA fazendo sotaque... vai que pega!”. Ai que bocó que **TU ÉS**, João!

João: Beleza...

Irmão(1): **TU ÉS** mesmo filho de uma égua mesmo...

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

irmão (2) de João: F3 (homem, 21 anos, ensino superior)

b) já o uso do *tu com concordância* pela colaboradora alvo Ana para tratar o irmão foi condicionado pelo tópico que norteia toda a conversa. É como se a situação – a discussão sobre um assunto que gera certa tensão discursiva na informante – exigisse a formalidade da variante menos marcada, que, conforme já mencionado, é a primeira opção das mulheres. Vejamos um trecho da interação:

(93)

Ana: Uhn, então deu quanto, tudo?

Irmão: Cinquenta e cinco.

Ana: Tá, diz pra ela. Sim, repassando a nossa coisa de amanhã. **TU ENTENDESTE** direitinho como é que é o lance aí da mudança?

Irmão: Não.

Ana: Olha só, cadê o controle? Só **te** dizer. Eh... o sofá, as almofadas... só que essas almofadas eu vou colocar dentro do de uma sacola grande amanhã de manhã.

Irmão: Uhum.

Ana: Na verdade, eu saio bem cedinho. Então **TU COLOCAS** essa aquela sacola ali, ó, que tem o nome em amarelo...

Irmão: Uhnm.

Ana: **TU COLOCAS** esse aqui...

Irmão: Esses dois, né?

irmão de Ana: F6 (homem, 22 anos, ensino médio)

Em relação a hipótese (ii), vemos que esta também é confirmada: o peso relativo de 0,45 indica que o *você* é a forma mais recorrente para marcar as relações assimétricas entre os interlocutores. Do outro lado, é notável o peso relativo de 0,32 para a forma *tu com concordância* em relações mais assimétricas. Visando buscar uma melhor compreensão do efeito desta variável no eixo assimétrico, realizamos uma rodada especial, tornando ‘inaplicável’ o fator simétrico que, como já mencionado, é terreno fértil para uso do *tu sem concordância* com matiz de solidariedade. Vejamos os resultados:

Tabela 22 – Distribuição da variável dependente no eixo da assimetria em percentuais

ASSIMETRIA	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ
Descendente (superior / inferior)	41,7% 90/209	30,1% 63/209	27,7% 56/209
Ascendente (inferior / superior)	54,2% 45/83	16,9% 14/83	28,9% 24/83
Total	46,2% 135/292	26,4% 77/292	27,4% 80/292

Esses resultados nos distancia, em partes, da proposta de Brown e Gilman (2003 [1960]): em relações constituídas de [+ poder] e [- solidariedade], o falante recebe T e devolve V. No entanto, o percentual de 54,2% indica a alta probabilidade de *tu sem concordância* ser selecionado em relações assimétricas ascendentes. Temos assim, na semântica do poder, o uso de T em ambas as direções: o falante dá e recebe T.

Esse resultado, a nosso ver, reflete mais uma vez que o *tu sem concordância* é a forma identitária da comunidade ludovicense já que tem seu uso licenciado mesmo em contextos em que o esperado é a variante que denote mais formalidade. É o traço identitário que explica, por exemplo, o percentual de 38,8% de *tu sem concordância* registrado no estudo de Alves (2010).

Do outro lado, o percentual de *tu com concordância* e *você* corresponderia ao que se espera da distinção T-V. Retomando a expectativa inicial para a seleção dessa variável, confirmamos, com base na tabela 22, que *tu com concordância* e o *você* são as formas associadas à dimensão de poder que regem a relação entre locutor e interlocutor, porém, em direções opostas. Enquanto a primeira variante é a preferida em relações assimétricas descendentes (30,1%), a segunda é a preferida em relações assimétricas ascendentes (28,9%).

Pelos resultados expostos nas tabelas 21 e 22, confirmamos o complexo sistema de tratamento em São Luís, sobretudo quando se considera o registro de formas como *senhor/a*, *cê* e pronomes zeros atuando no mesmo sistema. Essa configuração nos faz inferir que essa variedade de tratamentos, nos eixos simétrico e assimétrico, reflete o também variável papel social que os falantes vêm desempenhando na sociedade. Tal generalização vai de encontro à conclusão de Brown e Gilman (2003 [1960]): a de que as relações de mais poder como “pai de” e “mais velho que” vem, a partir do século XX, caminhando em direção a um sistema [+ solidariedade]. Ou seja, para os autores, o falante diz e recebe T à medida que seu comportamento e atitudes se assemelha aos dos seus interlocutores, enquanto V emerge como opção não solidária entre iguais. Essa “perda” semântica de poder em detrimento de uma semântica mais solidária não se observa na comunidade ludovicense.

Foi pensando na linha social cada vez mais tênue entre as pessoas, isto é, na possibilidade de um falante desempenhar vários papéis sociais que resolvemos registrar as ocorrências da variável dependente de forma a situar em quais relações se deram seus usos. A tabela, a seguir, nos mostra as díades geradas na amostra. Convém dizer que os percentuais gerados contemplam apenas os dados de referência direta.

Tabela 23 – Tipos de vínculos encontrados na amostra em percentuais

DÍADES	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ	SENHOR/ A	CÊ
pais/filhos	23/54 42,6%	-	15/54 27,8%	-	16/54 29,6%
filho/pais	-	-		11/11 100%	-
sobrinho/tio	2/15 13,3%	12/15 81,2%	1/15 6,2%	-	-
tio/sobrinho	3/3 100%	-	-	-	-
professor/aluno	10/49 20,4%	39/49 79,6%	-	-	-
aluno/professor	-	-	-	19/19 100%	-
entre irmãos	358/381 94%	17/381 4,5%	6/381 1,6%	-	-
entre amigos	155/196 79,1%	29/196 14,8%	12/196 6,1%	-	-
entre colegas de trabalho	14/31 45,2%	4/31 12,9%	7/31 22,6%	6/31 19,4%	-
comprador ¹ /vendedor	4/13 30,8%	9/13 69,2%	-	-	-
vendedor/comprador ¹	3/3 100%	-	-	-	-
entre colegas de faculdade	24/28 85,7%	4/28 14,3%	-	-	-
Total	596/803 74,2%	114/803 14,2%	41/803 5,1%	16/803 2,0%	36/803 4,5%

¹: colaborador alvo

Em linhas gerais, podemos inferir que dos tratamentos que apresentam comportamento mais nítido temos a forma *senhor/a*, utilizado nas relações assimétricas ascendentes como nas díades de aluno/professor e de filho/pai. Convém dizer que é recorrente uso de *senhor/a*, como forma associada à V, quando estão em jogo o papel social, a idade ou mesmo a atividade profissional do interlocutor, conforme exposto nas díades pai/filho, professor/aluno e colegas de trabalho, respectivamente.

Dentre os comportamentos linguísticos mais interessantes, temos a relação de pai para filho: embora o *tu sem concordância* seja a forma preferida, o *você* e sua forma reduzida

cê já transitam em um espaço de maior intimidade. Tal comportamento, no entanto, não licencia o filho ter outras formas como segunda opção já que tratar os pais por *senhor/a* é norma aprendida pelos ludovicenses desde a infância.

As díades entre irmãos e entre amigos, vínculos mantidos por relações mais íntimas, confirmam a preferência pelo *tu sem concordância* como primeira opção para tratamento entre pares. Mesmo relações mantidas entre pares não solidários como colegas de trabalho, a opção é por essa variante. Nessa última díade, a forma *senhor/a* tem seu uso motivado pelo fator idade enquanto que as formas *tu com concordância* e *você*, aqui associadas à forma V, indicam uma provável existência da distância social entre os interlocutores.

As díades professor/aluno e sobrinho/tio confirmam a preferência pelo *tu com concordância* em relações configuradas por relações de mais poder e menos intimidade, respectivamente. É o fator menos intimidade que justifica, por exemplo, o uso dessa variante entre colegas de faculdade.

Por sua vez, a posição do falante alvo no ato interacional determina suas escolhas linguísticas: nas díades comprador/vendedor o falante recebe T e devolve V, mesmo como segunda opção. Na análise por indivíduo, refinamos essas observações, visto que ficou ainda mais evidente a importância do papel social do informante na interação. É o caso, por exemplo, da díade ‘entre amigos’ que, em situações de trabalho, fazem uso do *tu com concordância* e *você* em virtude de o contexto interacional exigir um tratamento mais formal.

Por fim, gostaria de acrescentar ainda algumas considerações acerca do efeito desse fator visto que em todas as rodadas realizadas o tipo de relação foi selecionado como relevante. Tomando a mim como um dos sujeitos da pesquisa (F8), observamos que o *você* não foi registrado em minha fala já que faço uso desse pronome quando desejo marcar a distância entre mim e o meu interlocutor.

O *tu sem concordância* é a opção mais recorrente na minha interação entre pares solidários como amigos e parentes próximos, ao passo que uso *senhor/a* como forma de respeito. Por exemplo, o tratamento dado a minha mãe, *a senhora*, é o mesmo dado à pessoas que se apresentam hierarquicamente superiores a mim, como professores, chefes e pessoas de idade, sejam eles conhecidos ou não. Por curiosidade, perguntei para minha mãe: “Mãe, se eu chamasse *a senhora* por *tu*, o que *a senhora* diria?”. Em sua resposta, vemos a consciência das relações sociais que regem os tratamentos na comunidade de fala ludovicense: tratar os pais por *tu* representa falta de respeito.

(94)

“Eu não ia gostar. Eu acho feio tratar a mãe por *tu*. Um tratamento assim pra mãe fica um pouco uma falta de respeito. Mas pra uma amiga em comum é muito fácil empregar esse termo. Óh, eu acho feio ‘V.’ tratar a mãe por *tu*: ‘*Tu* isso, *tu* aquilo’. Quando a gente tem um entrosamento com uma pessoa fica fácil. Eu uso mais *tu*. Agora quando eu não conheço eu trato por *você*. Depende muito do relacionamento da gente. Só que eu uso muito *tu*.”

Não nos parece, portanto, que haja um movimento de mudança nas formas de tratamento, principalmente de filhos para com os pais nem tão pouco “crises de tratamento” nos dizeres de Brow e Gilman. Embora para o falante, em muitas ocasiões, a escolha pronominal seja feita em virtude do papel social do seu interlocutor, é claro para o falante ludovicense que ele tem, de um lado, o *tu sem concordância* para estreitar a relação com seu interlocutor e, do outro, o *tu com concordância* para manter uma submissão ou poder assumido. Junto a essa variante, caminha a forma *você* que, conforme aqui apresentando, não figura como uma forma neutra.

4.3.4 *Locus* físico da situação comunicativa

Como já citado no capítulo anterior, lançamos mão de conceitos da sociolinguística interacional que nos ajudassem a compreender o fenômeno da alternância *tu* e *você*. A natureza do lugar (*setting* ou quadro temporal) é, pois, um dos critérios levados em consideração quando da configuração da natureza da interação (*cf.* KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Assim, codificamos o *locus* físico em que aconteceram as gravações, a saber: na casa do informante, no trabalho informante e as interações ocorridas em um carro e em um restaurante, partindo do pressuposto de que o *tu sem concordância* fosse mais recorrente em ambientes informais sendo menos usado, portanto, em ambientes mais formais.

Mas, conforme visto no item 4.1, o programa não selecionou essa variável, que foi sendo descartada à medida que outras variáveis eram analisadas em conjunto. Contudo, optamos por apresentar os resultados percentuais visando ter uma ideia de como se deu a seleção da forma pronominal pelo falante de acordo com o ambiente físico em que ocorreram as gravações. Vejamos os resultados:

Tabela 24 – Variação *tu sem concordância*, *tu com concordância* e *você* de acordo com o *locus* físico em percentuais

<i>LOCUS</i> FÍSICO	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ
informal (casa/carro/restaurante)	78,2% 555/710	8,7% 62/710	13,1% 93/710
formal (trabalho)	58,5% 186/318	21,4% 68/318	20,1% 64/318
Total	72% 741/1028	13% 130/1028	16% 157/1028

De acordo com os resultados percentuais expressos na tabela 24, vemos o *tu sem concordância* sendo favorecido em ambientes mais informais, com percentual de 78,2%. Os dados da amostra do colaborador alvo João – gravado apenas em ambientes mais informais, como casa e em interações ocorridas em um carro e em um restaurante – confirmam essa tendência. Não esperávamos, contudo, que essa variante fosse também usada em ambientes mais formais, como trabalho e faculdade.

Recorrendo à amostra da colaboradora alvo Ana, podemos observar que as primeiras gravações realizadas no seu trabalho apresentam a seguinte configuração: uma, é o resultado da interação dessa informante com seus amigos; a outra, com um colega de faculdade; e a terceira, com uma professora. Tal configuração já nos permite entender o porquê de o *tu sem concordância* ter sido selecionado em um quadro temporal em que era esperado um discurso mais apropriado ao lugar, ou seja, o uso de formas mais formais ou mais cerimoniosas como o *tu com concordância* e o *você*.

Fica evidente que as escolhas linguísticas da colaboradora alvo Ana estão relacionadas tanto ao ambiente físico como às relações que mantêm com as pessoas participantes da interação, dois dos três fatores que compõem o quadro interacional nos dizeres de Bortoni-Ricardo (2008). Ou seja, a nosso ver, esses fatores levam a colaboradora alvo Ana a uma monitoração estilística que vai de um eixo mais ou menos formal em função do alinhamento que assume mediante o seu interlocutor.

Sendo assim, a forma *tu sem concordância* sinaliza o enquadre de intimidade entre Ana e os seus amigos. Do outro lado, observa-se uma mudança de estilo quando, visando o distanciamento social, ela opta pelas formas *tu com concordância* e *você* para tratar um colega de faculdade e um conhecido. O trecho a seguir mostra o momento em que, ao ser interpelada por um interlocutor ‘circunstancial’, uma pessoa não íntima, a informante altera

conscientemente sua escolha linguística para tratar esse interlocutor. O alinhamento ao novo enquadre da interação conduz ao estilo mais monitorado levando a falante, inclusive, a realizar uma dupla concordância:

interação entre amigos e um interlocutor ‘conhecido’

(95)

Ana: **TU SABE** que eles pagam, né? Eles dão o dinheiro pra o coordenador comprar o lanche...

Amiga: Poxa, aquele lanche da gente ficou o “ó”.

(toca o telefone)

Amigo: Projeto ALiMA, bom dia!”... ‘M.’, ‘O.’ ao telefone, PRA TI.

Ana: Oi ‘O.’, Tudo bem... Consegui a (inint). A professora vai ficar com (inint).

Ai houve uma determinação do Comitê, ai ela vai informar por email, tá. Ai, eu acho que não, não, mas ela vai TE explicar direitinho como acontece, entendeu?

Não, ai eu não sei como é que fica, ai ela vai mandar PRA TI, uma solução lá.

Eu sei que ela vai se comunicar diretamente contigo, Eu sei que ela vai u

mandar um email, tá bom? Acredito que hoje mesmo ela... Não, **TU**

MANDASTES TEU email que eu te mandei os primeiros dados? Pois é, por

aquele email ela vai entrar em contato contigo. **TU TEM** outros pra me dá? Tá.

Não é ao contrário não? **TU TENS** do ALiB, **TU TENS** do ALiMA, é do

ALiB. Pera ai rapidinho... ‘O.’, quer dizer que **TU LEVASTES** dados do

ALiMA? Hum... ai seria de onde? Só de Imperatriz? São quatro, né? Hum rum,

não é que eu tô pensando. Eh!! Qual é o TEU telefone? Oitenta e oito trinta,

sessenta vinte e um. Ei ‘O.’, de qualquer forma, a professora vai entrar em

contato CONTIGO. Se é do ALiMA, então a história muda, entendeu? Mas ai,

ela vai conversar CONTIGO de qualquer forma. Tá bom, tá certo. Tchau!!

amiga de Ana: F8 (mulher, 31 anos, ensino superior)

amigo de Ana: F9 (homem, 30 anos, ensino superior)

É oportuno, ainda, dizer que “conversas ao telefone” se configuram excepcionalmente como boas oportunidades para estudar o espectro da variação estilística em meio a entrevista (cf. LABOV, 2008, p. 155). Adaptando essa proposta de Labov a nossa amostra que relembramos, é constituída de interações livres, vemos que o ambiente físico do trabalho, nesse caso, a faculdade, foi determinante para a escolha por um tratamento mais formal. Convém ressaltar que a forma *senhora* foi também registrada no ambiente de trabalho para marcar a relação assimétrica (inferior/superior) entre aluno e professor.

O fato de nossa amostra não estar equitativamente equilibrada entre os ambientes, não nos permite conclusões específicas acerca do efeito *locus* físico. No entanto, considerando o *tu sem concordância* como o extremo da informalidade na esfera T, podemos supor que essa variante é a mais esperada em ambientes menos formais. Do outro lado, as

formas *tu com concordância* e *você* estariam na esfera V sendo, portanto, mais suscetíveis de ocorrer em ambientes mais formais.

A análise por indivíduo nos permite, ainda, considerar que o fator tipo de relação assim como o componente “tópico discursivo” atuam junto ao *locus* físico na mudança estilística do falante. Veremos, no item 4.3.1, o momento em que o colaborador alvo João, mesmo em ambiente informal, faz uso do *você* para tratar uma amiga, tratamento também recorrente em ambientes mais formais, conforme indicado na tabela 24.

4.4 A variação no indivíduo

Pela análise dos resultados da variação entre um grupo de falantes, podemos, a partir de agora, tentar traçar o perfil estilístico dos dois informantes *alvo* investigados. A análise demonstrou a clara diferença entre os estilos dos falantes, muitos deles conscientes da mudança e motivados, sobretudo, pela relação com seus interlocutores. Essa configuração nos leva a inferir que a seleção por uma ou outra variante não depende apenas do grau de atenção prestado à fala (*cf.* LABOV, 2001), mas de outros elementos que regem o momento da interação que, juntos, levam o indivíduo a mudanças estilísticas (*cf.* BELL, 1984, 2001; IRVINE, 2001).

4.4.1 Colaborador alvo João

O primeiro colaborador alvo é João, doutorando em Engenharia, que conheci por intermédio do seu irmão, que é meu amigo. Considerando que meu vínculo com esse colaborador alvo é mais “estreito”, contei com a ajuda do irmão de João que conseguiu, por meio de seis gravações, captar nosso alvo em interação com o pai, a mãe, um outro irmão e uma amiga em situações livres mais informais. A tabela 25, a seguir, nos dá uma visão geral das ocorrências à segunda pessoa registradas na amostra do nosso colaborador.

Tabela 25 – Total de referência concernente à segunda pessoa: percentuais por colaborador alvo João e seus interlocutores

FALANTE	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ	CÊ	SENHOR/A
JOÃO	147/158 93%	-	8/158 5,1%	1/158 0,6%	2/158 1,3%
F1 (pai, 55 anos)	24/78 30,8%	-	27/78 34,6%	20/78 25,6%	7/78 9%
F2 (irmão 1, 24anos)	180/202 89,1%	10/202 5,0%	9/202 4,5%	-	3/202 1,5%
F3 (irmão 2, 21 anos)	85/86 98,8%	-	1/86 1,2%	-	-
F4 (amiga, 26 anos)	9/13 69%	1/13 7,7%	-	-	3/13 23,1%
Total	445/537 82%	11/537 2%	45/537 8,4%	21/537 3,9%	15/537 2,8%

As gravações em que João interage com seus familiares – pai e irmãos – foram coletadas em dois contextos específicos: uma no restaurante e quatro no carro. Já a gravação em que o informante interage com uma amiga e os irmãos foi realizada na casa do informante. Devido as interações apresentarem elementos que propiciaram um tratamento menos formal, era esperado que o *tu sem concordância* emergisse em um contexto mais familiar e mais íntimo. Contudo, mesmo o ambiente favorecendo a acomodação de João às audiências, observamos certa relação entre seu estilo e com os demais elementos que compõem o(s) contexto(s) analisados. A tabela, a seguir, nos dá uma visão geral das ocorrências concernentes à segunda pessoa utilizadas por esse falante para tratar seu interlocutor.

Tabela 26 – Formas utilizadas pelo colaborador alvo João quando do tratamento direto ao seu interlocutor

INTERLOCUTORES	TU SEM CONC	VOCÊ	CÊ	SENHOR
o pai	-	-	-	1/1 100%
os irmãos	123/126 97,6%	2/146 1,6%	1/146 0,8%	-
a amiga	7/10 70%	3/10 30%	-	-
Total	130/137 94,9%	5/137 3,6%	1/137 0,7%	1/137 0,7%

Do exposto na tabela 26, são as ocorrências de *você* que nos chamam atenção já que o *tu sem concordância* é, como já sinalizado, a forma mais utilizada pelo nosso colaborador em contextos de maior intimidade. A análise das entrevistas permite-nos afirmar que um dos elementos que mais influenciam o estilo do nosso colaborador são os participantes da audiência e, conseqüentemente, a relação entre eles.

No contexto de gravação em que estavam em jogo os papéis interacionais pais/filho ficou evidente o uso de *senhor*, ou seja, os filhos dão o tratamento *senhor/a* com matiz de respeito e recebem o *tu*. No entanto, é digno de nota comentar que o pai desse informante também utiliza as formas *você* e *cê* para tratar o filho, tratamento, até então, não comum em São Luís. Por não ser um reflexo da fala da comunidade ludovicense acreditamos que tal uso se configura como um caso de uma variação intrafalante. Convém ainda dizer que é na fala desse informante (F1) que registramos o maior percentual de uso do *você* (34,6%) e *cê* (25,6%), conforme exposto na tabela 25. Isso explicaria, creio eu, a ocorrência de *cê* em discurso direto registrado na fala de João para tratar o irmão, tal como evidenciado na tabela 26. A colaboradora alvo Ana, por exemplo, só fez uso dessa forma em discurso relatado de terceiros.

Interessante, contudo, é evidenciar o que motivou as ocorrências de *você* na fala do nosso colaborador já que defendemos que essa forma se estabelece em contextos de maior formalidade. Observando as gravações, identificamos que as ocorrências de *você* se deram em duas situações interacionais distintas: na primeira, João interage com o pai e o irmão, com quem emprega o *senhor* e o *tu sem concordância*, respectivamente. O uso do *você* foi registrado, apenas, quando o colaborador alvo reproduziu uma conversa que teve com um familiar, em que o esperado também seria a forma *tu sem concordância*, conforme verificado na linha (3):

(96)

1. João: **TU TÁ ARROTANDO?**
2. Irmão (1): (risos)
3. João: Ele fala arrotando! Foi Tatavo que me disse: ‘E., **VOCÊ**
4. **SABE** falar bom dia arrotando?’.
5. Irmão (1): Pra lá!

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

A nosso ver, a opção estilística desse falante demonstra seu grau de consciência em relação às situações discursivas. Isso porque, ao se reportar, temos a impressão de que esse novo enquadre licenciaria o falante ao uso de *você*, permitindo-o realizar o papel discursivo de “encaixamento” do discurso do “outro” (cf. GOFFMAN, 2002). Esse “outro”, convém

dizer, é sobrinho do informante com quem, obviamente, ele mantém uma relação assimétrica, logo, o *você* emerge como a forma mais indicada para conservar a integridade e a autenticidade discursiva do “outro”. Nos termos de Bell (2001), poderíamos dizer que, ao se reportar, o falante (João) está pensando no companheiro ausente (sobrinho) que pertence a um dado grupo de referência. Por fim, vale relembrar que essa observação soma-se àquelas já levantadas no item 4.2.7, em que discorreremos sobre a importância do grupo de fatores tipo de discurso para nossa análise.

Prosseguindo nossa análise, vimos que os demais registros de *você* aconteceram no momento em que o falante se sentiu incomodado com a introdução de um tópico de foro mais íntimo. É interessante observar que, até o assunto ser lançado, o colaborador alvo não tinha feito opção por nenhuma outra forma que não fosse o *tu sem concordância* para tratar seus interlocutores, o irmão e a amiga. Vejamos o trecho da gravação:

(97)

1. Irmão(1): Êh João, **TU NÃO TINHA** vergonha de Tio ‘R.’, João?
2. Irmão(2): *Minhirmã*, me conta, me conta menina!
3. João: Não conto doido.
4. Irmão(1): Não João?
5. João: Vai morrer comigo, vai morrer comigo... uma história bem aqui!!
6. Irmão(1): Ah, não... esses detalhes assim **TU VAI CONTAR** só pra mim, depois!
7. João: Num é, num é, num é... Não ‘A.’, eu não me sinto bem não. Porque eu gosto da
8. minha mulher, eu respeito ela, eu não gosto de tá falando essas coisas não, nem de tá
9. lembrando.
10. Irmão(2): Nós também não, conte aí de... conte aí...de ‘I.’...
11. João: Deus me livre, pior ainda pô!
12. Irmão(2): Não João! ‘T.’, **te** acalma!
13. Irmão(2): Ah, então pronto conta das outras!
14. João: Não, respeite, respeite a...
15. Irmão(1): “Respeite”, óh, **TU NÃO VEM** com imperativo!
16. João: Respeite...
17. Irmão(1): Coisa feia, João.
18. João: Respeite as pessoas. Não, eu não gosto não, eu não gosto de desrespeitar assim
19. não!
20. Irmão(1): Sim, isso quer dizer que **TU NÃO VAI** mais contar pra gente?
21. João: Não, nunca mais. E eu nem quero que mais **VOCÊ TOQUE** nesse assunto.
22. Irmão(1): Se **TU ME CHAMAR** de **VOCÊ** de novo eu meto o dedo no
23. teu ...
24. João: Esse daqui eu chamei foi de Vós!
25. Irmão(2): Iche, “você, você, você...”
26. Irmão(1): “Vos”, e eu sou dois, por um acaso?

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

irmão (2) de João: F3 (homem, 21 anos, ensino superior)

Pelo que podemos perceber, o uso do *você* no trecho (97) sinaliza uma mudança de enquadre e, conseqüentemente, uma mudança no alinhamento discursivo entre os falantes. Ou seja, o irmão de João provoca a mudança do enquadre, introduzindo um assunto que parece

gerar tensão no colaborador alvo que, para se enquadrar e emitir opinião, faz uso de uma variante mais formal. É como se a escolha da variante, que denota mais respeito e/ou formalidade, fosse o resultado da tensão emocional pela qual passa o falante no momento em que ele percebe que sua imagem pode vir a ser prejudicada. Tamanho é o alinhamento assumido pelo falante em relação a esse “assunto” que, nos momentos seguintes da gravação, percebemos o falante mantendo a postura assumida até um novo enquadre ser introduzido, conforme verificado nas linhas de (3 a 10) e de (11 a 17), respectivamente.

interação entre João, o irmão e a amiga

(98)

1. Amiga: Êh “E.”, para “E.”, eu tô morrendo de vergonha aqui, já.
2. Irmão (1): Olha “E.”, **TU NÃO FAZ** a bichinha ficar com
3. João: É não, é não amiga, **VOCÊ É** super benvinda aqui, quer que eu
4. prepare um café da manhã **pra VOCÊ?**
5. Amiga: Não, não.
6. João: Quer que eu passe o café da manhã **pra VOCÊ?** Sinta-se em
7. casa, **VOCÊ pode COMPRAR** o pão.
8. Amiga: Não, tá cedo ainda. Deve ser umas nove horas
9. Irmão (2): Quer que a gente saia pra **TU DORMIR?**
10. João: **VOCÊ COMPRA** na padaria de Mírian, o pão é melhor.
11. Irmão (1): Café da manhã! (risos)
12. João: Êh “A.”, **TU COMPRA** o pão.
13. Irmão(1): Eita, mas a bicha... Eita, isso é porque respeita a memória.
14. João: Qual o problema? Nunca tive nada com a padaria.
15. Irmão(1): Já pegou a padaria! (risos)
16. João: É não pow, isso é porque eu olhei uma história que lá na roda 20
17. eh... “R.” tinha uma namorada que era padaria, era a filha do padeiro.

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

irmão (2) de João: F3 (homem, 21 anos, ensino superior)

Mas, monitoração estilística mesmo foi a observada em uma entrevista nos moldes labovianos realizada com esse colaborador alvo. Em resposta direta, João fez uso do *tu com concordância*, caracterizando uma abrupta mudança em seu estilo se compararmos essa entrevista [+ formal, – próxima] com o resultado encontrado em nossa amostra [– formal, + próxima]. Vejamos o trecho a seguir:

(99)

INF: nesse mundo de tecnologia, se **TU FOR...** se **TU FORES** pra... buscar em tecnologia da informação por exemplo ou programação de computadores **tu não precisa** nem ser graduado pra poder ter um bom emprego... na verdade os mais... os melhores programadores às vezes os melhores hackers nem terminaram a escola ainda... agora se **TU QUERES** ser um médico... **TU PRECISA ... TU PRECISAS PASSAR** por toda uma... um... por todo um conjunto de etapas ... então depende ... depende do que **TU QUERES** ... então a escola vai te fornecer um bom caminho pra... pro mundo... pro mercado de

(cont.)

trabalho se teu sonho é o trabalho que... possa... não não eu não estou falando de trabalhos medíocres...

D1: Estou... estou te entendendo... uhum...

INF: **TU, TU ME ENTENDESTES?** Então eu acho que cada etapa na vida oferece oportunidades que... **SE TU SOUBERES PEGAR... TU CONSEGUE IR** crescendo até chegar no teu sonho... eu eu acredito nessa teoria...

corpus Santos (2015) – informante (masculino, primeira faixa etária, nível médio) (grifo nosso), D1 (documentador) / INF (colaborador alvo João)

Em (99) vemos, mais uma vez, que o que culmina para que o falante adote um estilo é a configuração da audiência. Isto é, a interação estabelecida entre o falante e seu interlocutor favorece o estilo mais monitorado em função do alinhamento do informante que, ao assumir o papel de entrevistado, marca um distanciamento traduzido pelo uso da forma de tratamento formal que goza de maior prestígio na comunidade. Convém ainda dizer que os registros de *você* durante a entrevista são relativamente maiores que os de *tu com concordância*, o que nos leva a confirmar as inferências levantadas no item 4.3.1 desta tese: em configurações mais formais, os homens optam pelo *você* ao passo que as mulheres optam pelo *tu com concordância* fato esse que nos leva também a afirmar que essas variantes são igualmente prestigiadas na comunidade de fala ludovicense. É digno de nota comentar que essa entrevista foi aplicada por um homem, outro fato que, conforme pontuado na Tabela 17, pode favorecer o uso de *você*.

Outra observação que vem ratificar os dados aqui apresentados é o relato do informante que diz ter o hábito de variar sua fala de acordo com o ambiente em que está inserido, sobretudo, quando participa das reuniões de seu grupo religioso. Ou seja, o terceiro fator que o leva a monitorar seu estilo é o ambiente da interação:

(100)

INF: ...os tambor da macumba (risos) os tambores... (risos) engraçado né a gente vai falar de macumba a gente para de (inint)... de fazer qualquer tipo de concordância ... seja de... e... está entendendo? (óh) os tambor... eu não sei... é engraçado é natural... (inint)

[...]

INF:... as casa... não eu não falo **as casa**, mas **os tambor**, **TU VIU?** Principalmente quando eu vou falar de algo africano talvez eu esteja sendo... eu esteja sendo... é... talvez pra me adaptar à maneira como as entidades falam né... toda vez que eu vou me referir a algo mais africano eu tenha a tendência de... falar (inint) ao modo das entidades que se manifestam... talvez né?

corpus Santos (2015) – informante (masculino, primeira faixa etária, nível médio) (grifo nosso), D1 (documentador) / INF (colaborador alvo João), (grifo nosso)

Acreditamos ter justificado a ideia de que rede de relacionamentos, conforme exposto no capítulo teórico deste trabalho, pode explicar as escolhas linguísticas desse falante que parece engajar-se na construção de uma identidade linguística próxima de grupos em que ele está envolvido.

4.4.2 Colaboradora alvo Ana

O segundo colaborador alvo desta pesquisa é Ana, uma fonoaudióloga, que conheço há pouco mais de seis anos. Devido a esse laço de maior proximidade, os primeiros áudios com essa informante foram gravados por mim. Um segundo momento das gravações foi realizado com base no modelo “amigo do amigo” (*cf.* MILROY, 1987 [1980]). Já para as demais, contei com a ajuda da própria informante que se disponibilizou a gravar. Para essas gravações, Ana foi instruída a se registrar nas mais variadas configurações possíveis, desde que ela e seus interlocutores se sentissem confortáveis no momento da gravação.

Vejamos, na tabela a seguir, o total de ocorrências concernentes à segunda pessoa registrado na fala dessa colaboradora e dos membros de sua rede social.

Tabela 27 – Total de referência concernente à segunda pessoa: percentuais por colaborador alvo Ana e seus interlocutores

FALANTE	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ	CÊ	SENHOR/A
ANA	131/319 41,1%	74/319 23,3%	70/319 21,9%	1/319 0,3%	43/319 13,5%
F5 (mãe, 55 anos)	7/7 100%	-	-	-	-
F6 (irmão, 22 anos)	1/1 100%	-	-	-	-
F7 (tia, 43 anos)	4/5 80%	-	1/5 20%	-	-
F8 (amiga, 31 anos)	24/26 92,3%	-	-	-	2/26 7,7%
F9 (amigo, 30 anos)	23/25 92%	2/25 8%	-	-	-
F10 (colega de faculdade, 23 anos)	21/21 100%	-	-	-	-
F11 (professora, 60 anos)	10/49 20,4%	39/49 79,6%	-	-	-
F12 (amiga, 29 anos)	22/32 68,8%	-	10/32 31,2%	-	-
F13 (amiga, 28 anos)	40/63 63,5%	1/63 1,6%	22/63 34,9%	-	-
F14 (amigo, 33 anos)	3/4 75%	-	1/4 25%	-	-
F15 (colega de trabalho, 60 anos)	3/4 75%	1/4 25%	-	-	-
F16 (colega de trabalho, 45 anos)	4/14 28,6%	2/14 14,3%	8/14 57,1%	-	-
F17 (manicure, 23 anos)	3/3 100%	-	-	-	-
Total	296/573 51,7%	119/573 20,8%	112/573 19,5%	1/573 0,2%	45/573 7,9%

Pelos percentuais, vemos o *tu sem concordância* como forma mais recorrente na fala da colaboradora alvo Ana, o que perfaz um percentual de 41%. Ao mesmo tempo, Ana tem em sua gramática, o *tu com concordância* e o *você* com percentual quase equitativos – 23% e 21%, respectivamente – o que nos leva, mais uma vez, a confirmar que esses usos dependem da configuração da audiência. Mais especializado mesmo é o uso do *senhor/a* que apresenta um percentual de 13%, conforme já amplamente evidenciado. Tal uso foi registrado na

interação entre a colaboradora alvo com a professora e com os pais. Por sua vez, o baixo percentual de 0,3% de *cê* parece não marcar as relações interpessoais dessa informante que utilizou essa forma, uma única vez, como relato de terceiro. Conforme visto no item 4.2.7, o tipo de discurso tem um efeito favorecedor para o uso das formas inovadoras.

Estendendo nossa análise, tomamos as gravações realizadas com Ana para verificar os contextos interacionais que mais determinam suas escolhas estilísticas, sobretudo, quanto ao uso das formas *tu com concordância* e *você* que, tal como visualizado na tabela a seguir, apresentam comportamentos distintos:

Tabela 28 – Formas utilizadas pela colaboradora alvo Ana quando do tratamento direto ao seu interlocutor

INTERLOCUTORES	TU SEM CONC	TU COM CONC	VOCÊ	CÊ	SENHOR
o pai e/ou a mãe	-	-	-	-	5/5 100%
a tia	2/15 13,3%	12/15 80%	1/15 6,7%	-	-
a professora	-	-	-	-	17/17 100%
o irmão	7/15 46,7%	7/15 46,7%	1/15 6,7%	-	-
os amigos	62/96 64,6%	26/96 27,1%	8/96 8,3%	-	-
as colegas de trabalho	8/16 50%	1/16 6,2%	1/16 6,2%	-	6/16 37,5%
o colega de faculdade	9/13 69,2%	4/13 30,8%	-	-	-
a manicure	4/13 30,8%	9/13 69,2%	-	-	
Total	92/190 48,4%	59/190 31,1%	11/190 5,8%	-	28/190 14,7%

Nas gravações realizadas na casa da mãe da informante, foi possível observar Ana em interação com membros de sua rede social de primeira e de segunda ordem. Por ser um contexto que indica maior proximidade entre os falantes e maior solidariedade, nos dizeres de Brown e Gilman, o esperado era que as escolhas das formas de tratamento de Ana convergissem ao propósito comunicativo da situação, nos dizeres de Bell (1980). No entanto, observamos a postura da colaboradora alvo sendo moldada a partir do papel social que ela

desempenha no momento da interação. Vejamos o trecho (101) para melhor visualizar as mudanças estilísticas:

Interação entre Ana, a mãe, a tia e a manicure

(101)

1. Ana: Ei “G.”, mas **TU ACHAS** que tem outras opções de esmalte? Rua grande.
2. Manicure: Casa da manicure tu acha tudo que tu quer!
3. Ana: Essa cor aqui, **TU PASSASTE**? Passa esse aqui no pé! Não. Usa esse
4. aqui. É que eu não sei se **TU JÁ REPARASTE** que eu gosto mais de cores
5. assim lilazinhas. **TU FIZESTE** a mistura até as meninas acharam bonita.
6. Ana: Às vezes, você tá com uma roupa tão bonita, tão elegante e um esmalte
7. esparroção de outra!
8. Tia: O meu computador tá com o antivírus...tem 35 dias pra vencer ...
9. Ana: Aquele que **TU COMPRASTE** há um tempo?
10. Ana: Oh **mamãe** ficou legal. Dá **pra SENHORA** carregar várias coisas. Oh
11. “**E.**” [tia], parece aquelas sacolinhas que **TU GOSTAS. TU QUERES** que cor?
12. Diga pra ela trazer o pano e a linha.
13. Mãe: Não, costureira que dá a linha!
14. Ana: Oh, é assim que começa, vai fazendo, não lembra a primeira vez que **TU**
15. **COMEÇASTE** a fazer unha?... Mas agora já tá, depois de cinco anos, profissional.

mãe de Ana: F5 (mulher, 55 anos, ensino médio)
tia de Ana: F7 (mulher, 43 anos, ensino superior)
manicure de Ana: F17 (mulher, 23 anos, ensino médio)

Sem dúvida, o comportamento linguístico mais interessante é apresentado pela relação sobrinho/tio, conforme indicado entre as linhas (9) e (11). O esperado era que a forma usada pela sobrinha para tratar a tia seguisse a mesma tendência já comentada para o relacionamento entre filhos e pais. A regularidade do *tu com concordância*, o que configurou um percentual de 80% de uso (*cf.* Tabela 28), pode ser justificada em função do papel social estabelecido entre os interlocutores, ratificando a tendência observada nos itens 4.3.2 e 4.3.3: nas relações de parentesco mais distantes e nas relações ascendentes, há um favorecimento das variantes relacionadas à dimensão de poder que, nesse caso, é o tratamento *tu com concordância* para se dirigir a tia. Ressalte-se, ainda, que a tia da nossa colaboradora é professora e que Ana também seria caso não tivesse optado pela sua atual profissão (*cf.* item 3.3.2). O fato de Ana ter dupla formação superior pode também justificar o *tu com concordância* emergindo como opção para marcar a relação (nesse caso, de superior) com a manicure (nesse caso, inferior).

É digno de nota comentar que, entre irmãos, o esperado é que não haja qualquer formalidade nos relacionamentos. Em geral, os irmãos tenderão ao uso da forma mais solidária e íntima, o *tu sem concordância*. Essa tendência, confirmada na tabela 23, é

verificada na amostra dos dois colaboradores alvo. Mesmo assim, observam-se sinais claros de mudança estilística rumo a um tratamento mais formal, a depender do tópico discursivo (*cf.* exemplo (93)). Convém lembrar que Ana é, dentre os irmãos, a única que possui mais anos de escolarização.

Buscando outras evidências que comprovem que a diferente relação de papéis do indivíduo implica um alto grau de flexibilidade de usos linguísticos em direção à adequação do estilo da audiência, tal como teoriza Bell, observamos agora as duas gravações de Ana em interação com os amigos.

Na situação em que Ana e seus interlocutores desempenham o papel de amigos, podemos observar que eles conversam à vontade, na casa da informante, durante um jantar, sem preocupação quanto ao registro que caminha mais para um eixo de total informalidade. Nesse caso, o *tu sem concordância* tem uso predominante. O *você*, quando aparece, é usado com traços mais genéricos pela colaboradora alvo. Essas observações podem ser conferidas no exemplo a seguir:

(102)

Ana: Diz que teve um assalto no Shop da Ilha...

Amigo: Eram seis!

Ana: Ah, TU TÁ... TU TÁ sabendo “F.”?

Amiga(a): Dentro do shop?

Ana: Diz que tavam tentando assaltar a C&A

Amiga(a): Meu Deus!

Amigo: Mataram dois

Amiga(b): Dois?

Amigo: Contaram que morreu dois!

Ana: Hmm... ah, eu adoro essa música!

Amiga(a): é Zeca Baleiro.

Ana: Ele é maranhense...

Ana: E esses dois aí, mermã? Outro dia passou uma reportagem no Globo Repórter, uma história dessa aí...

Amiga(b): “óh ih”, ela chegou

Ana: Nessa reportagem que eu assisti... tem tem uma história de uma menina que resolveu ser menino e um menino resolveu ser menina...detalhe, se apaixonaram, aí ela se apaixonou por um homem que na verdade é mulher... ENTENDEU, né? Tipo assim, aí a pessoa quer ser gay, mais aí é um homem que é mulher e uma mulher que é homem... Aí, confundi foi tudo! Mas **TU ENTENDEU** né? No fim, fica um homem com uma mulher!

[...]

Amiga(a): Teve um episódio que aconteceu com aquele Feliciano... parece que tavam se beijando na igreja..

Ana: Sim, aquela polêmica tal tal, aí eles tinham reservado um espaço só pra igreja naquele dia, aí parece que entraram na igreja, nesse espaço, e se beijaram... Mas

(cont.)

tava, tipo, fechado pra só pra quem quisesse ouvir a palavra. **VOCÊ** não **ERA** obrigado a ir pra lá, **ENTENDEU?**

Amiga(b): Era a igreja dele, era?

Ana: É tipo essa história que rolou lá na França.

(cont.)

Amiga(a): **TU VIU** as charges que fizeram? Ah, pelo amor de Deus.

amiga (a) de Ana: F12 (mulher, 29 anos, ensino superior)

amiga (b) de Ana: F13 (mulher, 28 anos, ensino superior)

Tomando agora esses mesmos interlocutores, na situação de trabalho, vemos uma sensível mudança de tratamento entre eles já que, nesse contexto, desempenham também o papel de colegas de trabalho: o *tu com concordância* e o *ocê* passam a ser as formas requeridas em uma tentativa de marcar uma “distância social” justificada, a nosso ver, pela posição hierárquica de ‘chefa’ que Ana ocupa no trabalho. O trecho a seguir, retirado de uma situação de ‘reunião’, exemplifica momentos extremos da formalidade exigida pela situação:

(103)

[início da reunião]

1. Amiga(a): O paciente chegou de tarde. É, **VOCÊ NÃO VIU!** É a demanda.
2. **VOCÊ VAI** bem preparado pra tua demanda. Então é isso. E a questão de de
3. valorizar o diagnóstico e as coisas de **VOCÊ VER** a oportunidade de ensinar
4. pro residente. Deu dizer que isso aqui é legal pr'ele ver.
5. Ana: E dele pesquisar também! Vamos pesquisar!
6. Amiga(a): Isso! Exatamente. Ou então de dizer pro residente: "Residente, hoje
7. eu queria que **TU AVALIASSE**", como **TU FIZESTE**. Ou então dizer: "Ana,
8. prefiro que **TU AVALIES** porque eu não tenho segurança de avaliar esse
9. paciente"... aí **TU JA IA** (inint). Não, porque eu acho super comum **VOCE**
10. **CHEGAR** e **dizer** "Pra onde eu vou com esse paciente?"

[no meio da reunião]...

11. Ana: Mas eu sei que **TU VAIS FICAR** aqui mais que o previsto, que o previsto
12. sabe porque? Porque **TU JÁ PASSASTE** um tempo no terceiro andar... Aí eu
13. vou contar direitinho porque talvez TU, **TU TENHA que SUBIR** e **DESCER**
14. só de uma vez e a “P.” talvez desça. Na verdade, ela que deveria ir. Seria ela...
15. e essa história dos problemas dos residentes.
16. Por exemplo, **VOCÊ não conseguiu** se entender com seu preceptor
17. Amiga(a): Quer dizer que **VOCÊ TEM** que resolver tudo que tem que ser
18. resolvido e sair uma hora da tarde. A questão dos feriados, entendeu?
19. Ana: E **VOCÊ**, Dona “L.”, que **FALOU** horrores.

[ao final da reunião]

20. Ana: Enfim gente, então é isso né...
21. Amiga(a): Vai pegar essa chuva?
22. Ana: Não, todo dia que é pra eu sair chove!
23. Amiga(a): Mas **TU TEM** guarda chuva?
24. Ana: Hoje eu não trouxe. Mas **TU VAI** pra casa de ônibus?
amiga (a) de Ana: F12 (mulher, 29 anos, ensino superior)

Com efeito, é possível visualizar o que leva esses interlocutores tão próximos e íntimos a optarem por formas distintas quando se dirigem a colaboradora alvo. A fala da amiga de Ana, nas linhas de (6) a (10) e (17) a (19), traz consigo toda a formalidade exigida pelo quadro interacional da reunião que, por si só, é um evento formal que possui regras específicas geralmente relacionadas à hierarquia do condutor. Nesse sentido, o alinhamento assimétrico conduz a amiga ao uso do *tu com concordância* e do *você*, mesmo como referência indireta. Por outro lado, o *tu sem concordância* emerge na fala de Ana em dois momentos específicos: no meio da reunião e ao final da reunião, conforme visto na linha (13) e nas linhas de (20) a (24). Tal mudança estilística pode ser justificada como uma tentativa de Ana recrutar o domínio social no qual o vínculo entre ela e sua amiga foi estabelecido. A nosso ver, é como se a forma selecionada – de matiz “menos tensa” – desse indícios de que o quadro interacional está mais próximo do fim.

Segundo Milroy (1987 [1980]), a força dos laços interindividuais que compõem a configuração da rede social são importantes para a compreensão da variação e mudança linguística. Para ela, quanto mais densa e múltipla for a rede social, maior a probabilidade de produzir reforço de valores e de normas linguísticas. Nestes termos, o fato de Ana e sua amiga compartilharem de mais de um tipo de relação, como amizade e colegas de trabalho, justificaria o uso mais recorrente do *tu com concordância* em situações mais formais.

Pensando na proposta de Irvine (2001), é como se os interlocutores “navegassem” diante das variedades disponíveis e tentassem encenar, nessa situação discursiva, uma representação coerente de si mesmos. Isto é, ao negociar suas posições dentro desse sistema de possibilidades, Ana e seus interlocutores associam seus atos de fala à imagem social do “quadro de referência” para o qual eles estão se aproximando. Ainda nos termos de Irvine (2001), estaríamos diante de um processo de iconização, por meio do qual esse comportamento (o uso do *tu com concordância*) é conectado à imagem que essa variante tem na comunidade (mais prestigiada).

Para melhor exemplificar, trazemos ao bojo da discussão os dados extraídos da entrevista laboviana que realizei com essa colaboradora. O trecho (104), a seguir, é um exemplo evidente das marcas linguísticas regionais e individuais dessa falante: nele, nossa colaboradora alvo afirma que os falantes de São Luís são os quem mais fazem uso da concordância, conforme verificado nas linhas (01) e (26). Na sequência, a colaboradora diz usar mais o *tu com concordância* quando está em interação com um grupo social específico e/ou quando em interação com pessoas mais escolarizadas naturais de São Luís, conforme verificado nas linhas de (30) a (32) e (51) a (57).

(104)

1. D1: E como é que **TU ACHA** que as pessoas falam aqui em São Luís, no caso?
2. INF: São Luís?
3. D1: É.
4. INF: Acho que... outras pessoas diriam que não, né, mas eu acho que a gente
5. fala..
6. o pessoal de São Luís... nunca parei pra pensar nisso. Sempre disseram que é
7. diferente, mas eu eh estou usando a fala de outras pessoas se eu disser, né?
8. D1: **TU NÃO ACHA** diferente, então?
9. INF: Não (risos) não.
10. INF: Então deixa eu pensar, deixa eu pensar. Não, a gente, não, em São Luís é
11. diferente, porque tem o pessoal do interior que a gente vê que a diferença é bem
12. grande, né?
13. D1: Uhum.
14. INF: Ah, nós falamos mais devagar...
15. D1: É notória a diferença de São Luís, São Luís e outros municípios, num é
16. não?
17. INF: É, é notória, é notória. É porque eu olho, eu fico sempre tentando não não
18. ficar observando muito pra isso, assim, pra num ficar marcando muito as
19. pessoas. Por isso, mas é verdade. Eh a gente, nós falamos mais devagar, nós...
20. D1: **TU RECONHECE** alguém de São Luís e alguém da Baixada?
21. INF: Reconheço, de alguns lugares da Baixada a fala é bem... é bem específica,
22. assim. Eles geralmente falam mais rápido, eles não concordam muita coisa...
23. D1: Uhum.
24. INF: Eles tem uma dificuldade em fazer a concordância e e...concordar o sujeito
25. com o verbo, né?
26. D1: Uhum.
27. INF: E também a questão de do vocabulário em si também, é muito diferente.
28. D1: Isso São Luís município, né?
29. INF: São Luís município.
30. D1: Então a gente, no caso, assim, pelo que **TU FALOU** São Luís concordaria
31. mais sujeito verbo do que em outros municípios, né?
32. INF: Acho que sim.
33. D1: Acho que sim, né?
34. INF: Pelo menos as pessoas com quem eu convivo, entendeu, assim.
35. D1: Uhum.
36. INF: Eu acho que sim.
37. D1: Tua vivência ali o hospital, né?
38. INF: É.
39. D1: Uhum.
40. INF: Eu acho que sim.
41. D1: Tua vivência ali o hospital, né?
42. INF: É.
43. D1: E isso assim, São Luís município e dentro de São Luís, **TU ACHA** que tem
44. alguma diferença entre entre entre falares?
45. INF: Tem, tem diferença, porque **VOCÊ OLHA**..ah, se bem que não, se bem
46. que o pessoal é do...
47. D1: Algum grupo, num sei!
48. INF: Não, eu acho que tem sim, por exemplo assim, eh **VOCÊ OLHA** esses
49. jovens, essas pessoas que gostam mais de de gírias, né?
50. D1: Uhum.

(cont.)

51.INF: Questão das gírias e **VOCÊ PEGA** grupos, por exemplo: um grupo de
52.médicos e um grupo de de de de do pessoal da limpeza...

53.D1: Uhum.

54.INF: Né? **VOCÊ VÊ** aí a questão da da do nível e escolaridade... e diferente, é
55.bem diferente. Eu tô tentando visualizar o pessoal, assim, as pessoas com quem

56.eu mais convivo

57.D1: Uhum

D1 (documentador) / INF (colaboradora alvo Ana)

O processo de iconização também se aplicaria à manutenção do *tu* sem concordância que, a nosso ver, se traduziria como marcador de uma identidade própria e social do falante, ainda que sem a marca verbal de segunda pessoa. Isso porque, apesar da diversidade de situações em que se encontra, a forma *tu sem concordância* aparece como preferida nos atos de fala da colaboradora alvo Ana. No trecho a seguir, ao ser indagada sobre qual variedade linguística lhe é mais “agradável”, Ana deixa evidente a avaliação social sobre o uso de tal variante:

(105)

D1: Se tu pensar no que tu mais gosta, tem algum que tu mais gosta?

INF: Eu gosto do pessoal do Sul [do Brasil] porque eles falam ‘tu’. Eu não me sinto tão estranha, porque eu uso muito ‘tu’. Não sei se eu concordo todas às vezes, geralmente eu não concordo, eu num faço a concordância como a gramática diz, né, mas eu uso muito o ‘tu’, demais, demais e eu e eu perceber isso, eu percebi isso porque eles [pessoas do trabalho] que são de fora, falam, eles falam ‘você’ demais.

D1: **TU PERCEBEU** eles fala(ndo)...

INF: Não, eu percebi que eu falo muito ‘tu’...

D1: Uhn.

D1 (documentador) / INF (colaboradora alvo Ana)

Por outro lado, a variante *você* teria para essa falante um uso especializado. Segundo ela nos relatou, o *você* é “não é da nossa cultura”, significado esse que a leva a utilizar essa forma apenas em contextos mais formais e, geralmente, em contextos mais favoráveis para indeterminar o referente. Na continuidade da sua fala, a informante diz ser comum o tratamento *você* na relação marido/mulher. Aliás, é digno de nota dizer que é comum esse tratamento entre os casais maranhenses. Vejamos o trecho:

(106)

INF: ...Então o ‘tu’ pra mim tem esse... eu sempre falei disso, que eu achava que o ‘tu’, ou a pessoa tá numa situação muito formal, ela só vai usar se ela concordar, ou então ela faz tudo errado, né, que acontece.

D1: (risos)

INF: Mas numa situação muito formal a pessoa usa o ‘você’, na situação de respeito, de hierarquia ela geralmente usa o ‘você’.

D1: Entendi.

INF: É, mas eu uso ‘você’, geralmente.

D1: Numa situação mais formal? Não, não sabe?

INF: Não, geralmente quando eu tô explicando alguma coisa, eu já parei pra pensar. Quando eu tô explicando, tipo assim: explicando um procedimento.

D1: Uhn.

INF: Eu já parei pra pensar nisso. Geralmente eu faço assim: “E aí, ‘P’, como é que **VOCÊ VAI FAZER? VOCÊ VAI PEGAR, VAI FAZER...**”, eu já me peguei fazendo isso, entendeu? Eu não digo ‘tu’, digo ‘você’, agora eu num sei porque eu digo isso.

D1: Uhum.

INF: Mas eu inclusive conheço uma pessoa que eu sempre falei pra ela já, que ela usa ‘tu’, com todo mundo ela fala ‘tu vais’, ‘tu tavas’, mas ela usa...

D1: Concordando?

INF: Concordando, ela sempre concorda, nunca vi, na vida, ela não concordar, mas com uma pessoa específica ela não usa ‘tu’.

D1: Com quem?

INF: Com o marido dela.

D1: Ela usa ‘você’?

INF: ‘Você’. Eu falei pra ela, eu falei pra ela isso, somente com o marido dela. Eu não sei se com a mãe, com o pai, eu nunca parei pra pensar, mas com o marido, não importa a situação, que eu já vi ela em várias situações ela usa ‘você’. Aí ela fala “Meu bem, **VOCÊ NÃO VAI FAZER** isso, isso, isso?”, aí no mesmo contexto ela vira pra mim e diz “Mas **TU PODES FAZER** isso assim, assim, assim?” aí eu penso assim, qual é a motivação do ‘você’ pra ela?

D1: Uhum.

INF: É uma, é uma, é uma pessoa específica, é uma situação de carinho, porque o ‘você’ não é da nossa cultura.

D1: **TU ACHA** que é carinho?

INF: Eu acho que é carinho, submissão, amor, sei lá, alguma coisa assim.

D1: Alguma coisa assim, né?

D1 (documentador) / INF (colaboradora alvo Ana)

Como podemos observar, os relatos aqui apresentados ratificam a hipótese levantada para esta tese: o *você* vem coocorrendo no mesmo espaço funcional que o *tu com concordância* o que nos arrisca afirmar que, ao sair de um eixo mais informal (só de *tu sem concordância*), o falante ludovicense escolarizado tem duas opções, de igual valor semântico, para marcar a formalidade da situação. Passemos, pois, às considerações finais deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, baseado em amostra de falantes ludovicenses escolarizados, investigou os contextos linguísticos, sociais e interacionais mais relevantes para a compreensão da alternância pronominal de segunda pessoa na comunidade de fala de São Luís, Maranhão.

Com base na teoria sociolinguística de Labov (2008 [1972], 2001) e nos estudos sobre a variação intrafalantes desenvolvidos por Bell (1984, 2001) e Irvine (2001), foi possível investigar os efeitos de cada grupo de fatores na alternância pronominal e observar como a maioria deles interferiam na fala de um grupo de falantes que tinham como centro dois colaboradores alvo, um homem e uma mulher, em contextos interacionais distintos.

Retomando as hipóteses gerais levantadas para esta pesquisa convém dizer que confirmamos que o *tu sem concordância* é a forma preferida pelos falantes ludovicenses escolarizados em contextos de maior informalidade. O seu significativo percentual e uso frequente entre esses falantes nos leva a afirmar, ainda, que essa forma, mesmo que sem a marca verbal de segunda pessoa, traduz a identidade da comunidade linguística ludovicense.

O *tu com concordância* e o *você* também se fizeram presente em interações mais informais, porém condicionadas pelo papel social do falante e do seu interlocutor ou ainda pelo tópico discursivo da conversa. Todavia ficou evidente que essas variantes são muito mais favorecidas em contextos formais, regidos por relações assimétricas. Os resultados gerados pela amostra conjunta permitiram apontar que são os homens que lideram o uso de *você* em contextos de maior formalidade enquanto que as mulheres tendem a conservar o *tu com concordância*. Esse resultado se tornou mais evidente quando da análise por indivíduo.

Foi possível ainda observar que outras formas, como *cê* e *senhor/a*, também compõem o quadro dos tratamentos em São Luís e, igualmente as demais variantes, se encontram na fronteira entre o linguístico e o estilístico. Frente a esses resultados, podemos dizer que:

- a) o uso predominante de *tu sem concordância* (55%) nos leva a afirmar que, ao menos na capital maranhense, esse pronome não está sendo substituído pelo *você*. Essa afirmação é respaldada ainda mediante as ocorrências dessa forma nas posições de sujeito e complemento. A essa última, nos referimos às formas oblíquas *te*, *ti*, *contigo*, muito frequentes no sistema pronominal ludovicense. É possível afirmar que há um valor social dado à forma *tu* tendo em vista sua regularidade em ambientes informais (78%) e formais (58%), tal como

evidenciado na tabela 24, ou seja, é como se essa variante fosse uma estratégia linguística utilizada para manter a identidade linguística da comunidade ludovicense.

Pensando além-mar, poderíamos dizer que nossos resultados se assemelham em partes aos padrões de regularidade e simetria que o *tu* apresenta em terras lusitanas (cf. FARACO, 1996; DANTAS-FERREIRA, 1997). O *tu* maranhense é corrente em toda a comunidade de fala e se sobrepõe, em sua fala cotidiana, em extremos informais e formais, com a terceira pessoa do singular.

b) o *tu com concordância*, por sua vez, se apresentaria como um traço linguístico de diferenciação entre grupos. Isto é, sendo nossa amostra constituída por falantes escolarizados, que nasceram e habitam em ambiente urbano, podemos afirmar que essa variante tem uso mais amplo entre falantes mais escolarizados. Essa afirmação apoia-se nos resultados de Alves (2010) que observou que a escolha linguística dos falantes pouco escolarizados é pelo *tu sem concordância*. Por outro lado, essa variante deve também ser analisada do ponto de vista da situação interacional já que homens e mulheres demonstraram opções divergentes quanto ao uso do *tu com concordância*. Em suma, o *tu com concordância* é favorecido em contextos mais formais, sendo as mulheres o subgrupo de falantes escolarizados que mais fazem uso dessa variante.

c) o *você* caminharia nessa mesma direção, ao apontar uso mais restrito a contextos de maior formalidade. Se assim é e, tendo em vista que essa forma já se configura como opção formal para o engajamento de falantes escolarizados em um estilo mais monitorado, podemos dizer que essa forma concorre com o *tu com concordância* ao posto de formas privilegiadas na comunidade ludovicense.

O fato de essa forma também estar “na boca” dos mais escolarizados justificaria, eu creio, o *status* conferido ao *você* e nos leva a dizer que, nos termos de Labov (2001), estamos diante de um uso que opera acima dos níveis de consciência. Ainda que não se possa falar em mudança, convém hipotetizar que, em um futuro próximo ou não, o falante ludovicense pode:

- i) substituir cada vez mais o *tu com concordância* pelo *você*, seguindo a tendência de se regularizar o sistema;
- ii) eliminar o *você* e manter o *tu com concordância*, como marca identitária do falar local.

Por enquanto, nos limitamos a dizer que é com regularidade que o ludovicense usa o *você* para marcar um distanciamento evidente entre os interlocutores sendo seu uso já observado em contextos de maior monitoramento e maior tensão em interações discursivas informais.

- d) o *cê*, por sua vez, teria uso especializado já que suas ocorrências, em sua maioria, se deram na fala de um único informante. Ainda que esse uso possa parecer mais uma variação intrafalante que um reflexo da comunidade, convém dizer que essa forma foi registrada transitando em contextos de menor e maior formalidade, conforme indicado no nosso estudo e no de Alves (2010). O baixo percentual de ocorrência (1,6%) não nos permite conclusões mais contundentes, mais é curioso notar o registro dessa forma, sobretudo, entre falantes masculinos mais escolarizados. Curiosidade à parte, parece-nos que esse resultado é, de todo modo, esperado já que a análise por indivíduo demonstrou que são os homens que mais usam sua forma plena.
- e) o/a *senhor/a* tem uso formal categórico para denotar o respeito e o tratamento cerimonioso em relações marcadas por uma assimetria evidente, seja pelo fator idade seja pelo fator profissão dos interlocutores. Convém dizer que essa forma tem uso bastante comum em contexto de intimidade para marcar a assimetria entre pais e filhos.

Gostaríamos de acrescentar que os resultados estatísticos aqui apresentados muito se afastam de uma expectativa geral acerca do falar maranhense: tanto os falantes da comunidade como os que fora dela estão acreditam haver um amplo uso de *tu com concordância*. Embora a realidade dos dados indique um baixo percentual de uso dessa variante, convém dizer que a construção da identidade linguística e social do falar maranhense sempre esteve arraigada ao imaginário “europeu” da sociedade ludovicense que, por ser de origem lusitana, tentava a todo custo manter hábitos e costumes dos seus descendentes. Nesse sentido, é lícito afirmar que o *tu com concordância* é assumido como forte traço da comunidade ludovicense que tenta, de certa forma, manter viva a tradição singular da Atenas Brasileira. Soma-se a isto o fato de essa variante ser reforçada entre o grupo de falantes mais escolarizados já que entra e se mantém, no sistema, via escolarização.

O trecho a seguir se mostra como um interessante exemplo do valor linguístico-social e identitário que essa variante tem para os falantes ludovicenses:

(107)

Irmão(1): É... fala pro Thi pra falar pra ele... é... fala pro Thi!

João: Fala pro Thi?!

Irmão(2): Sabe que eles [os falantes de São Paulo] são...

Irmão(1): Eles não tem nome... eles só tem abreviação...

João: Nossa... Oh, tu fica fazendo sotaque... vai que pega... *risos*

Irmão: Ai que bocó, que tu és, João...

João: Beleza...

Irmão: Tu és mesmo filho de uma égua mesmo...

Irmão(b): versão São Luís...

João: Vem cá, tu fala direito lá em São Paulo, heim?!Irmão(1): Ixe, eu só uso o tu com concordância pra marcar a minha maranhensidade.

Irmão (2): Meus amigos acham engraçado...

João: Pega aí tua direita...

Irmão(2): Fala assim como, cara? Correto...

João: Correto?!

Irmão(1): Huum... a casa de dele é lá pra frente... Sim, esse teu amigo é de onde, "T."?! Que fala isso?

Irmão(2): Lá de São Paulo...

irmão (1) de João: F2 (homem, 24 anos, ensino superior)

irmão (2) de João: F3 (homem, 21 anos, ensino superior)

Por fim, salientamos que a complexidade de tratamento em São Luís é o reflexo, além de suas raízes histórico-culturais, de recursos linguísticos selecionados no momento da interação. Os resultados a que chegamos só foram possíveis mediante um olhar mais próximo da rede social do indivíduo e ratificam a necessidade da pesquisa sociolinguística atentar para a intrínseca relação entre a língua(gem) e as práticas sociais nas quais os falantes estão envolvidos.

Em resumo, as diferentes noções de estilo aqui abordadas convergem quando confirmamos que: i) os falantes não têm um estilo único, nos dizeres de Labov (2008 [1972], 2001), ou seja, os ludovicenses têm disponível em sua gramática um sistema pronominal composto de, pelo menos, três formas possíveis para tratar seu interlocutor; ii) os falantes, frente essa gramática compartilhada, fazem suas escolhas linguísticas mediante a audiência e/ou o quadro interacional, nos dizeres de Bell (2001), e refletem sua opção estilística como um recurso distintivo que deriva não só de ideologias da língua, mas do espaço social em que os indivíduos circulam e constituem suas posições, nos dizeres de Irvine (2001). Isso porque, ao preferir um estilo em vez do outro, o falante revela, dentre outras coisas, sua identidade já que dá informações sobre si e, ao mesmo tempo, projeta sua identidade mediante a relação que quer manter com seu interlocutor. Quanto às demais nuances aqui não captadas, atribuímos, tal como Bell (2001), à criatividade do falante, um dos elementos da misteriosa e insondável personalidade humana que sempre deverá permanecer.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010.141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

AMARAL, Luís I. C. **Concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais**. 2003. 181 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ANDRADE, Carolina Queiroz. **.Tu e mais quantos?** A segunda pessoa na fala brasiliense. 2010. 138f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília.

AZEVEDO, Ramiro Corrêa. O falar são-luizense. **Construtura**. São Paulo, n.3, p. 269-278, 1973.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BARBOSA, Alana Brito; RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. Uso das formas pronominais tu, você e a gente como estratégia de indeterminação do sujeito: o que mostram os dados do ALiMA. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 20, n. especial, julho 2013.

BARBOSA, Alana Brito B. **A indeterminação do sujeito no falar ludovicense**. 2015. 19f. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal do Paraná. (Projeto de mestrado em andamento)

BELL, Alan. **Language style as audience design**. *Language in Society*. 13 (2), 1984. p. 145-201.

_____. Back in style: reworking audience design. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 139-169.

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John J. 1972. Social Meaning in Linguistic Structures. In John J. Gumperz and Dell Hymes (eds.). **Directions in Sociolinguistics: the Ethnography of Communication**, pp. 407–34. New York: Holt, Rinehart and Winston.

BORTONNI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004. (Linguagem; 4)

_____. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração de redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRITAIN, David; MATSUMOTO, Kazuko. **Language, Communities, Networks and Practices**. 2008. Disponível em www.homepages.tesco.net/~david.britain/15.pdf Acesso em: 25 de maio de 2013

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R (eds.). **Sociolinguistics** – the essential readings. Malden/Oxford/Melbourne: Blackwell, 2003 [1960], p. 156-176.

CALMON, Elba Nusa. **Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)**. 2010. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

CASTILHO, Ataliba. **A hora e a vez da língua portuguesa**, 2013. Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_34.pdf. Acesso em 25 de janeiro de 2015.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
_____. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. vol.II. Londrina: EDUEL, 2014.

COUTO, Hildo Honório do. **O que é português brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

D'ABEVILLE, C. **História dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2008.

DANTAS-FERREIRA, Fernanda. De “por senhor, que ainda há respeito” a “por tu, como havia de ser”: um estudo em tempo aparente. In: CASTRO, Ivo. (Org.). **Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. vol.I. Lisboa: Colibri, 1997, p.117-123.

D'EVREUX, Yves. **Viagem ao norte do Brasil: feita nos anos de 1613 a 1614**. São Paulo: Siciliano, 2002.

DIAS, Edilene Patrícia. **O uso do tu no português brasileiro falado**. Brasília, 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

DUARTE, Aspectos do sistema pronominal do português falado nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. In: SIMPÓSIO NACIONAL DO GT de SOCIOLINGUISTICA DA ANPOLL, 1996, João Pessoa. **Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL**. Campinas: ANPOLL, 1997, p. 541-509.

DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e historia**. Rio de Janeiro: 7Letras, p.123-131, 2003.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento de você em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, Curitiba, Editora da UFPR, n. 13, p. 51-82, 1996.

FARIA, Regina Helena Martins de. **Mundos do trabalho no Maranhão oitocentista: os descaminhos da liberdade**. São Luís: EDUFMA, 2012.

FISHER, Jonh L. Influências sociais na escolha de variantes linguística. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Livraria eldorado Tijuca, 1974.

FISHMAN, Joshua A. A sociologia da linguagem. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Livraria eldorado Tijuca, 1972.

FURLAN, Oswaldo A. Aspectos da influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. (Orgs.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 165-186.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GUY, Gregory . A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. **Organon** 14/28-29, 2000, p.17-32.

_____.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behaviour**. London: Penguin Books, 1967.

_____. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

HAUSEN, T. Concordância verbal variável do pronome “tu” no interior do Estado de Santa Catarina. 2000. 121p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná.

HERÊNIO, Kerlly Karine Pereira. **Tu e você em uma perspectiva intra-linguística**. 2006. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Uberlândia, 2006.

HUDSON, R. A. **La sociolinguística**. Tradução de Xabier Fálcon. Barcelona: Editorial Anagrama, 1981.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IRVINE, Judith. “Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic Differentiation. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 21-43.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2006.

LACROIX, M. de L. L. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. 3. ed. rev. amp. São Luís: UEMA, 2004.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 85-108.

_____. **The Social Stratification of English in New York City**. 2.ed. Cambridge, 2006.

_____. **Principios del cambio lingüístico** – fatores sociais. Tradução de Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 2006 [1994].

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Principles of Linguistic Change: cognitive and cultural factors**. Cambridge/Oxford: Blackwell. 2010.

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony. **Competências básicas do português**. Relatório final apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. **A variação tu/você na fala brasileira**. Brasília, 2005. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola, 2004.

LOPES, Celia Regina et al. Sobre norma e tratamento em cartas de Rui Barbosa. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Londrina: Eduel, 2009, vol. VII, p. 45-92, 2009.

_____. DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. “De ‘Vossa Merce’ a ‘você’: a análise pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas”. In: BRANDAO, Silvia Figueiredo & MOTA, Maria Antonia (Orgs.). **Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos**. Rio de Janeiro, In-Folio, 2003.

LOREGIAN, Loremi. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. (Dissertação e Mestrado). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2006

MARCOTULIO, Leonardo. **Língua e história: o segundo marquês de Lavradio e as estratégias linguísticas no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Itaca, 2010.

MARTINS, Ananias. Imigrantes esquecidos na fronteira norte: açorianos na colonização e na cultura - Maranhão, século XVII. In: BARROSOS, Vera Lúcia Maciel. **Açorianos no Brasil: história, memória, genealogia e historiografia**. Porto Alegre: Edições EST, 2002, p. 16-41.

MARTINS, Marco Antonio. **Entre estrutura, variação e mudança: uma análise sincrônica das construções com SE indeterminador no Português do Brasil**. 2005. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Os traços formais dos pronomes pessoais nas construções de indeterminação no português do Brasil. **Estudos Linguísticos XXXVI**, jan./abril, 2007, p. 171-180.

MARTINS, Germano Ferreira. **Alternância Tu/Você/Senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas**. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília.

MATTOSO CAMARA JR, Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MEIRELES, M. M. **História do Maranhão**. 3.ed. atual. São Paulo: Siciliano, 2001.

MENON, Odete Pereira da Silva. A indeterminação do sujeito no português do Brasil: NURC-SP e VARSUL. In: VANDRESEN, Paulino. **Variação, mudança e contato linguístico no Português da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2006. Cap. 7, p. 125-167.

_____.; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo: *tu/você* no Sul do Brasil. In: VANDRESSEN, Paulino. (Org.) **Variação e Mudança no português na região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002, p. 147-188.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. London and New York: Routledge, Taylor & Francis e-Library, 2006.

MILANEZ, Wânia. **Recursos de indeterminação do sujeito**. 1982. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.

MILROY, L. **Language and social networks**. 2.ed. Oxford: Blackwell, 1987 [1980].

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford: Blackwell, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. Variação no uso dos pronomes pessoais no português do Brasil. **Verba: Anuário Galego de Filologia**, Santiago de Compostela, n. 17, p.145-57, 1990. Separata.

_____. **Pronomes pessoais**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MONGUILHOTT, Isabel. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de florianopolitanos**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**. LSA, 57(1):63-98, 1981.

NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. **Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento**. 2001. 272f.

Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PAIVA, Maria da Conceição de. **A variável gênero/sexo**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza.(Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.33-42.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia Paredes. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 160-169.

PRAZERES MARANHÃO, Frei Francisco de Nossa Senhora dos Poranduba maranhense. **Revista de Geografia e História**, São Luís, n.1, dez. 1946. Separata.

PIANZOLA, M. **Os papagaios amarelos: os franceses na conquista do Brasil**. Brasília: SECMA/Alhambra, 1992.

POPLACK, Shana. **Function and process in a variable phonology**. 1979. Dissertation, University of Pennsylvania, Pennsylvania.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. **O português falado em São Luís: os pronomes pessoais na posição de sujeito**, 1996. (mimeo).

_____. **O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol peninsular**. Maceió, 1999.109f.Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós- Graduação em Letras, Universidade Federal de Alagoas, 1999.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo *et al.* **O português falado no Maranhão: estudos preliminares**. São Luís: EDUFMA, 2005.

RAMOS, Jânia. O uso das formas *você, ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval da. (Org.) **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997, p.43-60.

RIBEIRO, Jalila Ayoub Jorge. **A desagregação do sistema escravista no Maranhão: 1850-1888**. São Luís: SIOGE, 1990.

RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

RODRIGUES, José Damião. **Do Amazonas ao Prata – os açorianos no povoamento do Brasil: os casais e as levas de militares**, 2008. In: http://www.nea.ufsc.br/palestras_coloquio/JOSE%20DAMIAO.pdf. Acesso em 18 outubro de 2014.

ROMAINE, Suzanne. What is a speech community? In: **Sociolinguistic Variation in Speech Communities**. London: Edward Arnold, 1980.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. **Língua e sociedade: a história do pronome “você” no português brasileiro**. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: NEWMeyer, Frederick J. (Ed.) **Linguistics: the Cambridge survey**. v. 4 (Language: the socio-cultural context), New York: Cambridge University Press, 1988. p.141-160.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, E. **Goldvarb X** – A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 18 jan. 2015

SANTOS, Wendel Silva dos. **A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís**. 2015.142f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral). Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHERRE, M. M. P. Reanálise da concordância nominal em português. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. Paralelismo linguístico. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 9-28, jul./dez. 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil: Um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval da. (Org.) **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia. 1997, p. 93-115.

_____. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 147-177.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. eletrônico, n. especial, 1ª parte, p. 121-146, 2011. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/RVE1/v14.pdf>. Acesso em: 28 agosto 2014.

SERRA, Astolfo. **Guia histórico e sentimental de São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963.

SILVA, Kalina; SILVA, Maciel. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, Maria Elias. **As formas de tratamento nas interações comunicativas**: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza. Rio de Janeiro. 1980. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras), PUC Rio de Janeiro, 1980.

PINTZUK, Susan. **Varbrul programs**. 1988. Inédito. Trad. Ivone Isidoro Pinto, rev. Maria Thereza G. Fioretie, coord. Maria Marta Pereira Scherre (original inglês).

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e no 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e contexto**: uma abordagem cognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VIEIRA, Márcia dos Santos Machado; VIEIRA, Silvia Rodrigues. A representação sócio-geolinguística de fenômenos morfossintáticos. In: CUNHA, Claudia de Souza. (Org.). **Estudos geo-sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras vernáculas, 2006, p. 99-111.

WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistics**.5.ed. Blackwell, 2006. (Blackwell Textbooks in Linguistics; 4)

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno São Paulo: Parábola, 2006.

ZILLES, Ana Maria S.; FARACO, Carlos Alberto. Considerações sobre o discurso reportado em “corpus” da língua oral. In: VANDRESEN, Paulino. (Org.). **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002, p. 15-45.

ANEXO
Parecer CEP

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS / UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA / CAMPUS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: (Re) análise da referência a segunda pessoa no português falado em São Luís-MA

Pesquisador: Cibelle Corrêa Bêliche Alves

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 13469213.0.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Ciências Humanas (IH)

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 326.417

Data da Relatoria: 17/06/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo de doutorado sobre dialetos em São Luís do Maranhão. O trabalho utilizará como fonte de dados falas de informantes ludovicenses - homens e mulheres escolarizados, gravados em situações de interação em suas redes sociais, a partir de observações participantes.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa é Ampliar o conhecimento do português falado em São Luís/MA acerca do uso das formas tu, você, cê e o(a) senhor(a) e da variação nas formas de concordância verbal com o tu, a fim de retificar a existência de um comportamento linguístico diversificado na área dialetal definida.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa limita-se a características da linguagem utilizada pelos participantes da pesquisa, sem envolver seus dados ou informações pessoais, protegendo tais participantes de riscos.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC & ALA NORTE & MEZANINO & SALA B1 & 606 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3307-2760 **E-mail:** ihd@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS / UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA / CAMPUS



Continuação do Parecer: 326.417

Não há, tampouco, benefícios previstos para os participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem desenhada e não apresenta riscos aos participantes. A pesquisadora, no entanto, não informa como irá abordar os sujeitos de pesquisa, de forma que a avaliação dos aspectos éticos do projeto está prejudicada. A pesquisadora informa apenas que os participantes terão mais de 18 anos e "serão selecionados informantes nascidos em São Luis, distribuídos igualmente pelos dois sexos, faixa etária e nível de escolaridade. A seleção dos informantes levará em consideração, ainda, a inserção do informante no contexto social local de modo a assegurar que estes sejam naturais e com residência e trabalho fixos na localidade objeto do estudo."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está adequado às exigências da Resolução 196/96.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências do projeto foram devidamente sanadas pelo pesquisador de forma que os procedimentos de pesquisa encontram-se de acordo com as exigências da Resolução 196/96 e resoluções complementares. Assim sendo, sugiro que o projeto seja considerado aprovado por este Comitê.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC à ALA NORTE à MEZANINO à SALA B1 à 606 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3307-2760 E-mail: lhd@unb.br

INSTITUTO DE CIENCIAS
HUMANAS / UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA / CAMPUS



Continuação do Parecer: 326.417

BRASÍLIA, 04 de Julho de 2013

Assinador por:
Debora Diniz Rodrigues
(Coordenador)